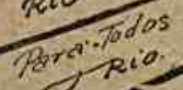
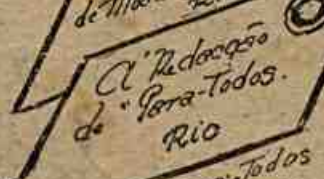
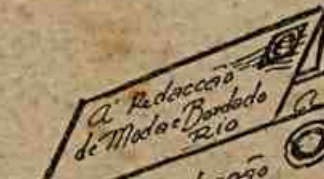
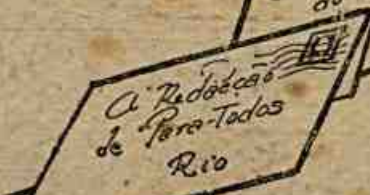
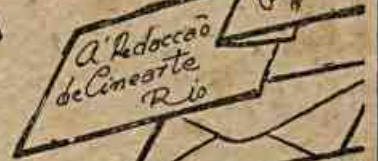
1931

PREÇO
No Rio: 5$000
Nos Estados ou pelo Correio, registrado: 6$000

"ALMANACH DO "O TICO-TICO"

PODEMOS PROVAR

O SUCCESSO E A POPULARIDADE DAS NOSSAS REVISTAS

PELOS MILHARES DE CARTAS QUE NOS CHEGAM CADA DIA...

REVISTA
POPULAR
Cruzeiro
TODA
EM
ROTOGRAVURA
Otto Sachs.

para 1931

JULHO

LEO — 31 DIAS

Dia	Santo
1 — Quarta	S. Theodorico
2 — Quinta	*V. de N. Senhora*
3 — Sexta	S. Jacyntho
4 — Sabbado	Sta. Isabel
5 — *Domingo.*	S. Athanasio
6 — Segunda	S. Domingos
7 — Terça	Sta. Pulcheria
8 — Quarta	S. Procopio
9 — Quinta	S. Cyrillo
10 — Sexta	S. Januario
11 — Sabbado	S. Sabino
12 — *Domingo.*	S. João Gualberto
13 — Segunda	S. Anacleto
14 — Terça	*C. da R. Fran.*
15 — Quarta	S. Camillo
16 — Quinta	N. S. do Carmo
17 — Sexta	S. Aleixo
18 — Sabbado	Sta. Marinha
19 — *Domingo.*	S. Vic. de Paulo
20 — Segunda	S. Jeronymo
21 — Terça	Sta. Praxedes
22 — Quarta	Sta. Maria Mag.
23 — Quinta	S. Apollinario
24 — Sexta	Sta. Christina
25 — Sabbado	S. Christovão
26 — *Domingo.*	S. Simphronio
27 — Segunda	S. Pantaleão
28 — Terça	S. Innocencio
29 — Quarta	Sta. Martha
30 — Quinta	Sta. Donatila
31 — Sexta	S. Ign. de Loyola

AGOSTO

VIRGO — 31 DIAS

Dia	Santo
1 — Sabbado	S. Ethewaldo
2 — *Domingo.*	S. Estevam
3 — Segunda	Sta. Lydia
4 — Terça	S. Aristarcho
5 — Quarta	N. S. das Neves
6 — Quinta	S. Thiago
7 — Sexta	S. Caetano
8 — Sabbado	S. Cyriaco
9 — *Domingo.*	S. Romão
10 — Segunda	S. Lourenço
11 — Terça	S. Tiburcio
12 — Quarta	Sta. Clara
13 — Quinta	S. Hyppolito
14 — Sexta	N. S. da B. Morte
15 — Sabbado	✠ *Assump. N. S.*
16 — *Domingo.*	S. Roque
17 — Segunda	S. Mamede
18 — Terça	Sta. Clara M. Fale
19 — Quarta	S. Luiz
20 — Quinta	S. Bernardo
21 — Sexta	Sta. Joanna Frac.
22 — Sabbado	S. Thimotheo
23 — *Domingo.*	S. Liberato
24 — Segunda	S. Bartholomeu
26 — Terça	S. Genesio
26 — Quarta	S. Zeferino
27 — Quinta	S. José Calazans
28 — Sexta	S. Agostinho
29 — Sabbado	Sta. Sabina
30 — *Domingo.*	Sta. Rosa de Lima
31 — Segunda	S. Raymundo

SETEMBRO

LIBRA — 30 DIAS

Dia	Santo
1 — Terça	S. Egydio
2 — Quarta	S. Ricardo
3 — Quinta	Sta. Eufemia
4 — Sexta	Sta. Rosa Viterbo
5 — Sabbado	S. L. Justiniano
6 — *Domingo.*	Sta. Libania
7 — Segunda	*Ind. do Brasil*
8 — Terça	✠ *Nativ. de N. S.*
9 — Quarta	S. Sergio
10 — Quinta	S. Nicolau Tolent.
11 — Sexta	Sta. Theodora
12 — Sabbado	S. Juvencio
13 — *Domingo.*	S. Amado
14 — Segunda	S. Cornelio
15 — Terça	S. Nicomedes
16 — Quarta	Sta. Edith
17 — Quinta	Sta. Adriana
18 — Sexta	S. José Cupertino
19 — Sabbado	S. Januario
20 — *Domingo.*	S. Eustachio
21 — Segunda	S. Matheus
22 — Terça	S. Mauricio
23 — Quarta	S. Lino
24 — Quinta	S. Geraldo
25 — Sexta	S. Herculano
26 — Sabbado	Sta. Justina
27 — *Domingo.*	S. Cosme e Damião
28 — Segunda	S. Wenceslau
29 — Terça	S. Miguel Arch.
30 — Quarta	S. Jeronymo

OUTUBRO

SCORPIO — 31 DIAS

Dia	Santo
1 — Quinta	S. Verissimo
2 — Sexta	S. Anjo da Guarda
3 — Sabbado	S. Candido
4 — *Domingo.*	S. Fran. Assis
5 — Segunda	S. Placido
6 — Terça	S. Bruno
7 — Quarta	S. Augusto
8 — Quinta	Sta. Brigida
9 — Sexta	S. Dionisio
10 — Sabbado	S. Fran. de Borgia
11 — *Domingo.*	S. Nicacio
12 — Segunda	*Desc. da Amer.*
13 — Terça	S. Eduardo
14 — Quarta	S. Calixto
15 — Quinta	Sta. Th. de Jesus
16 — Sexta	S. Martiniano
17 — Sabbado	Sta. Edwiges
18 — *Domingo.*	S. Lucas E.
19 — Segunda	S. P. Alcantara
20 — Terça	S. João Cancio
21 — Quarta	Sta. Ursula
22 — Quinta	Sta. M. Salome
23 — Sexta	S. Domicio
24 — Sabbado	S. Raphael Arch.
25 — *Domingo.*	S. Chrispim
26 — Segunda	S. Evaristo
27 — Terça	S. Elesbão
28 — Quarta	S. Simão
29 — Quinta	S. Feliciano
30 — Sexta	S. Serapião
31 — Sabbado	S. Quintino

NOVEMBRO

SAGITTARIUS — 30 DIAS

Dia	Santo
1 — *Domingo.*	✠ *T. os Santos*
2 — Segunda	*Com. dos mortos*
3 — Terça	S. Malachias
4 — Quarta	S. Carlos Borrom.
5 — Quinta	Sta. Mathilde
6 — Sexta	S. Leonardo
7 — Sabbado	S. Florencio
8 — *Domingo.*	S. Severiano
9 — Segunda	S. Theodoro
10 — Terça	S. André Avelino
11 — Quarta	S. Martinho
12 — Quinta	S. Diogo
13 — Sexta	S. Eugenio
14 — Sabbado	S. Clementino
15 — *Domingo.*	*Procl. da Rep.*
16 — Segunda	S. Edmundo
17 — Terça	S. Gregorio
18 — Quarta	L. Romão
19 — Quinta	Sta. Isabel, rainha
20 — Sexta	S. Felix Valois
21 — Sabbado	S. Columbiano
22 — *Domingo.*	Sta. Cecilia
23 — Segunda	S. Clemente
24 — Terça	Sta. Flora
25 — Quarta	Sta. Catharina
26 — Quinta	S. Pedro Alexan.
27 — Sexta	S. Virgilio
28 — Sabbado	S. Mansueto
29 — *Domingo.*	*1º do Advento*
30 — Segunda	S. André

DEZEMBRO

CAPRICORNIOS — 31 DIAS

Dia	Santo
1 — Terça	S. Eloy
2 — Quarta	Sta. Balbina
3 — Quinta	S. Franc. Xavier
4 — Sexta	Sta. Barbara
5 — Sabbado	S. Geraldo
6 — *Domingo.*	S. Nicolau
7 — Segunda	S. Ambrosio
8 — Terça	✠ *Imm. Conceição*
9 — Quarta	Sta. Leocadia
10 — Quinta	S. Melchiades
11 — Sexta	S. Damasco
12 — Sabbado	S. Justino
13 — *Domingo.*	Sta. Luzia
14 — Segunda	S. Angelo
15 — Terça	S. Valeriano
16 — Quarta	Sta. Adelaide
17 — Quinta	S. Lazaro
18 — Sexta	S. Esperidião
19 — Sabbado	S. Fausto
20 — *Domingo.*	S. Dom. de Silos
21 — Segunda	S. Thomé
22 — Terça	Sta. Honorata
23 — Quarta	S. Servulo
24 — Quinta	S. Gregorio
25 — *Sexta*	✠ *N. de Jesus*
26 — Sabbado	S. Estevam
27 — *Domingo.*	S. J. Evangelista
28 — Segunda	SS. Innocentes
29 — Terça	S. Thomaz
30 — Quarta	S. Hilario
31 — Quinta	S. Sylvestre

O astuto aldeão

Roubaram, certa vez, de um aldeão o melhor cavallo que havia na sua cocheira. Poucos dias depois o aldeão resolveu comprar outro animal e, para esse fim, foi a feira, que se reunia em um logar distante cinco leguas de sua fazenda.

Grande foi a surpresa do aldeão quando, entre os cavallos que estavam á venda, reconheceu o que lhe havia sido roubado. Tomando, immediatamente, o animal pelo cabestro, o aldeão gritou:

— Este animal é meu. Roubaram-me ha tres dias!

O homem que havia levado o cavallo á feira respondeu cortezmente:

— O meu amigo está enganado. Ha mais de um anno que possuo este cavallo. É possivel que se pareça muito com o que lhe roubaram, mas asseguro que este é meu!

Ouvindo taes palavras, o aldeão tapou os olhos do cavallo com as mãos e disse:

— Se, como o senhor affirma, ha um anno que possue este animal, póde dizer, com segurança de que olho elle é cégo?

O vendedor, que em verdade havia roubado o cavallo mas não o examinara minuciosamente, alarmou-se com a pergunta, mas respondeu:

— Do olho esquerdo.

— Está enganado — replicou o aldeão. O cavallo não é cégo do olho esquerdo...

— Foi um engano meu — respondeu o ladrão. O cavallo é cégo do olho direito.

No mesmo instante o aldeão tirou as mãos dos olhos do cavallo e exclamou:

— Está provado que você é um ladrão e um mentiroso. Podem isso provar todas as pessoas que me rodeiam. Este cavallo vê com ambos os olhos, não é cégo. Recorri a esse expediente para desmascarar esse individuo.

Os curiosos, que se haviam reunido um grande numero, começaram a gritar:

— Ladrão! Ladrão!

O homem teve de restituir o cavallo ao seu dono legitimo e foi condemnado, como ladrão, a uma pena severa.

BALÕES

A policia prohibiu a gente de soltar balões. Por que? — não se sabe bem. Dizem que é por causa dos incendios que elles, muitas vezes, ao cahir, ateiam.

E' pena...

Era tão bonito a gente vêr, nas noites de Junho, aquellas luzes tremulas a coalharem o céo, a se confundirem com as estrellas... Era tão gostoso a gente seguir com os olhos a trajectoria, ora curta e rapida, ora vagarosa e longa, das luzes pequeninas dos balões, desses balões tão parecidos com as nossas illusões...

A's vezes subindo esperançosos e contentes para cahir logo adeante... A's vezes caminhando velozes e triumphantes, levados por um vento amigo, para só descer longe, muito longe... A's vezes nem chegando a subir, por se queimarem logo, quando não ficam ahi pelo chão, abandonados e inuteis, rasgados pelas mãos malvadas de uma creança qualquer...

* * *

Agora, nas noites bonitas de Junho, não haverá mais balões no céo.

A policia não quer. E quando ella não quer só nos resta conformarmos com a sua vontade...

Daquelle espectaculo bonito das noites de Santo Antonio, São João e São Pedro, com milhares de luzes pequeninas a singrarem o céo, a se confundirem com as estrellas, só ficará a saudade, a saudade grande e triste que a gente sente das coisas bôas e bonitas que não verá mais...

Nelson de Lara Cruz.

A VELHA CASA em que viveram os nossos avós é a residencia ideal. O seguro de vida não somente protege a familia, mas tambem a nossa casa, além de nos amparar na velhice.

BASTA saber que o seguro equivale a adquirir dinheiro para entrega futura, concorrendo com pequenas sommas annuaes para formação de um peculio certo. Mas tambem convem saber que esse dinheiro nunca é perdido. Quando não é aproveitado na velhice, a familia o aproveita.

CARIDADE é uma virtude; mas é humilhante para quem a recebe. A familia terá de supportar a caridade se o homem não soube preparar o seu futuro.

DESDE que se adia um seguro de vida, prolonga-se a incerteza do futuro. Agora, emquanto se está gosando saude é o momento de o obter. No mez vindouro, talvez seja tarde. Não fujas a esse dever.

E' a «*Sul America*» o sol que nos aquece o frio da velhice. O seguro de vida constitue não somente um processo de economisar, mas tambem uma protecção effectiva.

FOI sempre o medo um factor para encurtar a vida. O seguro de vida prolonga-a afastando apprehensões no futuro.

GRANDES FINANCEIROS, commerciantes e advogados recommendam o seguro de vida. Elles tambem fazem grandes seguros.

HA HOMENS que deixam caducar um seguro de vida e morrem pensando nisso.

ISTO ESTA' PROVADO: E' mais barato viver com o seguro de vida que morrer sem elle.

JUSTIFICA-SE o dinheiro que se despende com o seguro de vida, sabendo-se que elle trabalha para o homem como para sua familia.

KILOS E KILOS de tinta têm sido gastos para dizer isto que é tão simples: Conserva teu seguro de vida. E' bom para tua familia; aproveita a ti mesmo, previne a familia contra os temporaes da vida.

LOGO que o pae de familia morre, verifica-se que o seguro de vida é a unica cousa que se adquire por prestações e que a viuva não continua a pagar.

MUITOS homens criam instituições que favorecem a humanidade; mas passam rapido pelo mundo. A «*Sul America*» permanece. Todos os mezes muitos cheques são emittidos para pagamento a beneficiarios no vencimento da apolice.

NÃO HA oscillações da Bolsa que inquietem o possuidor de apolices de seguros. Essas apolices são titulos de valor certo e garantido.

O HOMEM que tem um seguro de vida não receiará que a hypotheca de sua casa seja executada quando elle morrer. Não ha temores para a familia quando tenha a protegel-a um seguro de vida.

POBREZA e privações não escurecem a entrada da casa de uma viuva quando um seguro de vida sobre ella estendeu sua protecção.

QUANTAS vezes se terá perguntado: Tua viuva se vestirá tão bem quanto tua esposa? A *Sul America* proporcionar-lhe-á os meios de adquirir casa, alimento e vestuario.

RISCOS não pode haver no emprego de dinheiro em uma apolice de seguro de vida. A *Sul America* pode tambem pagar o dobro se um accidente for a causa da morte.

SI *ALGUMAS* esposas não consideram o valor do seguro de vida, *todas* as viuvas o reconhecem.

TERA'S no seguro de vida os sapatos que andarão em busca do dinheiro para tua familia, quando já não estiveres no mundo.

UMA precaução mais sensata que a do seguro de vida não se conhece; e não é preciso morrer para ganhar. Todos os annos a *Sul America* paga milhares de contos a segurados vivos.

VARIOS HOMENS esquecem-se de calcular o seu seguro de vida pela sua capacidade de ganhar dinheiro. Si examinarem as cifras como base de rendimento dos seguros que se possue, provavelmente elles serão surprehendentemente baixos.

WATT é uma medida de força electrica. O seguro de vida é um modo de avaliar o espirito de previdencia. O que ha de mais pathetico que um lar sem mãe? — A mãe sem lar.

X é a incognita do futuro de uma familia. O seguro de vida é a solução. Agora é o momento. Um simples minuto empregado em pensar neste assumpto pode poupar tormentos durante a vida inteira de uma familia.

AGORA

YPIRANGA: Independencia ou Morte. O seguro de vida é a independencia de uma familia depois da morte de seu protector. O seguro de vida permitte que a visão alcance um futuro distante.

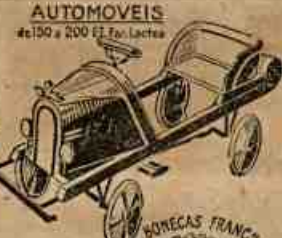
ZERO é o total de algumas heranças depois de deduzidas as despesas com procuradores, inventariantes, custas, impostos, etc. O seguro de vida está sempre provando que é uma herança intangivel; só o beneficiario della se aproveita. E' um patrimonio que sempre vale 100%.

"SUL AMERICA"

COMPANHIA NACIONAL DE SEGUROS DE VIDA

Séde Social: Ouvidor, esquina de Quitanda

RIO DE JANEIRO

Todos os objectos illustrados nesta folha vos serão entregues sem despeza alguma. Basta reunir a quantidade de etiquetas de Farinha Lactea Nestlé ou de Leite Condensado "Moça" correspondente ao objecto desejado.
Aproveitae esta occasião excepcional para dar bellos brinquedos a vossos filhos ou completar vossa bateria de cosinha. As etiquetas aceitaveis são as adherentes ás latas (não o envollorio exterior). Vinde trocal-as sem tardar, de 9 ás 11 e de 1 ás 4 á Rua Santa Luzia 242, na Companhia Nestlé.
FERVEDOR DE LEITE
30 ET. Far. Lactea
BRINQUEDOS SORTIDOS
de 2 a 10 ET. Far. Lactea
BONECA
150 Etiq. Far. Lactea
CALDEIRÕES
de 30 a 40 Et. Far. Lact.
BEBÉS
VESTIDOS
50 ET. Far. Lact.
AUTOMOVEIS
de 150 a 200 ET. Far. Lactea
CACHE-POT
50 ET. Far. Lactea
CUBOS
30 ET. Far. Lactea
CUPIDOS
de 5 a 150 ET. Far. Lact.
PIÕES
5 ET. Far. Lactea
PATINETTES
70 ET. Far. Lactea
CONCHAS, CHICARAS com PIRES, COPOS e FORMAS p. EMPADAS
de 2 a 5 ET. Far. Lactea
BONECAS FRANC.
10 ET. Far. Lactea
PING-PONG
30 ET. Far. Lactea
TALHERES
2 ET. Far. Lact.
CESTA p/ BEBÉ
10 ET. Far. Lactea
BOLAS
5 ET. Far. Lactea
CHOCALHOS
de 1 a 10 ET. Far. Lactea
CAFETEIRAS
de 40 a 50 ET. Far. Lact.
FRUCTEIRA
200 ET. Far. Lactea
MACACO ou CACHORRO
150 ET. Far. Lact.
CAÇAROLAS DE ALUMINIO
de 10 a 40 ET. Far. Lact.
FARINHEIRA c/ COLHER
20 ET. Far. Lactea
VELOCIPEDE
150 ET. Far. Lactea
CHALEIRAS
de 50 a 70 ET. Far. Lact.
JARRA (PRATEADA)
80 ET. Far. Lactea
LAPIS FINOS
1 ET. Far. Lactea
PETECAS
9 ET. Far. Lact.
APP. PARA CRIANÇAS
10 ET. Far. Lactea
CAÇAROLAS FRIGIDEIRAS DE ALUMINIO
de 10 a 20 ET. Far. Lact.
FOGÃO
de 20 ET. Far. Lact.
DESPERTADOR RELOGIOS
de 70 a 100 ET. Far. Lact.
Os numeros assignalados se referem a etiquetas de Farinha Lactea Nestlé, uma das quaes corresponde a quatro de Leite Condensado "Moça"
LEITE CONDENSADO MARCA MOÇA
FARINHA LACTEA NESTLÉ
Estas são as etiquetas a trocar.

ALMANACH DO "O TICO-TICO"

Saudando seus queridos leitores, aos quaes augura as maiores felicidades no decorrer do Anno Novo, o *Almanach do O TICO-TICO* tambem formúla ardentes votos, com a harmoniosa cohorte de seus personagens, para que todas as creanças do Brasil consigam prosperidade nos estudos.

1931

TIRADENTES:

Illustrações de Cicero Valladares..

Foi em Villa Rica, hoje Ouro Preto, cidade de Minas, que nasceu a Conjuração Mineira ou Conjuração de Tiradentes. Os conjurados reuniam-se em casa de Claudio Manoel da Costa e tinham em planos proclamar a Independencia do Brasil sob a fórma de republica igual á dos E. Unidos da America do Norte.

Adoptaram uma bandeira branca com um triangulo azul, branco e vermelho ao centro, em cujo triangulo um indio quebrava grilhões. Encimava o mesmo o distico latino "Libertas quæ sera tamem" (Liberdade ainda que tardia).

Entre os conjurados destacavam-se homens de responsabilidade como Tiradentes — o chefe, Ignacio de Alvarenga Peixoto, Thomaz Antonio Gonzaga, Claudio Manoel da Costa, José Alvares Maciel, Domingos ...

... Vidal de Barbosa e outros que faziam *meetings* em praças publicas e outras propagandas, prégando abertamente a revolução! *Tiradentes* era a alcunha de Joaquim José da Silva Xavier alferes do regimento real.

Tiradentes procurou conseguir o apoio do proprio commandante do seu regimento o ...

... tenente Coronel Francisco de Paula Freire de Andrade. A principio o commandante ficou indignado com o seu inferior, mas acabou concordando entrar na conspiração.

Retirou-se *Tiradentes* muito satisfeito da casa do seu superior e procurou em seguida o capitão Maximiamo de Oliveira Leite ...

... que o recebeu muito mal ameaçando-o de denuncial-o.

Entre os conjurados havia um portuguez, o Coronel Joaquim Silveiro dos Reis, que, sabendo e tomando parte em todos as tramas da conspiração, traiu os companheiros denunciando-os a ...

... Luiz Furtado de Mendonça, visconde de Barbacena e governador de Minas Geraes. Pediu o governador a Joaquim Silverio que continuasse a espionar os conjurados, promettendo-lhe grande recompensa após a prisão de todos.

Identico desejo despertou em dous ...

... patricios de Joaquim Silverio — os tenentes coroneis Malheiro do Lago e Corrêa Pamplona que descobriram a casa onde se reuniam os conspiradores e deram denuncia por escripto em carta ao governador.

Dahi em diante começou Tiratentes reparar que os vultos não o deixavam. Seguiam-no por

... toda a parte e, apparentando nada saber, ordenou Luiz de Vasconsellos que negassem passaporte a Tiradentes.

Em vista disto Tiratentes resolveu vir para o Rio. Secretamente Joaquim Silverio o acompanhou e descobriu que o alferes se occultava na casa de Domingos

... Fernandes da Cruz, ourives torneiro estabelecido á rua dos Latoeiros, hoje Gonçalves Dias, e a quem fôra apresentado pela viuva D. Ignacia Gertrudes de Almeida, que favores devia a Tiradentes por ter salvado, com os seus conhecimentos de medicina, uma sua filha gravemente enforma.

Thomaz Antonio Gonzaga — um dos conjurados

No dia seguinte, á sua chegada á casa de Domingos, recebeu Tiradentes a visita do Padre Ignacio Nogueira, sobrinho de D. Gertrudes. Pediu-lhe Tiradentes que fosse á casa de Joaquim Silveiro dos Reis informar-se da marcha dos acontecimentos.

Vice-Rei D. Luiz de Vasconcellos e Souza — que condemnou Tiradentes.

Foi o padre Ignacio immediatamente á casa de Joaquim Silveiro, expondo-lhe o motivo de sua visita. Joaquim Silveiro começou a fazer-lhe muitas perguntas e a indagar onde se achava Tiradentes. Desconfiado, o padre Ignacio tudo occultou, dizendo-lhe que procuraria fazer com que elle se communi-

casse com o coronel. Quando se despediu o padre Ignacio de Joaquim Silveiro, entrava um outro padre, filho de um ourives que reconheceu o padre Ignacio e o abraçou. Percebeu Joaquim Silveiro a vantagem que poderia tirar do segundo padre e tratou ...

... de despedir o primeiro, agradecendo-lhe a visita. Apenas se retirou o padre Ignacio, era o outro interrogado e tudo minuciosamente se desvendou. Immediatamente foi Joaquim Silverio tudo relatar ao vice-rei que mandou uma escolta prender o padre Ignacio.

Em presença do vice-rei foi o pobre ...

... padre Ignacio submettido a rigoroso interrogatorio e maus tratos e vencido pela fraqueza humana tudo descobriu á autoridade. Sabedor do esconderijo de Tiradentes, mandou o vice-rei que uma escolta, sob o commando do Alferes Vidal, cercasse a casa do ourives Domingos e prendesse o conspirador mineiro, ...

... Preso, foi Tiradentes declarado incommunicavel e guardado por sentinellas á vista.

Outras prisões foram feitas aqui no Rio, entre as quaes a do capitão Manoel Joaquim de Sá Pinto do Rego Fortes, que foi mandado para a fortaleza do ...

... morro do Castello. Ao mesmo tempo, iniciavam-se, em Minas, por ordem do governo, innumeras prisões de pessôas envolvidas directa ou indirectamente na conspiração.

Por ordem do vice-rei foi para Villa Rica o Major José Botelho de Lacerda, afim de conduzir para o Rio os cumplices que lá ...

... se achavam, o que se verificou, com excepção de Claudio Manoel da Costa que, na manhã de 4 de Julho de 1789, foi encontrado enforcado na cadeia de Villa Rica, onde se achava.

Tiradentes tomou sobre si toda a responsabilidade do crime do que deu solenne prova, exul-

tando ao saber que não arrastava comsigo á morte nenhum de seus companheiros. Terminados os processos foram 12 condemnados á morte, cinco a degredo perpetuo os restantes a penas leves.

Porém, de accordo com a carta regia de 15 de Outubro de 1790, as penas de ...

... morte foram commutadas em degredo para a Africa, excepção de Tiratentes. A 21 de Abril de 1792, foi o grande martyr enforcado no campo da Lampadosa, onde hoje se ergue a Escola Tiradentes. E as suas ultimas palavras foram: "O meu Redemptor morreu por mim tambem assim!..."

O DOURADO

Era uma vez um pobre homem que só tinha uma pequena cabana, que ficava isolada entre altas montanhas e florestas virgens.

A casinha era feita de toscos troncos de arvores e as frestas entre os troncos eram tapadas com musgo

Em todo o caso, apesar da apparencia pobre da casa. a vida lá dentro era alegre, porque moravam nella a brava mulher do pobre homem e seis filhos, que eram rapazes alegres, sadios e ruidosos.

Quando o tempo estava chuvoso, os seis meninos ficavam na casinha, abrigados; só de vez em quando, quando isto se tornava muito enfadonho, espiavam curiosos através das frestas, como fazem os passarinhos aborrecidos de estarem no ninho. Mas, assim que o tempo ficava secco, sahiam apressados e corriam afanosos ou brincalhões em torno da casinha ou pelos morros.

O que elles mais gostavam de fazer era procurar o pae, que tomava conta do gado ou fazia lenha nas florestas. Era uma alegria quando elles se dirigiam, entre as arvores verdes, para levar o almoço ao seu querido pae. Um levava o pão no braço; outro, a garrafa dagua pendurada a tira-collo e procurava, no caminho, borboletas, com grande alarido, que ecoava pela floresta afóra; o terceiro arrastava uma cesta com carne e verduras; o quarto levava a terrina de sopa á cabeça, e o quinto, os talheres e os pratos. O sexto nunca levava cousa alguma para o pae.

Elle preferia mil vezes ter na mão um ramo de arvore, com o qual seguia, adeante dos irmãos. Era muito differente dos outros; apesar de ser o mais moço de todos era o mais forte e o mais bello. Seu rosto brilhava, tão suave como a luz das estrellas e seu cabello amarellado cahia sobre os hombros, como ouro luminoso; por isso todos que o conheciam lhe chamavam o *Dourado*.

Se elle ia adeante dos irmãos, estes ficavam corajosos e, dirigidos por elle, passavam, muitas vezes, todo o dia nas florestas, até altas horas da noite; quando, porém, elle não queria acompanhal-os, com o verde ramo de arvore, os outros não tinham coragem de abandonar a cabana, com receio de que alguma cousa desagradavel lhes succedesse.

Certa vez, num dia muito quente os seis meninos, de manhã cedo, sahiram á procura do pae, e, como estava muito sombrio e fresco na floresta, permaneceram todo o dia fóra, para colher morangos e feixinhos.

Afinal, quando a estrella da tarde começou a brilhar, disse-lhes o pae que deviam voltar para casa.

— Eu irei logo após, disse elle, assim que acabar de pôr abaixo esta arvore; vão vocês antes de mim, para que a mamãe não se afflija.

Os meninos obedeceram. Correram através das mattas mas, para se divertirem, escolhiam as gargantas dos morros, subiam por ingremes picadas. E, quando escureceu, não se

amedrontaram, porque o *Dourado* estava com elles, com o ramo verde na mão.

De repente elle parou, porque appareceu fumaça no ar e nos ramos das arvores, de subito. E quando levantou o olhar viu que nos ramos dos altos pinheiros tudo estava envolvido num nevoeiro azulado. No alto, porém, estava sentada uma bella moça sobre uma rocha escarpada, rodeada de uma claridade brilhante, com uma corôa de diamantes sobre a cabeça; seu cabello brilhava como a lua e ondulava ao vento, emquanto ella enrolava um fio numa roca de ouro, cantando um cantico em que se tratava de um tentilhão (uma avesinha), de uma rosa de ouro e de uma corôa de rei, no seio do mar.

Mas, ainda no começo do canto, partiu-se o fio que ella fiava. A roca de ouro cahiu no abysmo, como uma faisca, com um estrondo enorme e a terra tremeu tanto, que os seis irmãos, aterrorizados, correram para todos os lados, um para cá outro para lá!

Neste interim, ficou tudo tão escuro, que nenhum podia ver o outro; tambem nenhum podia ouvir o outro, por mais alto que gritasse, e assim, cada qual teve que procurar, por si mesmo, a sahida da floresta.

O mesmo aconteceu com o *Dourado*. Sem perder o ramo, elle andou sete dias e sete noites pela floresta, alimentando-se com toda a especie de frutas. Depois de sete dias attingiu elle um lindo prado. Ao vel-o, perdeu toda a sua tristeza. Quando elle vagava sobre a relva, gosando á vontade a luz do sol e o cheiro das flores, sentiu-se preso nos fios de uma armadilha para apanhar passarinhos. O apanhador de passarinhos, que estava escondido, sahiu rindo-se, do seu esconderijo, e, emquanto o ajudava a livrar-se dos cordões, disse:

— Estás vendo, rapaz, assim se apanham tentilhões coloridos, como tu. Tu me agradas e has de ficar agora commigo para que eu te ensine a apanhar passarinhos.

Dourado tinha perdido a esperança que seus paes e irmãos o descobrissem, por isso elle até gostou do convite do apanhador de passarinhos. Elle aprendeu tão depressa, que este lhe entregou muito breve uma rêde para tal fim. *Dourado* armou a rêde e logo após apanhou um bello tentilhão, branco como neve. Quando, porém, elle mostrou o passaro ao homem, este exclamou:

— Vae-te para o diabo, rapaz! Agora tens que te avir com o inferno, e eu não quero saber nem de ti nem do teu passaro branco.

E assim dizendo arrebatou o passarinho da mão do menino e o matou com os pés; em seguida repelliu o *Dourado* com muitas palavras de censura.

O menino correu então pela floresta, pedindo a Deus que lhe permittisse encontrar seus paes e seus irmãos. Mas por mais que elle caminhasse não achava sahida. Só depois de outros sete dias chegou a uma clareira e, ao sahir della, achou-se num jardim admiravel, cheio de flores tão bellas como elle jámais tinha visto.

Assim que o jardineiro o viu, dirigiu-se a elle e disse:

— Um rapaz como tu é mesmo de que eu estou precisando! Fica commigo e eu te ensinarei a arte magnifica de fazer crescer e florir as flores e as arvores.

Dourado ficou bem contente, porque gostava das flores; um pombinho que costumava a estar sobre o tecto da casinha do jardineiro arrulhava com tanta confiança, que elle se sentia ahi ainda melhor do que na cabana do seu pae. Então ficou ajudando o jardineiro nos serviços, sempre attento a tudo o que este lhe ensinava.

No terceiro dia disse-lhe o jardineiro:

— Agora vae á floresta e traze-me uma roseira agreste afim de que eu faça enxerto de roseiras delicadas.

Dourado cumpriu a ordem e pouco depois voltou, trazendo uma roseira, que tinha lindas rosas côr de ouro e tão artisticas que o mais habil ourives não poderia fazer eguaes nem mesmo para um rei.

Mas o jardineiro ao vel-a, exclamou desesperado:

— Vae-te para o demonio! Tu tens que te avir com o inferno! Não quero saber de ti nem das tuas rosas de ouro!

Pisou as flores e repelliu o menino com palavras injuriosas.

Dourado seguiu de novo pela floresta errando sete dias mais de arvore a arvore, de rochedo a rochedo, sem

encontrar um unico ser humano. E quando elle pensava que os seus paes e seus irmãos tinham um tecto para se abrigarem, vinham-lhe as lagrimas aos olhos, porque elle não podia mais achar o lar querido.

No setimo dia, afinal, abriu-se a floresta de uma vez e quando *Dourado* sahiu, viu o mar deante delle, tão claro e brilhante, que esqueceu as suas tristezas, porque nunca em sua vida tinha visto um tão vasto espelho de crystal Longe, no azul distante, levantavam-se montanhas tão altas como o céo, e em baixo, junto ás montanhas, havia admiraveis aldeias e cidades.

Quando o menino viu tanta belleza, e começou a pensar como é que elle poderia transpor aquelle mar, uma barquinha chegou á praia, junto delle. Os pescadores que estavam na barquinha, lhe disseram:

— Vem, bonito menino; nós te ensinaremos a pescar!

Dourado deixou-se cahir e entrou na barca. Os pescadores, porém, que eram tres, lançaram a rêde. Mas, por

se sentiu doente e estava para morrer, atirou a corôa para o mar e exclamou:

— Ninguem deve occupar o meu throno, até que um menino appareça que retire esta corôa do fundo do mar! Elle será, então, o rei e todo o povo deverá respeital-o e servil-o.

E quando o mais velho assim falou, curvaram-se de novo os pescadores deante de *Dourado*, puzeram a corôa sobre sua cabeça cheia de cachos louros, levaram-no para deante, sobre o mar, na barquinha, passando pelas aldeias e cidades, exclamando sempre:

— Viva o nosso Rei!

E todo o povo que estava pelas praias os acompanhava na saudação.

De repente a barquinha de *Dourado* foi cercada por uma esquadra de navios muito bonitos e embandeirados.

Dourado passou para um dos navios dessa bella e poderosa esquadra, o qual ficou sendo o capitanea.

No momento do embarque toda a vistosa e bella tripulação, formada em linha, lhe prestou as devidas honras militares.

maior numero de vezes que elles colhessem a rêde, não vinha peixe algum preso dentro das suas malhas.

Então, disse-lhes *Dourado*:

— Como querem vocês apanhar peixes, se não entendem nada desta arte? Entreguem-me a rêde e vejam se eu me saio melhor.

Deram-lhe, então, uma rêde. *Dourado* lançou-a e, quando a colheu, veiu nella uma corôa dourada que brilhava como o sol.

Ao verem isso, os pescadores ficaram fóra de si com immensa alegria, exclamando:

— Viva o nosso Rei!

E cahiram de joelhos deante do menino.

Dourado, porém, não sabia como isto aconteceu. Então falou o mais velho dos tres pescadores:

— Ouça! Ha muitos annos reinava um rei poderoso nestas terras; elle era muito triste, porque não tinha filhos. Quando

Dourado sentia-se profundamente commovido ante o succedido.

Depois de tantas e tão variadas peripecias pela floresta mysteriosa, onde fôra tão deshumanamente tratado, surgia agora, inesperadamente, a maior recompensa a que póde aspirar um pobre mortal!

Não era filho de monarchas.

Antes, pelo contrario. Seus paes eram paupérrimos. Só possuiam uma cabana e seis filhos saudaveis, como unica fortuna e auxilio.

Após profunda meditação em que ergueu o pensamento a Jehovah, seu Creador e protector em tão crueis provações, passou ao camarote real, onde lhe foi envergada a farda de almirante da poderosa esquadra daquelle bem fadado reino.

Parecia-lhe que estava sendo victima de um sonho das *Mil e uma Noites*, sonho cheio de perfumes e grandezas.

Fez-se a esquadra ao largo após as salvas do estylo, as fortalezas embandeiraram em arco e não tardou que aproasse ao porto da capital do opulento reino.

El-rei *Dourado* commandou a esquadra como se nunca tivesse feito outra cousa e as suas ordens eram immediatamente executadas.

Chegou finalmente a esquadra á capital do reino. Já um aguerrido exercito ali o aguardava. Uma multidão compacta tambem o acclamou delirantemente. Num esplendido carro real foi transportado, entre fileiras de couraceiros, ao palacio, onde na presença dos grandes da côrte e do clero, foi solemnemente coroado rei. Essa cerimonia revestiu-se de extraordinaria grandeza.

Cingindo a corôa real que lhe fôra destinada pelo fallecido soberano, e imposta pelo Condestavel do Reino, o joven monarcha prestou juramento que consistia em defender a integridade do Reino e seus fóros e contrahir matrimonio com uma princeza ou fidalga da velha nobreza nacional.

Prestado o solemne juramento e acclamado pelo Condestavel, que de espada em punho bradou: *Real, real, real por El-Rei de Golconda!*, subiu El-rei ao scintillante throno por onde desfilaram vagarosamente todas as altas personalidades da côrte, inclusive damas da velha nobreza nacional, algumas de peregrina belleza. Todos protestaram fidelidade ao joven soberano, que em seguida foi convidado a percorrer o seu sumptuoso palacio, maravilha de arte architectonica e de fantastica sumptuosidade.

Passou-se ao magnifico salão onde se ia dar um banquete a toda a côrte, ao Exercito, á Marinha, ao Clero e Corpo Diplomatico e que se realizou no maior enthusiasmo, abrilhantado por harmoniosas orchestras. A' noite a cidade foi illuminada feericamente. Nas praças publicas organizaram-se bailes populares.

Houve, por fim, um elegantissimo baile, no estylo Luiz XV, que foi uma verdadeira apotheose ás formosas damas da côrte.

Ahi teve Sua Magestade ensejo de conhecer a Bella Princeza dos Cabellos de Ouro, sobrinha do fallecido sobreano, pela qual logo se apaixonou, cuja mão pediu, para sua esposa e Rainha.

Foi então pelo Condestavel do Reino marcado o dia de tão faustoso acontecimento, com grande satisfação da futura Rainha.

Não se esqueceu o joven soberano de seus paes, irmãos, e da patria ausente. Enviou immediatamente uma embaixada ás fronteiras do reino visinho, com a incumbencia de os trazer já investidos de titulos e dignamente apresentaveis.

Seguiram-se festas deslumbrantes da coroação do novo soberano, em que tomaram parte os paes e irmãos de El-rei, como membros da côrte. Foi um reinado cheio de felicidade.

Assim teve o *Dourado* o premio que Deus concede áquelles que soffrem com resignação christã. ❖ ❖ ❖ ❖

A ESCADA

NAQUELLA noite chovia muito fóra de casa. Um vento humido penetrava por baixo das portas e a luz electrica faltara.

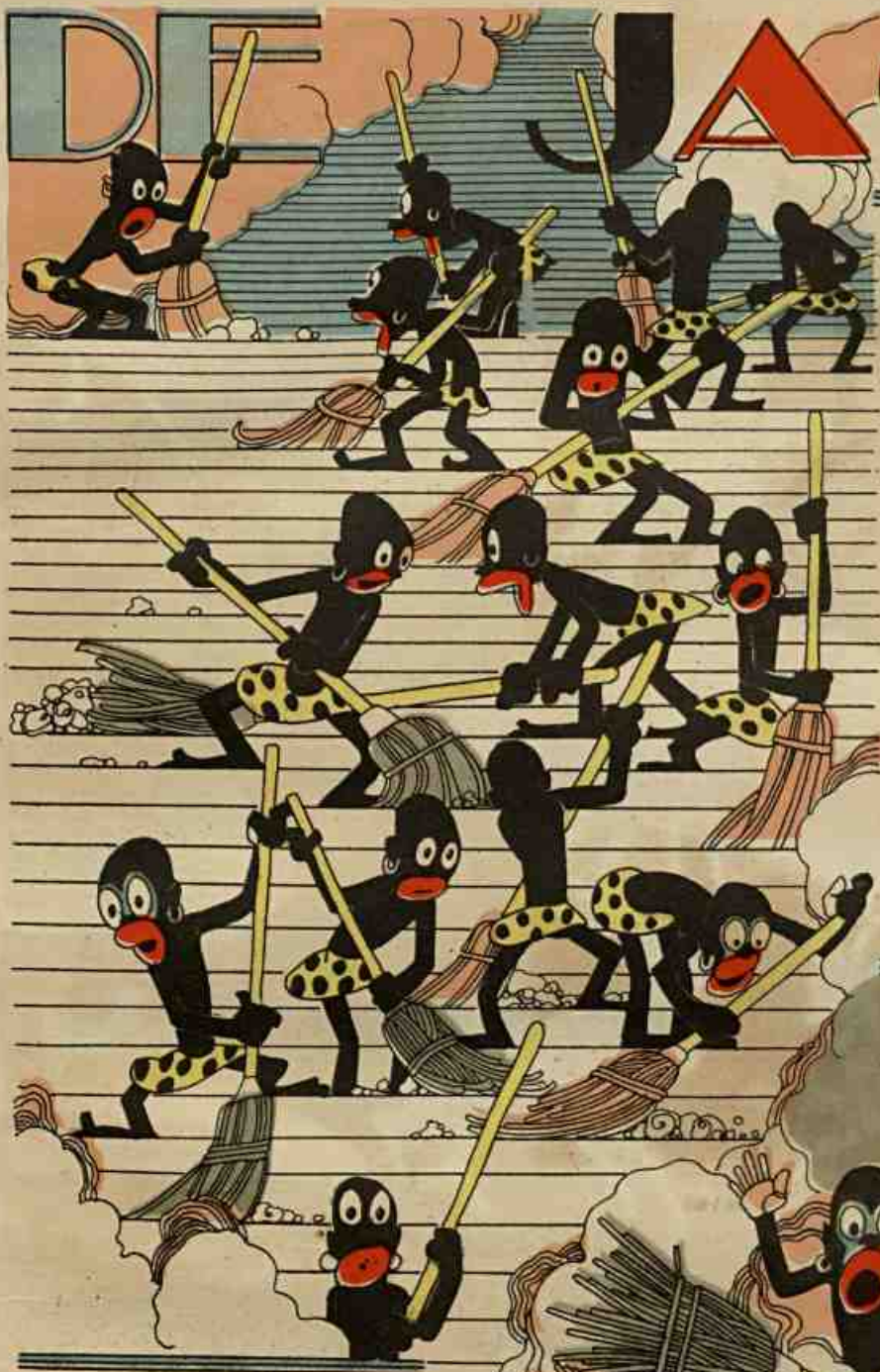
Carrapicho, então, mal illuminado pela chamma de uma véla narrava a velha historia de Jacob:

"— Por uma linda noite achava-se Jacob descansando no campo; veiu-lhe um sonho no qual viu uma escada maravilhosa que ia da terra ao céo; por ella subia e descia um grande numero de anjos; na sua parte mais alta estava assentado Deus, o Padre Eterno."

Lamparina e Jujuba absortos, escutavam as palavras de Carrapicho. A velha historia ia se desenrolando e Carrapicho já tinha

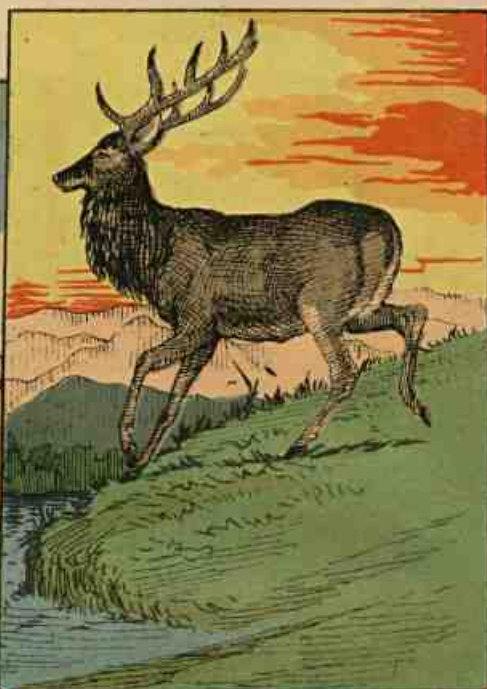
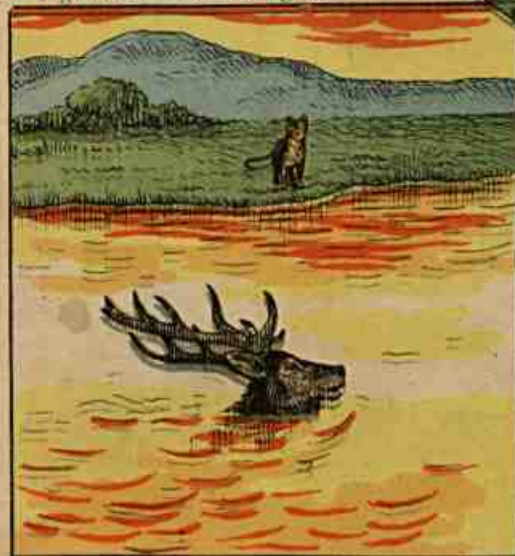
DE JACOB

passado a descrever o máo instincto dos irmãos que venderam José.

Era já muito tarde. Lamparina sentia as palpebras pesadas e adormecera. Sonhára tambem com a escada de Jacob, que após a passagem dos anjos ficára cheia de flores pisadas.

Carrapicho, então, lhe havia mandado varrer aquillo tudo; mas eram muitos degráos e, com uma vassoura só, seria tarefa para muito tempo. Mesmo assim Lamparina fazia o possivel para terminar o serviço quando começaram a surgir outras Lamparinas, tambem armadas de vassouras. Mas entre as creaturas humanas é commum protestar contra o peso das tarefas e impedir que alguem as ajude. Foi por isso que explodiu a primeira discussão entre duas Lamparinas e aquella multidão se dividiu em dois grupos. Depois, sobreveiu a luta armada e um bolo de Lamparinas, misturado com vassouras, rolou toda a escada de Jacob.

Mas foi um sonho...

A PAPAVEADO

Papaveado é o nome popular de certa onça amarellada, de focinho escuro. Nome que lhe cabe...
...porque ella prefere o veado para sua presa. Persegue-o, negaceia-o e jámais elle escapará, uma vez que...
...ella lhe ponha as vistas em cima. O veado defende-se, foge; esconde-se n'agua. Ouve o grito-aviso do caxinguelê...
...mas tudo debalde e cae-lhe nas garras. Uma vez, um veado que andava assustado e perseguido, disse aos...
...outros: — A onça commigo não arranja nada! Ando por toda a parte, sou, porém, tão cauteloso e tenho tão boas pernas, que a bicha não...
...me alcançará. Nesse mesmo dia encontrou a onça. Correu, saltou montes e valles...
...atirou-se ao rio e, quando dagua sahiu, foi seguro pela onça. Fatalidade: a onça era Papaveado e o veado comida de onça.
A. ROCHA

FOI BUSCAR LÃ E SAHIU TOSQUIADO
Nas selvas africanas, um tigre perseguia os pequenos elephantes, matava-os e comia-os. Uma vez, um elephante passeava com o seu bébé e encontrou-se com o famoso devorador de elephantes e, percebendo-lhe as intenções, preveniu-se. O tigre procurou por todos os meios apanhar o pequeno elephante, ora trepado nas rochas e nas cavidades do terreno, ora nas arvores de onde pretendia atirar-se á sua victima.
Um dia, num rasgo de audacia, trepou a uma pedra e
ahi permaneceu até tarde, esperando pelos elephantes; elles iriam passar ali para se banharem no rio, e adormeceu. As pisadas dos pachydermes, porém, o acordaram. Chegara o momento da victoria ou da derrota e, tremulo, o tigre avançou e saltou á garupa do elephante-pae. Este, laçando o tigre com a tromba, matou-o, batendo com elle contra as arvores e esmagando-o depois com a tromba.
O tigre foi buscar lã e sahiu tosquiado...
A. ROCHA

O Cruzeiro do Sul é uma bella constellação visivel do Brasil, assim chamada por ter o conjuncto de suas estrellas a forma de uma cruz. Ora, no tempo das *Cruzadas* o cavalleiro Rosimundo partiu de França, ...

... juntamente com outros nobres, para libertar *Jerusalem*, que estava em poder dos mouros. Mas, no mediterraneo, o navio dos christãos foi a pique e Rosimundo foi aprisionado pelos arabes.

Descoberto pela cruz que ornava seu peito, reconheceram-o como christão e levaram a bordo de um navio para ser vendido como escravo. Fechado no porão o cavalleiro Rosimundo soffreu as maiores ...

... privações. E teria morrido de fome e maus tratos se não fosse a amisade que Drizi, um dos seus guardas, sinceramente lhe dedicou ensinando-lhe tambem a falar a lingua arabe. *Rosimundo* contou a Drizi que as náus ...

... dos christãos, durante a noite tinham na prôa uma grande cruz luminosa. E disse: "Na noite em que eu vir navios com cruzes de luz á prôa, sei que ahi estão os meus irmãos ...

... christãos e virão libertar-me. *Drizi* riu-se porque não acreditava que os christãos os alcançassem...
Mas durante a noite uma terrivel tempestade arrastou a náu dos arabes, para ...

... o Sul, com rapidez incalculavel... Vendo-se perdidos e sabendo o commandante do navio que o cavalleiro era um grande sabio mandou que *Drizi* o trouxesse á ...

... sua presença. "Estamos perdidos, disse *Drizi* ao prisioneiro. Por isso o chefe mandou-te libertar. Subindo ao tombadilho o cavalleiro *Rosimundo* disse ao ...

... commandante arabe: "Se *Deus* nos ajudar veremos em pouco a cruz de luz de uma náu christã e essa náu nos salvará ..."

Passaram-se assim varios dias e houve intenso nevoeiro. Os viveres acabaram-se e estavam todos a bordo quasi a morrer de fome. A tripulação revoltosa e descrente com o cavalleiro christão ...

... ia assassinar *Rosimundo* quando uma noite *Driei* gritou, apontando para o céo: — Olha nobre cavalleiro! Olha a Cruz de Fogo!... E no firmamento azul escuro da noite, via-se com effeito, por cima de ilha uma grande cruz formada por estrellas de grande brilho e desconhecidas!... O chefe dos arabes ...

ajoelhou-se diante de *Rosimundo* e disse: — Já vejo que és um grande sabio. Ordena e te obedecerei. O Cavalleiro mandou dirigir a náu para a cruz ...

... e ao romper do dia abordaram a um ilha desconhecida, mas onde encontraram muita agua e abundantes viveres e fructos variados. Depois de dias de descanço ordenou o ...

... cavalleiro a construcção de uma náu como as dos christãos, com remos, para não estar á mercê do vento e partiram.
Navegando agora com mais segurança, ...

... viajaram em sentido opposto á Cruz de Estrellas até que chegaram a ver as estrellas do céo septentrional, as que são vistas da Europa.

E depois de mezes de navegação chegaram á costa de Hespanha, que era nesse tempo um dos primeiros paizes do mundo, governado pelos arabes.

O commandante arabe despediu-se, com seus companheiros, do cavalleiro *Rosimundo* e deram-lhe riquissimos presentes, porque o consideravam um grande ...

... sabio e feiticeiro. E *Rosimundo*, chegando á França, contou aos frades que encontrára o milagroso ...

... Cruzeiro do Sul illuminando terras completamente desconhecidas dos navegantes!...

AS AVENTURAS DO RATINHO CURIOSO

— Antes de apanhar esse côco, amarro a corda no pé do botucudo.

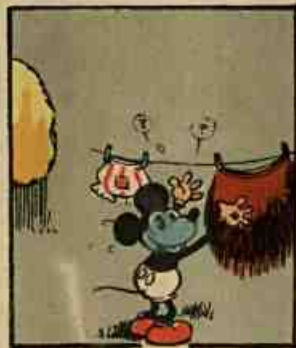
Depois, apanho o côco, faço pontaria e...

...era uma vez um botucudo machucado.

E, quando elle vier me atirar a flecha sedento de vingança, irá...

...arrastado pelos ares. Não ha nada como um Ratinho sabido!

— Vou apanhar aquelle frango que os botucudos estão assando!

Para isso bastam aquellas roupas de...

...pelle de leão. Visto-as depressa e vou...

..metter a cabeça na moita de sapê. Uááá! Uááá! Os botucudos...

...fogem e eu apanho o frango, que é um excellente almoço!

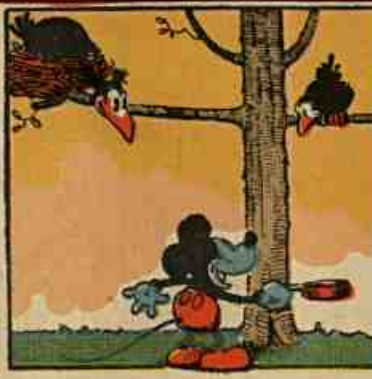
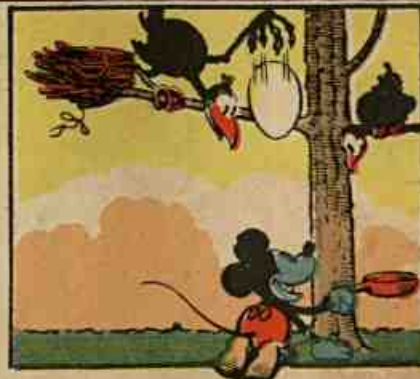
Desenhos de

WALT DISNEY

E

U. B. IWERKS

— Achei uma frigideira e...

...um pedaço de toucinho. Vou...

...fazer uma fritada! "Seu" corvo, por favor queira...

...dar-me um ovo fresco. — Com muito prazer, "seu" Ratinho. Tome...

...lá! — Com esta eu nunca sonhei!!!

ERA UMA VEZ...

—— Conto de ——
LEONOR POSADA

Era uma vez...

E a avózinha de Hilda, enterrando as longas agulhas de osso em o novello de lã azul, com que fazia sapatinhos, começou: Era uma vez...

Era uma vez uma linda menina que morava numa casa linda... Chamava-se Alice. Era obediente, meiga, carinhosa, mas... tinha um defeito que muito a enfeiava: roia as unhas!

Certa occasião, passando Alice por um bazar, viu uma boneca formosissima, toda vestida de azul. Os olhinhos cubiçosos da pequena tanto olharam a bonequinha que á noite a menina sonhou muito...

Sonhou que, em companhia de muitas amiguinhas, estava no seu jardimzinho todo florido. Em vez de rosas, porém, eram bonecas que surgiam nos galhos das roseiras, qual mais bonita, qual mais vistosa... Aqui, no roseiral branco, uma infinidade de bonecas que sorriam, vestidinhas de gaze alva, com os cabellos loiros esvoaçando ao vento. Lá, na roseira Principe Negro, appareciam por entre as folhas verdes, outras tantas bonecas, vestidas de vermelho, risonhas e lindas... Acolá, no caramanchão de rosas-chá, eram bonecas de amarello que espreitavam... Além, bonecas de vestes roseas... mais além outras de vestidos azues...

Vencida a emoção da surpresa, as meninas atiraram-se ás bonecas. Todas queriam colhel-as e Alice viu, em breve, os braços das amiguinhas cheios de bonecas lindas.

Quiz tambem a menina apanhar algumas e correu á roseira Principe Negro. Quando estendeu as mãozinhas segurando a haste, procurando cravar nella as pontas dos dedos sem unhas, espinhos crueis feriram-na sem piedade e ella não poude colher a linda boneca de vermelho. Correu ao roseiral branco: de novo, espinhos picaram-lhe os dedos... Correu ás outras roseiras e, com as mãos sangrando, não poude apanhar uma unica boneca!...

No emtanto, as suas amiguinhas lá se iam para casa a cantar, com a colheita linda...

Olhando-as, Alice começou a chorar...

Uma voz, então, partindo do roseiral, falou-lhe:

— Como queres colher flores-bonecas se tens as mãos maltratadas pelo feio defeito de lhes roeres as unhas?... Não sabes que mãos sem unhas mais parecem proprias para cavar terra que aconchegar bonecas?

Alice olhou as suas mãozinhas: feias, com os dedos roidos, não pareciam pertencer a uma criança linda. Envergonhada, ia falar, pedir desculpas, prometter emendar-se quando acordou. Era já dia. Levantou-se e contou o sonho á mamãezinha. Carinhosa, a moça prometteu-lhe a linda boneca si ella deixasse o feio costume.

E... Alice ganhou a boneca vestida de azul, concluiu a vóvózinha querida.

Hilda, olhitos espantados, escondeu sob o aventalzinho as mãozinhas mimosas e, sabendo para si a historia da vóvó, num lindo beicinho, prestes a chorar, murmurou:

— Tambem nunca mais hei de roer as unhas... Prometto-te, vóvózinha!...

SUPERSTIÇÕES DE ALGUNS POVOS

Nas Philippinas, planta-se o arroz ao som da musica e das cantorias, na supposição de que a semente conservará a alegria e pujança no solo e tornará, forte e abundante á flor da terra

As classes pobres, no Egypto, usam roupas compridas e roçagantes, de maneira que apaguem as pégadas sobre a areia, de fórma que os máos espiritos não acompanhem as pessoas, dando-lhes azar.

Tratar bem os animaes

No coração das creanças
Nunca a bondade é demais.
Ellas, de ha muito, já sabem
Tratar bem os animaes.

A ONÇA E O GATO

(Conto africano)

A onça pediu ao gato que lhe ensinasse a pular e o gato promptamente lhe ensinou.

Depois, indo juntos para a fonte beber agua, fizeram uma aposta para ver quem pulava mais.

Chegando á fonte, encontraram lá o calangro, e então disse a onça para o gato:

— Compadre, vamos ver quem de um só pulo pega o camarada calangro?

— Só você pulando adeante, disse a onça.

O gato pulou em cima do calangro, a onça pulou em cima do gato. Então, o gato pulou de banda e se escapou.

A onça ficou desapontada e disse:

— Assim, compadre gato, é que você me ensinou? principiou e não acabou...

O gato respondeu:

— Nem tudo os mestres ensinam aos seus aprendizes.

Sylvio Romero

Passaros presos

Por que ter preso á gaiola
O encanto de uns passarinhos,
Que talvez deixassem orphãos
Os thesouros de seus ninhos?

PARA FAZER MILAGRES...

OBEDECER PROMPTAMENTE

Ha uma cousa que nós, brasileiros, detestamos... e que entretanto é uma garantia de felicidade, de paz, e mesmo de prosperidade na vida: A OBEDIENCIA!

Não se sabe se devido ao clima, ao calor do sol tropical, á intelligencia privilegiada que distingue os homemzinhos da terra brasileira, o certo é que, pela maioria, preferem surras, privações, castigos, á contingencia de obedecer.

Pimpolhos de quatro e cinco annos, attendem de boa vontade com a condição de se lhes dar explicações... Quanto a obedecer promptamente, "sem tino e sem razão", como diz o poeta, isso nunca!

Pois bem, meus meninos, é um grande erro. A mania de discutir ordens... leva-nos á indisciplina, á soberba, á desordem, a toda sorte de desmandos, que, se as mais das vezes só prejudicam a nós mesmos, podem muitas arrastar á desgraça familias inteiras, sociedades e nações.

Por isso, Deus tem castigado a desobediencia com exemplos severos, como tem premiado a obediencia com milagres estupendos.

Na historia da humanidade, tão cheia de ensinamentos para aquelles que sabem reflectir, colhemos dois factos authenticos e muito conhecidos.

Existe no Perú, a pouca distancia do Lago Titicaca, uma cidade em ruinas, cujos destroços revelam uma riqueza sem par. Os indios Kixluias, que guardam, ha talvez tres mil annos, as preciosas reliquias de seus antepassados, dizem que a causa do cataclysma que destruiu a opulenta cidade foi a rebeldia de seus reis, que zombavam dos sacerdotes que lhes falavam em nome de Deus, censurando os seus desvarios.

Em opposição a esse lamentavel facto, narra a historia do christianismo que o Patriarcha São Bento, tendo sob sua guarda dois pequenos discipulos, Mauro e Placido, o primeiro com doze annos e o outro com pouco mais de quatro, viu um dia o pequenino Placido, que cahia dentro de um lago.

— Corre, Mauro! — disse elle, vae salvar teu irmão, que se está afogando!

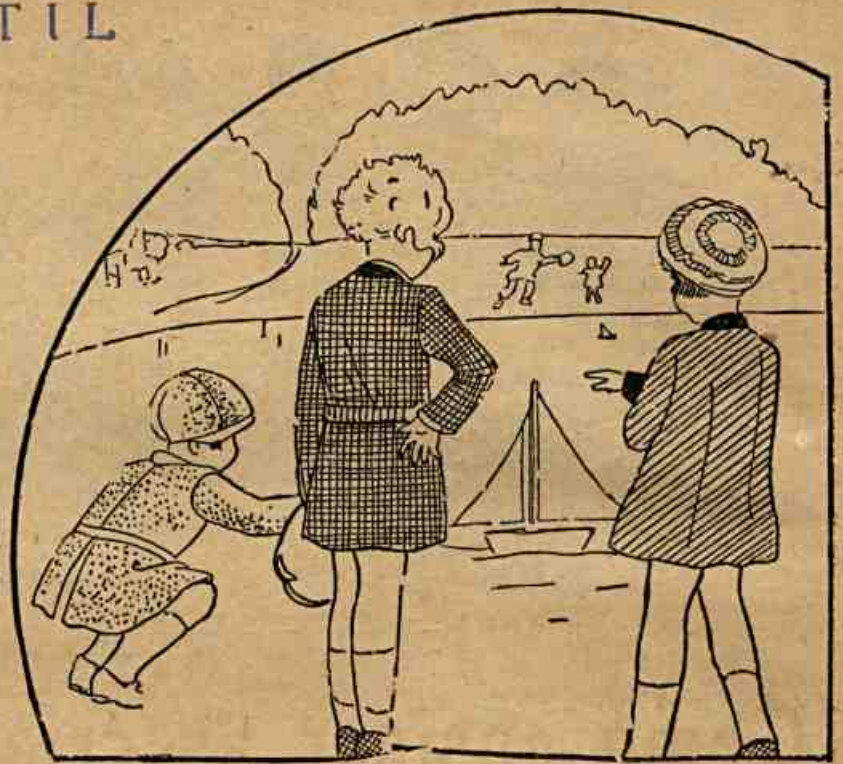
O joven recebeu a benção do santo abbade e sahiu correndo.

Placido já estava longe da margem. Mas elle não trepidou.

Entrou pelo lago, agarrou o pequeno irmão, e só quando chegavam em terra, sãos e salvos, elle viu que tinha andado sobre as aguas!

Este facto, referido por um dos mais illustres Papas, que foi S. Gregorio Magno, discipulo de S. Bento, foi sempre considerado como *um milagre da obediencia.*

MARIA RIBEIRO DE ALMEIDA

MODA INFANTIL

Nesta pagina estão varias suggestões para as roupas de criança. O bébé, a irmãzinha maior, a outra mais crescida, todos têm nos modelos acima elegantes e graciosas roupas e vestidos.

Como ensinar as crianças a escrever

Sendo a escripta um trabalho manual, é inutil pretender que uma creança de menos de cinco annos possa executar esse exercicio, pois não sabe ainda se servir bem das mãozinhas.

As diversas curvas, principalmente, de certas letras não podem ser "desenhadas" por ellas, como se pretende em alguns "jardins da infancia".

As letras minusculas, assim como as maiusculas do cursivo calligraphico com a dimensão de um centimetro não devem ser tentados, não sómente porque os musculos dos seus orgãos visuaes ainda não estão completamente formados para se submetterem a tal esforço, como tambem a tensão nervosa exigida por esse trabalho lhes é prejudicial.

Sómente depois dos doze annos os olhos adquirem toda a sua efficacia e muitas myopias e outras affecções do globo ocular são em parte devidas ao trabalho forçado dos olhos na primeira infancia.

Além dos caracteres maiusculos, cuja formação se deve ensinar ás creanças, animando-as a copial-os de um quadro mural onde estejam "bem desenhados", as lições devem ser curtas para não fatigal-as, e de preferencia pela manhã, quando os pequenos não estão ainda cançados dos seus brinquedos e jogos um tanto violentos.

Essa aprendizagem deve ser para as creanças um interessante passatempo, um brinquedo a mais e nunca uma obrigação que se tornaria logo penosa.

Uma boa lição póde ser dada na areia da praia, onde as creanças escrevam com o proprio dedo, ao principio e depois com um pauzinho de ponta afilada, imitando um lapis grande.

Isso lhes ensinará a se servir de um "instrumento" para a escripta.

Não se podendo estar na praia, consegue-se bom resultado empregando bandejas ou taboleiros rasos cheios de areia fina, nivelada com uma regua.

As creanças divertem-se muito com esses exercicios, achando prazer e graça nos traços que vão fazendo na areia.

Dir-se-lhes-á, então, que, assim que souberem escrever bonitas e "bem feitas" letras na areia, lhes será dado papel e um lapis "de verdade". Quando escreverem regularmente com o lapis, prometter-se-lhes á uma penna, e assim sempre incentivando-as a escrever cada vez melhor.

A' proporção que forem copiando as letras vão tambem repetindo e gravando na memoria o "nome" das mesmas, de sorte que aprenderão, simultaneamente, a escrever e a ler com relativa facilidade.

Seu gosto por esse estudo augmentará quando se lhes disser que a leitura lhes dará a satisfação de conhecer as lindas historias dos livros para crianças, cheios de figuras coloridas, assim como poderão tambem escrever historias suas para serem publicadas nas revistas como "O Tico Tico".

O MACACO ACROBATA

Havia em um circo equestre um macaco que era um verdadeiro artista em equilibrio e jogos malabares.

Ensinado a fazer excentricidades desde pequeno, executava difficeis exercicios nos trapezios, nas argolas, nas parallelas e barras fixas.

Tendo natural habilidade para isto, a educação a que foi submettido pelo amestrador de animaes, tornou o intelligente quadrumano admiravel.

Em todas as cidades onde o circo se exhibia o macaco acrobata era sempre muito applaudido.

Acontece que o empresario foi fazer uma excursão pelo interior do paiz e dar espectaculos em uma cidadezinha que ficava na orla de uma floresta.

Na ultima noite de representações o macaco fez proezas incriveis. Dava saltos inacreditaveis, até que, subindo ao ponto mais alto do mastro que mantinha a empannada do circo, desappareceu por uma fresta que havia ali.

Esperavam que elle descesse ou voltasse depois ao circo; porém, foi inutil. O *Simão*, como o chamavam, — não voltou mais. Desappareceu de vez.

Na madrugad seguinte o circo tinha de seguir para outro logar e o dono do *Simão*, muito pezaroso, se foi embora sem a maior e melhor attracção dos seus espectaculos.

Passaram-se mezes, e um bello dia, regressando á capital, o circo voltou á cidadezinha que ficava á beira da floresta.

Ia dar apenas uns tres ou quatro espectaculos. Sem os trabalhos do *Simão*, as funcções do circo perdiam cincoenta por cento da graça e do interesse que despertavam.

Na noite do quarto e ultimo espectaculo que, por signal, era em beneficio do amestrador de animaes, que andava desgostoso e doente depois do desapparecimento do *Simão*, foi grande sua surpresa e maior ainda a dos espectadores, quando viram apparecer na fresta que havia no alto da empannada do circo um macaquinho que desceu rapido pelo mastro. Logo depois desceu outro e mais outro e, por fim, o *Simão*, que foi reconhecido, porque ainda tinha na cintura uns restos do saiote vermelho com que trabalhava.

Chegando á arena começou elle a executar seus antigos trabalhos no que era imitado pelos tres outros macaquinhos que com elle vieram.

Foi um successo. O circo, que devia seguir no dia seguinte, ficou mais quinze dias ali, com enchentes constantes, pois todos queriam ver agora o esperto *Simão* e seus tres discipulos tão habilidosos como elle.

O amestrador de animaes, que estava adoentado, ficou bom immediatamente, e teve seu contracto augmentado pelo empresario, satisfeitissimo com os lucros que o circo estava obtendo agora.

O *Simão* soube ser grato.

Fugiu para gosar um pouco de liberdade nas mattas onde nascera; ali *ensinou sua arte* a mais tres macaquinhos que o imitavam em tudo que elle fazia; e, depois, certa noite, ouvindo a musica, ao som da qual elle fazia seus exercicios, voltou ao circo attrahido por ella e seguido dos macaquitos seus discipulos.

SEGREDOS DOS OUTROS

O papagaio estava numa arvore na floresta, ouvindo o segredo de uma familia. Descoberto por uma das pessoas que conversavam, jurou que preferia morrer do que contar o mysterio de outrem.

Quatro dias depois, ficando o papagaio adoentado, um dos passaros, o pica-pão, que se considerava o seu melhor amigo, foi visital-o e, vendo-o naquelle estado, perguntou-lhe se era laryngite.

Respondeu-lhe o papagaio:

— Não é laryngite, e sim cousa parecida. E' um segredo que jurei não contar a ninguem. Mas como sei que o compadre é muito discreto, vou contal-o, com a condição, porém, de não passar adeante.

E o papagaio falando de vagar narrou-lhe o segredo.

O pica-pão jurou que preferia ficar sem asas a contar semelhante mysterio.

Porém, poucas horas depois, todos os animaes da matta estavam de posse do arcano.

A familia prejudicada, ficou muito zangada com o papagaio e tornou-se sua inimiga mortal.

Este ficou devéras aborrecido. Foi procurar o pica-pão e disse-lhe:

— Nunca mais te confiarei nenhum segredo, pois és um sacco furado.

O pica-pão, que não quiz zangar-se com o papagaio, respondeu-lhe:

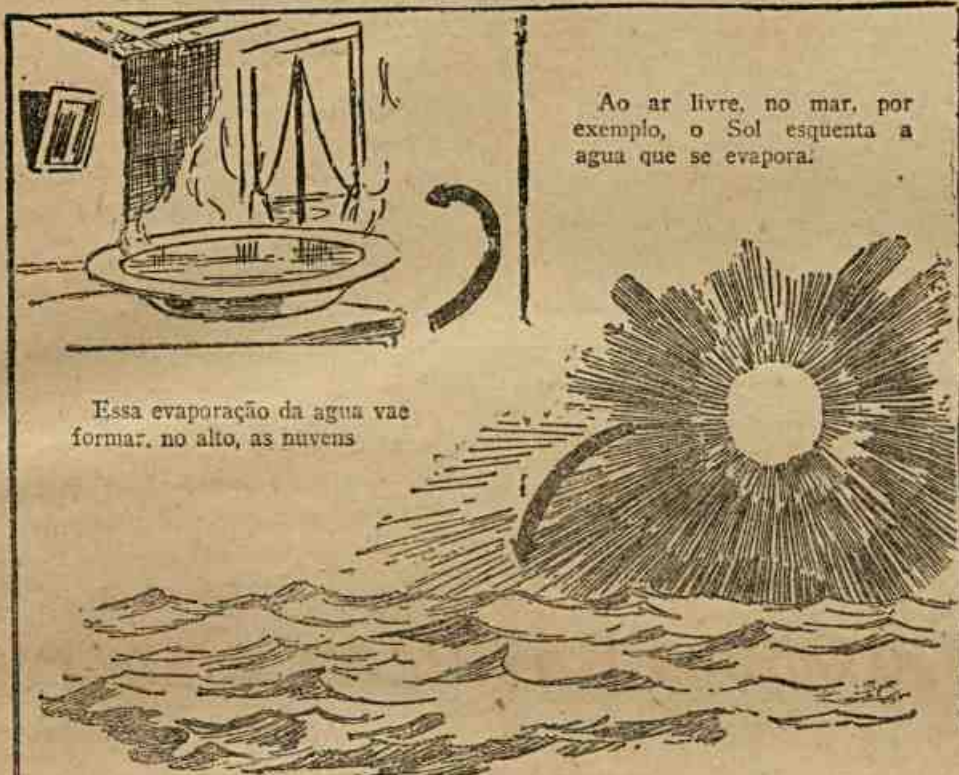
— Não tens queixa de mim, e mesmo não deves te zangar, porque me confiaste o segredo, por ser eu o teu melhor amigo, e eu, por minha parte, contei á arveloa, que é a minha melhor amiga, que, por sua vez, com certeza, contou ao seu melhor amigo, e, assim por deante, até que todos os nossos companheiros ficassem sabedores.

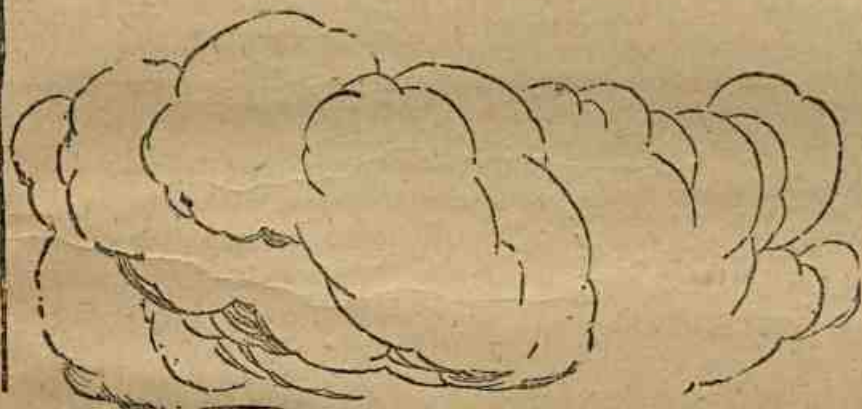
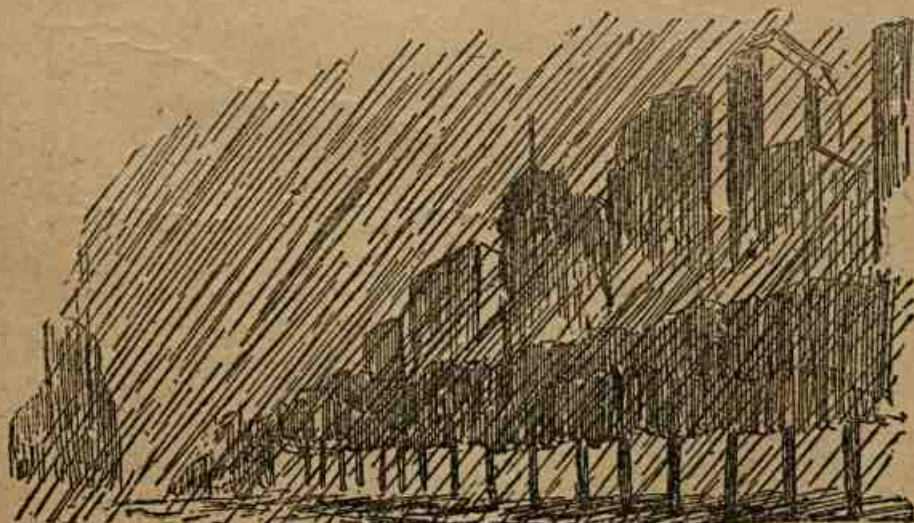
O papagaio não quiz saber das justas razões que lhe apresentava o pica-pão e foi a vias de facto.

Até hoje são inimigos.

ELAINE DE O. PINTO

(12 annos)

COMO SE EXPLICA A CHUVA?

Ao ar livre, no mar, por exemplo, o Sol esquenta a agua que se evapora.

Essa evaporação da agua vae formar, no alto, as nuvens

E quando a nuvem se esfria, o vapor se transforma em agua e cáe, por seu peso, em fórma de chuva.

Um ratinho ratão

Era uma vez um ratinho
bem sympathico, em verdade...
E era uma vez um ratão
Todo cheio de vaidade.

Sempre que via o ratinho,
dizia: "Sou grande e forte,
nada receio na vida,
nem sequer a propria morte.

Mais eis que um dia (a soberba
ha de ter sempre castigo...)
o gato, ao vel-o tão gordo,
saltou nelle como a um figo

De nada valeu ao tolo
quanto fez e quanto disse,
pois a morte foi o premio
da sua gabarolice.

Então, o ratinho, ao ver
ratão ás portas da morte,
pensou: "antes ser ratinho,
antes quero a minha sorte."

Menino, pensa, medita,
no triste fim de ratão...
Nesta vida é mais prudente
não chamar muito a attenção.

A cigarra

Pouco lhe importa o pão de cada dia;
menos ainda o dia de amanhã...
Despreoccupada, o alvo canto irradia,
glorificando as pompas da manhã.

Diffunde calorosa melodia,
que é uma vibrante exaltação a Pan
— musica electrizada, que alumia,
— sonoridade que é da luz irmã.

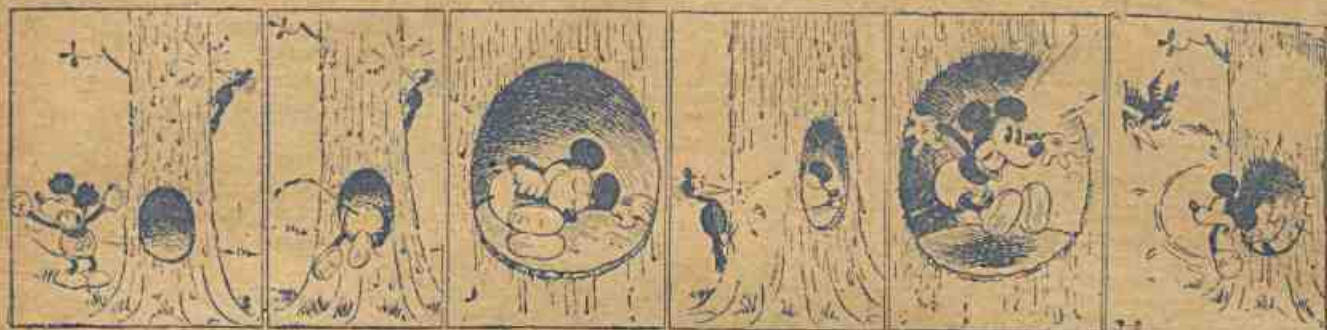
Despertador galvanico da matta,
alarma borbotando uma cascata
de rútilos zinidos musicantes.

E morre, exhausta de viver cantando,
rôto o arcabouço, que trazia pando
de zumbidoras notas fulgurantes.

THEODORO BARBOSA
(Do livro "A poesia da Escola")

O PICA-PAU E O SOMNO DO RATINHO CURIOSO

(Historia muda)

A lenda da borracha

Algumas tribus amazonicas, tinham por uso realizar uma curiosa cerimonia religiosa, em homenagem á Mãe d'agua, a deusa das fontes.

Um grupo de jovens disputavam uma corrida, tendo á cabeça um cesto cheio dagua, que, naturalmente, já estava vazio antes do fim da carreira.

Aquelle que chegava primeiro a determinado ponto, fazia uma incisão no tronco de uma seringueira, a arvore da borracha, e com a seiva que corria, abundante, revestia o interior do cesto.

A seiva seccava rapidamente, ficando o cesto impermeavel.

O vencedor, então, voltava á fonte, onde de novo enchia o cesto. Formava-se depois uma grande procissão com elle á frente, levando o seu cesto cheio da agua assim consagrada, até a óca do feiticeiro, que a guardava para seus encantamentos.

Esta cerimonia symbolica era feita em memoria da libertação de Ara.

Ara, o guerreiro invencivel, roubara o fogo do céu, certa vez que um raio fizera arder o tronco de uma arvore, ensinando o seu uso aos homens.

Tupan, indignado com a sua audacia, punira-o com um castigo terrivel.

Na porta do paraizo, havia um grande cantaro de ouro. Ara tinha de enchel-o tirando a agua de uma fonte crystallina, servindo-se para isso de um cesto de fino tecido de taquara.

Em um vae e vem continuo, o infeliz enchia o cesto na fonte, e corria para o cantaro; mas quando chegava, a agua se esvaira toda. As poucas gottas que elle conseguia botar no fundo do cantaro, o sol seccava logo.

A Mãe d'agua, que morava naquella fonte, via invisivel o guerreiro no seu inutil trabalho.

Uma manhã, chegando á fonte para encher o cesto, instrumento de seu supplicio, Ara encontrou a deusa, que sob a fórma de uma joven bellissima, banhava-se nas aguas limpidas.

Vendo o guerreiro, a Mãe d'agua mergulhou e quando voltou, trazia na mão uma concha com os bordos finamente dentados.

— Não posso consentir que um guerreiro tão famoso continue a soffrer esse castigo indigno! disse ella.

Quero ajudar-te a cumprir a sentença com que Tupan te puni.

E a deusa, dando-lhe a concha que tinha na mão, mostrou umas arvores altas e esbeltas que se distinguiam das outras da floresta, por seu tronco direito e liso, dizendo: toma esta concha e faz uma incisão no tronco daquellas arvores. Com ella apara o succo que correr da ferida; unta com esse liquido o interior do teu cesto. Continua depois a tua faina, e verás o resultado do meu conselho.

Ara, tomou a concha e correu para a arvore. Do golpe com que a feriu, começou a correr um liquido viscoso, que elle aparava na concha e depois esfregava no cesto, como lhe ensinara a mysteriosa virgem. O liquido seccava depressa, formando uma tenue pellicula.

Quando terminou, Ara voltou para a fonte onde encheu de novo o cesto.

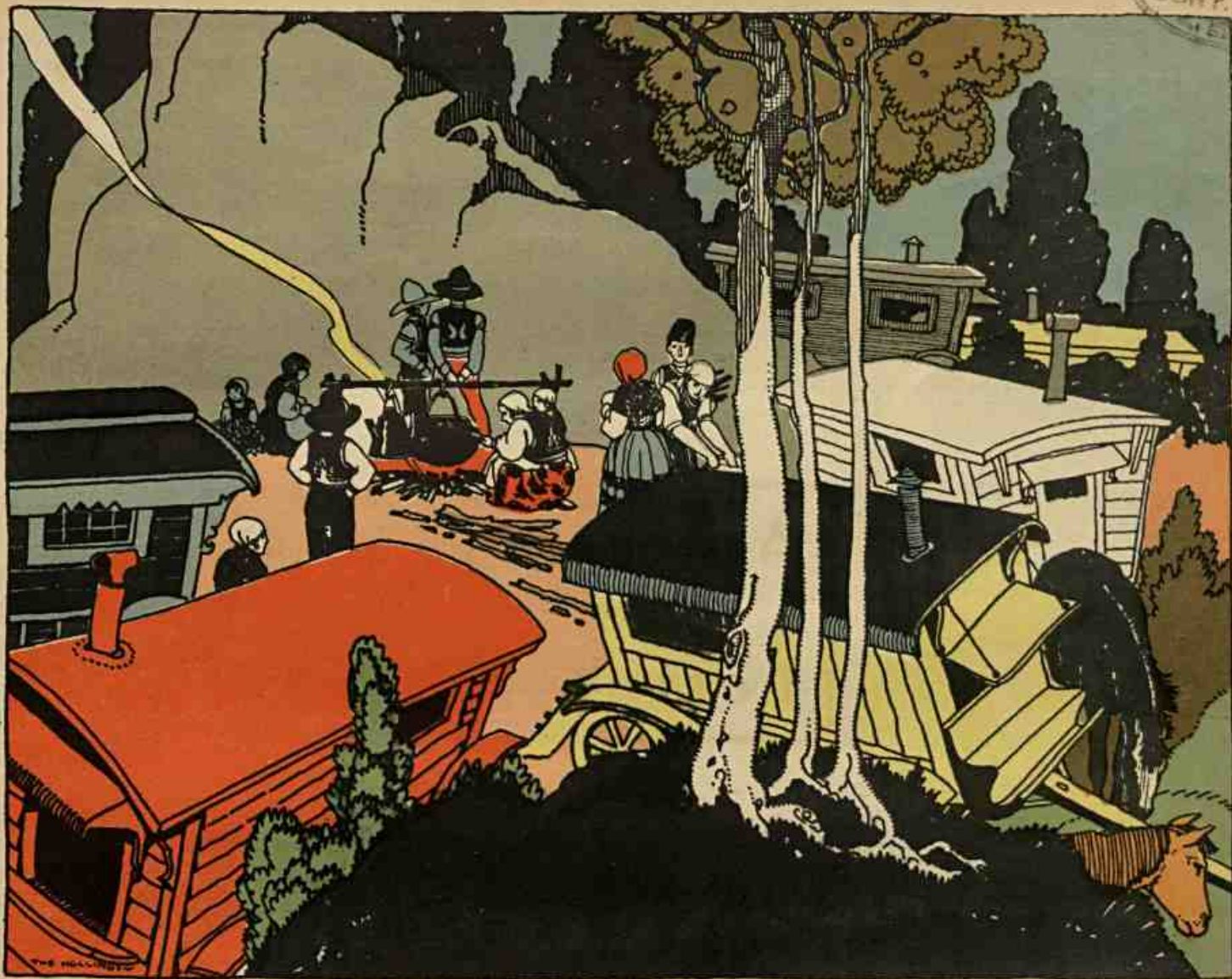
— O' maravilha! nem uma gotta dagua escapava!

Foi assim que com o auxilio da Senhora das fontes, a Mãe dagua, Ara pode libertar-se do seu terrivel castigo.

* * *

A borracha ou gomma elastica, é uma das materias primas mais necessarias á industria moderna, servindo para a fabricação de um sem numero de objectos, desde os pneumaticos para automoveis e os involucros dos grandes balões dirigiveis, até as bolas e outros brinquedos para as creanças, os bicos para mammadeiras, chupetas e muitas outras coisas uteis.

A borracha é extrahida da seiva ou latex de varias plantas, mas a que a produz mais abundantemente e de qualidade superior a qualquer outra é a *seringueira*, arvore cujo nome scientifico, Hevea brasilienses, bem indica ser originaria de nosso paiz.

A. R. RONOELE

Um pequeno povo sem patria

Quando, por uma noite de verão, passardes pelo campo, podeis ouvir o ruido de risos, de cantos e de musica de violas que parece vir do prado bem proximo. Se vos approximardes mais um pouco, vereis um grupo de pessoas em redor de uma fogueira. A luz das chammas mostrará faces mais trigueiras do que as dos habitantes do campo. E, então, talvez uma mulher, com saias largas e um chale ricamente bordado, se chegue á vossa carruagem e pergunte se quereis que ella leia a sorte de vossa mãe. Uma creança pequena, de olhos negros,

apparecerá então, ás costas da mulher, enrolada no chale. São os ciganos — direis e perguntareis logo: — Que são os ciganos e de onde vêm? São perguntas difficeis porque ninguem realmente as póde responder. Muitos povos pensam que elles vieram da India, um immenso paiz da Asia. Mas ninguem sabe ao certo. O que é verdade é que elles vivem de ha muito errando nas suas carroças pelo mundo, pouco se importando com o conforto e preferindo mesmo a barraca fria e a estrebaria á habitação acolhedora. E' que elles sempre vagueiam, nunca estão muito tempo no mesmo logar.

Os meninos e meninas ciganos brincam sempre que seus paes se divertem. Logo que têm idade para não andar mais ao collo materno, começam a agir por si mesmos e, então, não é preciso que ninguem lhes diga quando devem beber ou tomar as refeições. Elles já o sabem, por haverem aprendido. Um ciganinho, que chamaremos Tarô — já, nessa occasião não mais

é carregado e começa a falar. Sózinho sobe á sua cama ou á sua rêde e vae dormir. De manhã elle sáe e vae pedir que a senhora que mora numa fazenda vizinha lhe offereça um frango gordinho. E é cousa muito certa que algumas vezes elle apanha o frango sem que o peça á senhora. Quando assim acontece, elle — o Tarô — sáe á procura do pae ou da mãe, que elle não sabe onde estão mas conhece o meio de encontral-os. Os ciganos se afastaram mas deixaram pequenos marcos para mostrar ao filho que direcção tomaram. Esses marcos são dois galhinhos ou duas folhas juntas num certo logar do caminho. Esse methodo de guiar chama-se um *patteran*. Toda creança cigana aos quatro annos de idade já sabe o que é um *patteran*. Muito breve, com o auxilio do *patteran*, o pae, a mãe e a creança se encontram. E' accesa, então, uma fogueira na qual o gordo franguinho de Tarô vae ser assado e o almoço será prompto. Depois da refeição a familia se separa para o resto do dia. As creanças espalham-se para esmolar ou pedir. A mãe vae á villa ler as sortes das pessoas. O velho Tarô, que é pae de Tarô, caminha vaga-

rosamente com um outro membro da familia—Ivan—o grande urso escuro que veiu das montanhas da Russia..

O velho Tarô domesticou-o, ensinou-o a dansar e, quando com elle sáe, acompanhado de um grupo de creanças da aldeia, muita gente o cerca e começa, então, a exhibição. Elle toca pouco no seu violino e o urso escuro começa a dansar. Quando a dansa termina o chapéo do velho Tarô está cheio de moedas.

As familias como as do menino Tarô, familias de ciganos, podem ser vistas ainda hoje na Rumania, que abriga cerca de trezentos mil desses habitantes.

Os ciganos commummente viajam em familias, juntando-se estas em numero que póde variar de doze a cincoenta.

A Hungria é outro paiz europeu onde existem muito ciganos que, na sua maioria, vivem errantes.

Alguns, entretanto, estabelecem-se por algum tempo num

logar e, um dia, sem que se espere, levantam acampamento e partem.

Para as creanças de todos os paizes do sul da Europa é uma alegria a chegada dos ciganos. Para ellas os ciganos são tão bons como o circo de cavallinhos.

Ellas se reunem ao redor das carroças e ficam a observar os homens que fazem cestos, cintos ou pintam bolinhas de borrachas.

Ouvem-lhes os cantos, as conversas de carroça em carroça ou de barraca em barraca e, sobretudo, a musica que é a cousa mais apreciada dos ciganos. E' bem possivel que em todos os logares não se encontrem

os ciganos. Mas quando os encontrarmos gostaremos de vel-os, alegres e felizes, fazendo a sua musica caracteristica pelas ruas e praças.

YARA E SALAMBÔ

Yara e Salambô, dois índios meio civilizados, tinham um filhinho de poucos mezes e moravam numa choupana no amago da matta. Viviam os tres e mais um cão, ...

... já velho que vigiava a morada. Yara trabalhava n'uma pequena lavoura perto da casa e de quando em vez vinha á choupana amamentar o filho. Salambô caçava para o sustento de ambos. Uma vez, quando Yara chegava á choupana, viu d'ali ...

... sahir uma onça Sussuarana lambendo o focinho. Lugubre presentimento! Armou-se e sahiu a perseguir a féra. Nesse interim chegou Salambô e antes de entrar percebeu, pelas pegadas, ...

... e manchas de sangue, uma desgraça. Tomou o seu afiado machado e partiu em soccorro de Yara. Ella sem poder atacar a onça que a todo o momento ...

lhe enfrentava ameaçadora, tomou por varios atalhos desviando-se da trilha. Salambô passando por precipicios, saltando rochedos conseguiu alcançar a féra que se escondera atraz de uma arvore. Com ...

... a chegada do indio a onça investiu, mas Salambô com um certeiro golpe de machado abriu-lhe o craneo, prostrando-a morta. Nesse momento ..

... surge Yara que, vendo a onça morta, conta a Salambô o que vira e diz que ...

... está perdido para sempre o seu filhinho. Quando, porém, regressaram á casa encontraram o filhinho ...

... illeso a chorar com fome. A onça havia apenas devorado o cãosinho velho.

O VELHO

OLHA o velho ! Olha o velho ! Era o brado de alarme que os garotos vadios daquella rua abandonada soltavam quando o velho Romão apparecia.

E o velho Romão, sem ter jâmais praticado um acto indigno, ia deixando crescer a fama de ladrão de meninos, sem um protesto, sorrindo apenas, porque só elle conhecia a alma boa que lhe dera o Creador.

Uma vez, mal havia despontado o primeiro raio de sol de um dia de verão, os gritos lancinantes de uma creança repercutiam pelos cantos do povoado pobre.

Romão esticou então o pescoço sobre a cerca desamparada e viu, horrorizado, uma mulher que tentava abrir a bocca de um menino onde pretendia collocar a brasa fumegante da ponta de um tição.

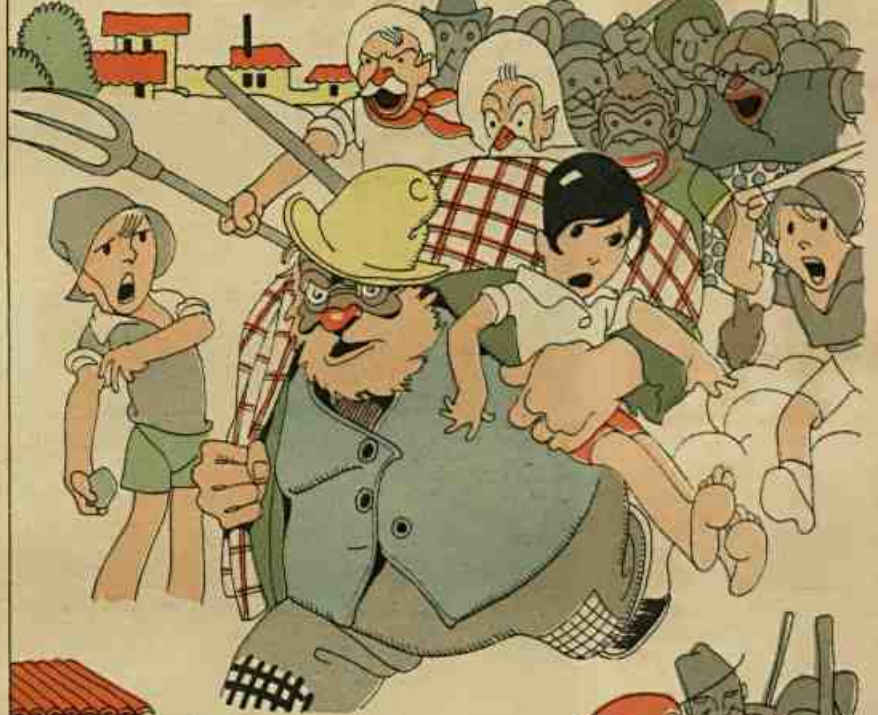
Romão de um salto galgou a cerca, rapido, arrebatou a pequenina victima das mãos deshumanas daquella féra e partiu a correr, levando o pequeno que, tranzido de pavor, chorava copiosamente.

Entretanto, os protestos barulhentos da mulher sem entranhas attrahiram os curiosos da visinhança e, dentro em pouco, uma multidão indignada perseguia o velho Romão, aos gritos de :

— Pega ! Pega ! Ladrão !

Assim que Romão percebeu a confusão em que se mettera, parou altivo; olhou depois a multidão encolerizada, abraçou mais o pequenino martyr e, quando ia dizer a primeira palavra, cahiu-lhe sobre a cabeça a primeira pedra.

O pequenino martyr então abrindo os braços, tentou proteger o velho Romão e conseguiu deter aquella massa de gente, gritando :

— Não ! Não ! Foi elle quem me salvou !

HISTORIA DE UM PATINHO DE OURO

Meus amigos, vocês já repararam como numa familia de dois ou mais irmãos todos possuem genios differentes? Geralmente, o menor é mais perseguido pelos outros, porém, é o que possue um coração mais bondoso. E foi o que mais uma vez percebi na historia de um menino que de tres irmãos era o mais moço e chamava-se Simplorio. Coitado, todos faziam sempre caçoada delle, riam, aborreciam-no, despresavam-no, e afinal, só porque sendo de genio menos impetuoso, nunca ia de encontro á vontade dos outros e, assim, faziam do coitadinho o que queriam. Acontece que um dia o mais velho foi á floresta cortar lenha, e sua mãe preparou-lhe uma merenda bem gostosa para não ficar com fome. Lá elle encontrou um homenzinho que pelo tamanho só podia ser um anão, que lhe pediu um pedacinho do bolo. O menino respondeu:

— Se eu começar a dar o que trouxe para comer, acabo sem nada.

Continuando a trabalhar, o machado deu uma vira-volta, e cortou a mão do menino, que foi obrigado a ir para casa todo ensanguentado.

No dia seguinte foi mandado o irmão, que tambem sem coração, como o mais velho, passou pelos mesmos vexames, sendo o castigo peor ainda, pois ficou sem a perna.

O pequenino viu que agora só restava elle ir em logar dos irmãos, para trazer a lenha cortada. Pediu ao pae, mas este fez-lhe vêr as difficuldades, achando melhor não experimentar.

Para merenda levou só um pedaço de pão, que offereceu ao anãosinho, convidando-o a sentarem-se para comer, como se fosse um lauto jantar, e foi o que aconteceu, pois o menino viu o seu pedacinho de pão transformado em esplendidos doces.

Quando acabaram, o anãosinho disse:

— Como tens um coração tão bondoso, dividindo o pouco que tinhas, vou fazer-te muito feliz. Apontando para um logar onde havia uma arvore já velha, disse: — Vaes botar aquella arvore abaixo e na cavidade onde estão as raizes encontrarás qualquer cousa.

Quando o anãosinho desappareceu, o menino fez tudo conforme tinha sido indicado e encontrou... (Que surpresa!!) um patinho com penninhas todas de ouro.

Perto desta arvore havia uma casa onde o Simplorio resolveu entrar e pedir para descansar; appareceram então tres meninas bonitinhas que ficaram logo com vontade de possuir aquellas pennas tão brilhantes. A mais velha, quando viu o Simplorio distrahido, chegou perto do patinho para puxar uma penna e ficou com a mão grudada, o mesmo acontecendo com a segunda, que começou a gritar: — Meu Deus, quem me tira daqui? E a mais moça, procurando tiral-a dali, segurou na mão da irmã e ficou agarrada nella.

No dia seguinte lá se foi o pobre do Simplorio embora com a meninada toda atraz do patinho. Foram andando assim até que encontraram o cura. Este, muito admirado de ver aquella procissão, gritou:

— Que vergonha, vocês a correrem assim atraz do rapaz; vamos, acabem isto!

E quando elle quiz puxar uma das meninas ficou tambem preso e foi obrigado a seguir tambem. Depois appareceu o sacristão. Este sabia que havia um baptizado e ainda esfregou os olhos para vêr se era mesmo o cura que ia correndo atraz daquellas meninas, e poz-se a berrar: — Sr. Cura, não vá muito longe que hoje tem um baptizado. E... já se sabe, foi puxar pela batina e lá ficou tambem grudado.

Pediram a ajuda de dois trabalhadores, mas o resultado não se fazia esperar e com isto já eram sete correndo atraz do Simplorio e do pato.

Chegaram, assim, a uma cidade onde reinava um rei que só tinha uma filha, mas tão sisuda, que nunca tinha rido na sua vida, mesmo porque ella promettera só casar-se com aquelle que a fizesse rir. No momento que o Simplorio, com todo o seu cortejo passava pela frente da palacio, a princeza viu-o e teve um accesso de riso tal, que parecia não acabar mais. O rei, então, chamou Simplorio declarando que tinha cabido a elle a honra de se casar com a linda princezinha. E assim foi recompensado aquelle coração que nunca imaginara poder cortar uma arvore no matto.

JOSÉ DO EGYPTO

HISTORIA BIBLICA

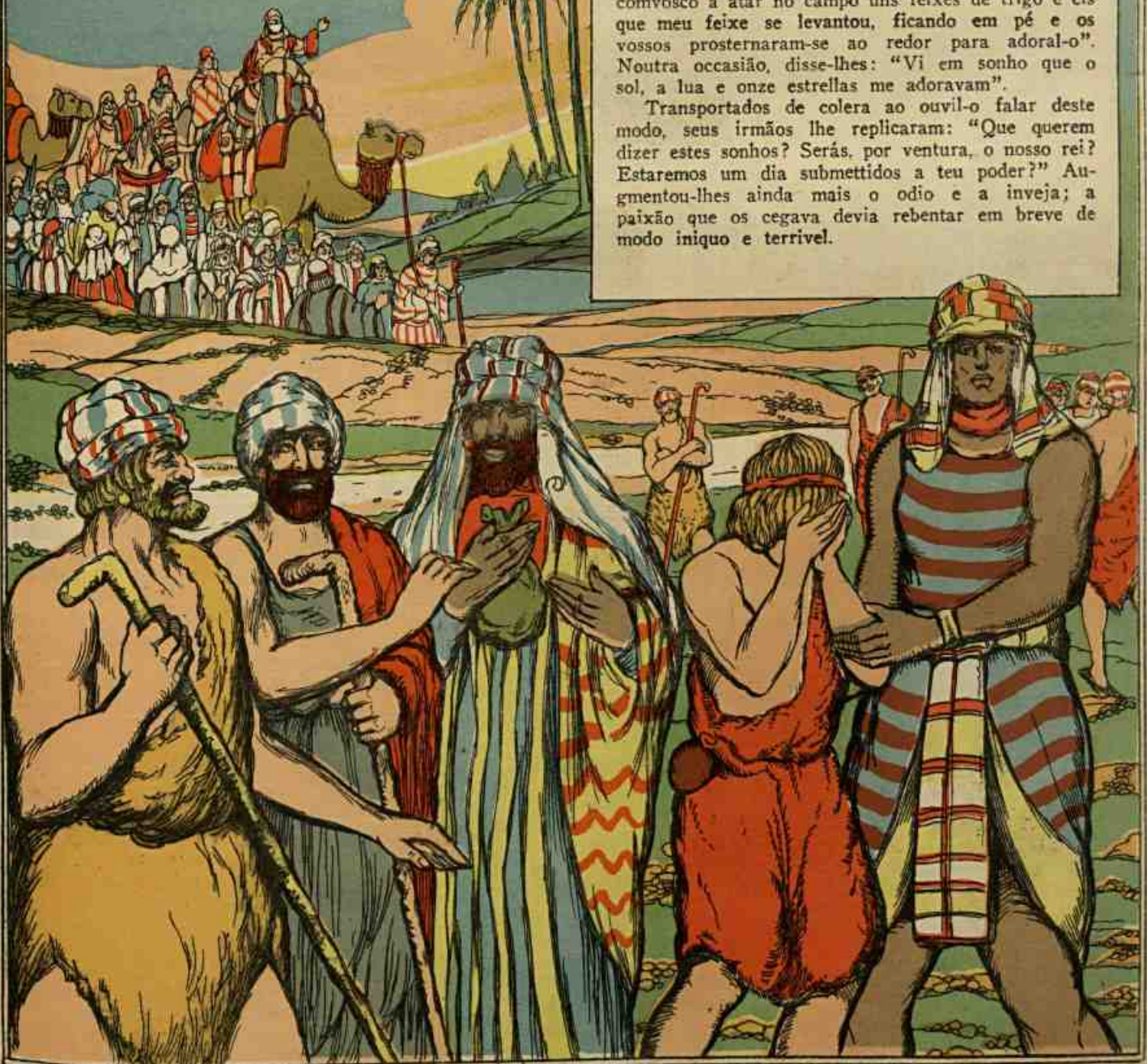
ILLUSTRAÇÕES DE CICERO VALLADARES

JACOB teve doze filhos que foram os chefes das doze tribus de Israel e cujos nomes são: Rubens, Simeão, Levi, Judá, Isacar, Zabulão, Dan, Nephtali, Gad, Aser, José e Benjamin. Estes dois ultimos eram filhos de Rachel.

Os mais celebres delles foram os seguintes. *Judá*, cuja tribu deu alguns reis ao povo de Deus e o Salvador ao mundo; *Levi*, cuja descendencia foi consagrada ao serviço dos altares; emfim *José*, cuja vida está cheia de acontecimentos extraordinarios e que foi uma das mais admiraveis figuras do nosso Redemptor.

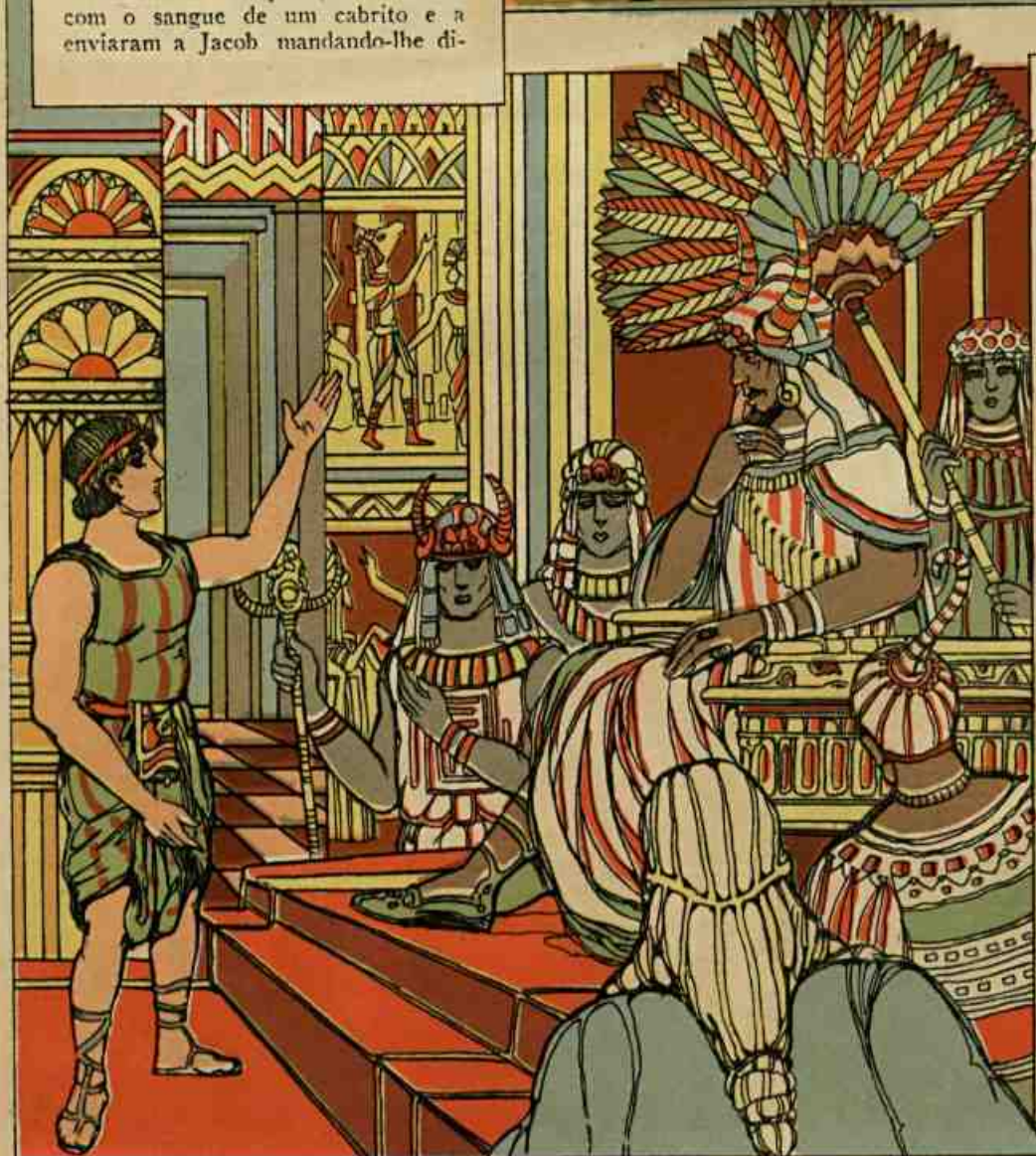
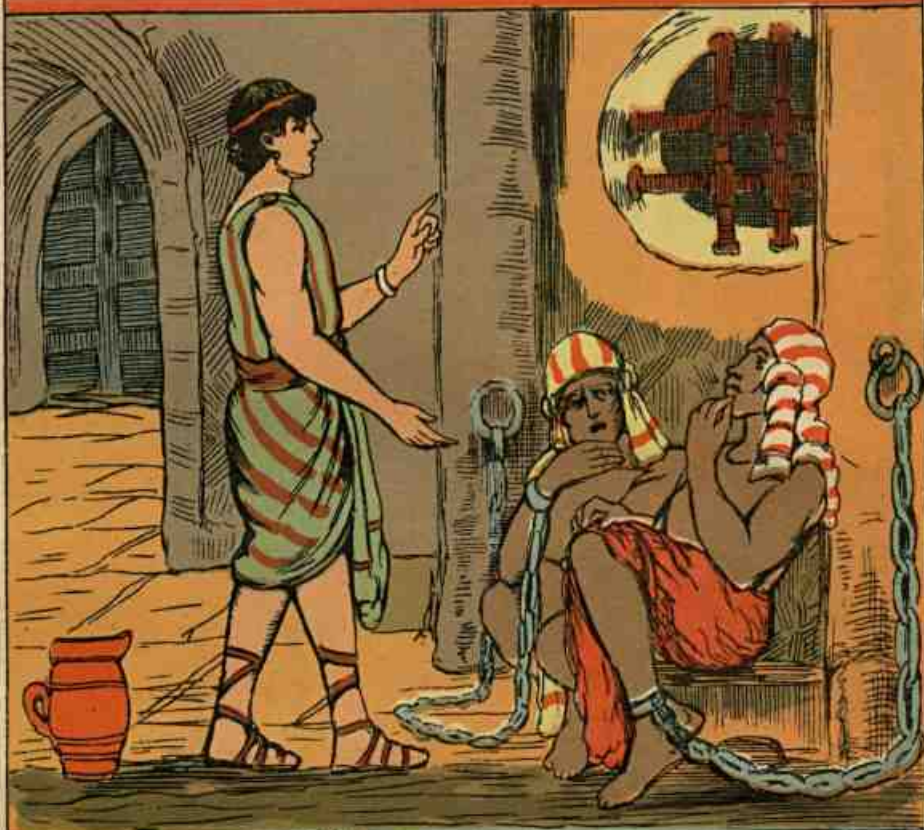
Jacob tinha um carinho especial para seu filho José, por ser elle o mais novo; deu-lhe até uma linda tunica de varias côres. Por causa dessa preferencia era este joven tão odiado de seus irmãos, que nem sequer lhe dirigiam uma palavra affectuosa. José acabou de irrital-os descobrindo a seu pae uma grande falta que tinham commettido e contando-lhes dois sonhos que annunciavam a gloria que teria mais tarde.

Disse-lhes certo dia: "Parecia-me que estava comvosco a atar no campo uns feixes de trigo e eis que meu feixe se levantou, ficando em pé e os vossos prosternaram-se ao redor para adoral-o". Noutra occasião, disse-lhes: "Vi em sonho que o sol, a lua e onze estrellas me adoravam".

Transportados de colera ao ouvil-o falar deste modo, seus irmãos lhe replicaram: "Que querem dizer estes sonhos? Serás, por ventura, o nosso rei? Estaremos um dia submettidos a teu poder?" Augmentou-lhes ainda mais o odio e a inveja; a paixão que os cegava devia rebentar em breve de modo iniquo e terrivel.

Certo dia andavam os filhos de Jacob apascentando os rebanhos longe do seu domicilio; o patriarcha chamou José, que tinha ficado com elle e lhe disse: "Faz muito tempo que não tenho noticias de teus irmãos; vae ver como vão elles assim como as ovelhas". Jacob pensava que o tempo e a separação teriam acalmado a colera delles. Pelo contrario apenas viram José, disseram uns aos outros: "Já vem o sonhador; matemol-o e veremos de que lhe servirão seus sonhos. — Não, disse Rubens, não o mateis, é nosso irmão; lançae-o antes na cisterna secca que está no deserto"

Sua intenção era retiral-o dali quando seus irmãos estivessem longe e entregal-o a seu pae.

Acceitou-se a proposição de Rubens. E, quando chegou José, seus irmãos o prenderam, despiram-no da tunica e o desceram na cisterna. Pouco depois, vendo passar uns negociantes ismaelitas que iam ao Egypto, venderam-no como escravo a esses estrangeiros pela quantia de vinte moedas de prata.

Mancharam depois sua tunica com o sangue de um cabrito e a enviaram a Jacob mandando-lhe dizer: "Eis uma tunica que encontrámos; vêde, se por acaso não seria a de vosso filho José?" Ao recebel-a, o desgraçado pae exclamou, soluçando: "E' a tunica de meu filho; ai de mim! uma féra cruel devorou José"

Jacob, abysmado numa dôr profunda, não cessava de chorar a morte de seu filho amado; entretanto, chegavam ao Egypto os mercadores ismaelitas e vendiam José a Putiphar, que desempenhava um cargo importante na côrte do *pharaó* ou rei daquelle paiz.

As bellas qualidades de José mereceram-lhe muito depressa toda a confiança do seu mestre, que lhe confiou a superintendencia da sua casa. Era preciso, porém, que a virtude deste justo fosse submettida a uma rude prova. A mulher de Putiphar intentou, mas em vão induzil-o a fazer mal. Depois, para vingar-se da sua resistencia, calumniou-o de uma maneira odiosa perante seu marido Putiphar; este, credulo por demais, fez prender José e conduzil-o á prisão.

Encontravam-se na mesma prisão o copeiro-mór e o

padeiro do pharaó. Cada um delles teve um sonho que José explicou. Ao copeiro-mór elle disse que no fim de tres dias se veria restabelecido nas suas funcções; depois annunciou tristemente ao padeiro-mór que, decorrido o mesmo tempo, o pharaó o mandaria crucificar e que seu corpo serviria de pasto ás aves; e as duas cousas se realizaram segundo a predicção de José.

O copeiro-mór prometteu a José trabalhar para soltal-o da prisão; apesar dessa promessa, José permaneceu encarcerado mais dois annos.

Por sua vez o pharaó teve dois sonhos que lhe causaram grande espanto.

Viu no primeiro sete vaccas gordas e formosissimas que comiam herva nas margens do Nilo e foram em seguida, devoradas por outras sete muito magras.

Na segunda visão, eram sete espigas, cheias de grãos da melhor qualidade, que foram tambem devoradas por outras sete muito seccas e privadas de grãos.

Todos os adivinhos do Egypto foram convocados; mas nenhum poude

interpretar essas visões. Só então foi que o copeiro-mór se lembrou de José; falou delle ao rei, que logo mandou trazel-o á sua presença.

"Senhor, lhe disse José, os vossos dois sonhos não significam senão uma mesma cousa: as sete vaccas gordas e as sete espigas cheias annunciam sete annos de grande abundancia e fortilidade, aos quaes hão de succeder outros sete da mais espantosa miseria, representados pelas sete vaccas magras e as sete espigas seccas.

Prudente será, accrescentou José, que o rei escolha um ministro competente e habil que faça reserva de trigo durante os annos de abundancia para que o Egypto seja preservado da fome quando vier o tempo da esterilidade.— Tu mesmo serás esse ministro, lhe disse o pharaó, comprehendendo que José era cheio do espirito de Deus. Depois tirou o seu annel e o poz no dedo de José e, afinal, confioulhe o governo de todo o Egypto. Tinha então José trinta annos.

No mesmo tempo mudou-lhe o rei o nome de José por outro nome egypcio que significava *Salvador do mundo*.

Chegou a fome com a esterilidade e a carestia que José predissera; graças, porém, á previdencia do ministro, todo o Egypto se viu livre de suas consequencias. Muito mais, como eram tão abundantes as reservas feitas, pôde-se ainda, depois de attender á subsistencia do povo, vender trigo aos estrangeiros, que acudiram, numerosos, de todas as regiões vizinhas.

Sabendo Jacob que se vendia trigo no Egypto, mandou ali seus filhos, á excepção de Benjamin, o menor delles, que guardou por medo de algum desastre.

Quando os filhos de Jacob chegaram ao Egypto, foram lévados á presença de seu irmão José e não o reconheceram. Este, porém, viu logo quem elles eram; mas querendo saber que era feito de Benjamin, que não percebia entre elles, dissimulou e fingiu tomal-os por gente mal intencionada.

Por isso, disse-lhes: "Donde vindes? Sois uns espiões. — Não senhor, responderam-lhe com pressa e espanto; somos todos filhos de um mesmo pae e da terra de Canaan; eramos doze irmãos; mas o mais moço ficou em companhia de nosso pae; quanto ao outro... deixou de existir já faz tempo. — Para certificar-me da verdade do que affirmaes, replicou José, vou guardar um de vós como refem emquanto os outros vão buscar e trazer-me o vosso irmão menor; e verei se falastes a verdade.

Simeão foi aquelle que ficou como refem; e os outros, depois de receber o trigo que José mandou lhes fosse distribuido, voltaram muito tristes a sua casa; contaram a Jacob o que lhes acontecera. Desataram, por fim, os saccos e grande foi sua surpresa ao encontrar nelles o dinheiro que haviam dado em paga do trigo.

A esterilidade continuou a assolar a terra; as provisões iam acabar-se no fim de pouco tempo. Jacob excitou seus filhos a voltar de novo ao Egypto para comprar outra vez trigo. "Não o podemos, disse Judá, senão com a condição que Benjamin venha comnosco; porque o ministro do pharaó mandou que lh'o levassemos. — José morreu! replicou Jacob gemendo; Simeão está

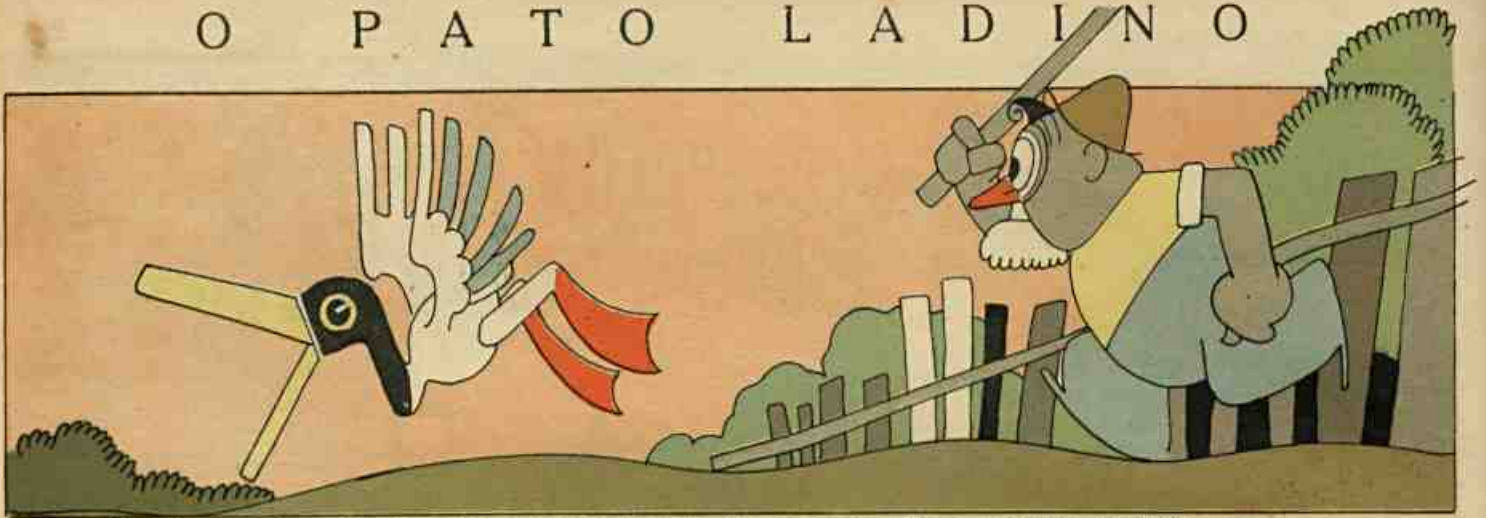
(Termina no fim do numero)

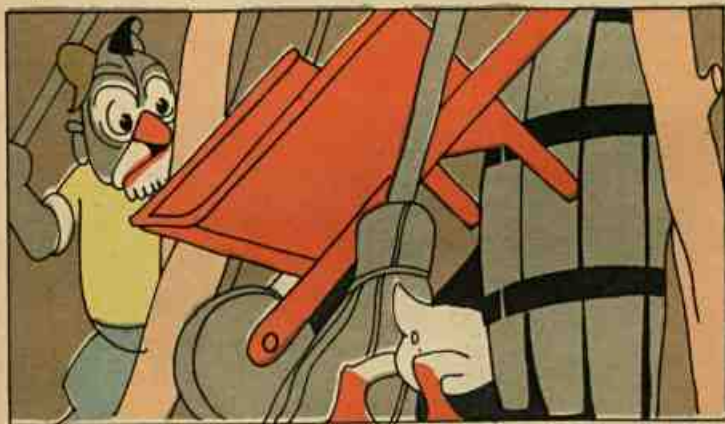
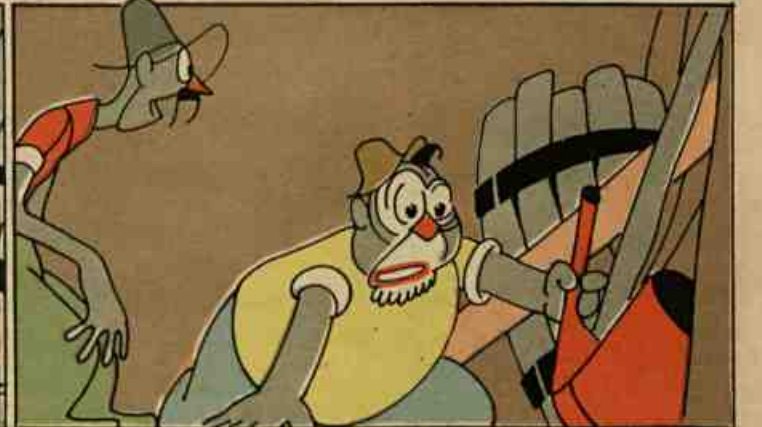
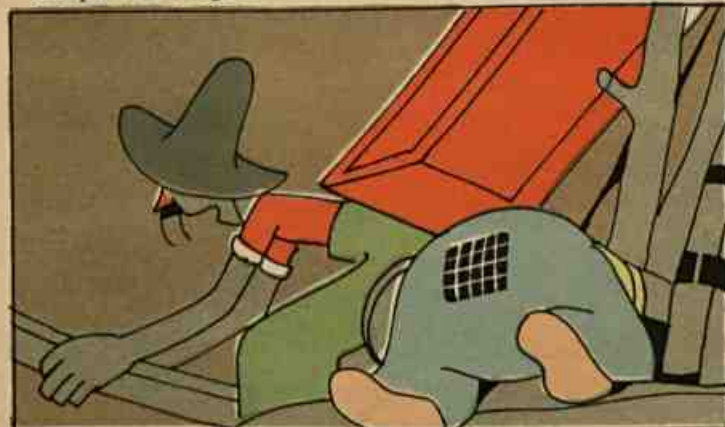
O mais fraco é o vencedor

Já sei que vão dizer que no foot-ball não é possivel o mais fraco ser vencedor, mas assim mesmo vou dar um exemplo. Uma grande arvore crescera perto de um riacho onde havia um caniço muito pequenino, e que por parecer tão debil era sempre desprezado e offendido pela outra arvore, que chegou ao ponto de lhe chamar um dia: Covarde! Com qualquer viração estás todo tremendo! O canição não disse nada, mas arranjou um advogado que foi um forte temporal. Este temporal approximou-se e de repente com impetos de quem queria mesmo defender alguem atirou ao chão a tal arvore valentona. O canicinho envergou-se, depois levantou-se novamente e ficou balançando de vagarinho como antes.

Não é preferivel ceder em tempo que ser obrigado a render-se.

(De uma das fabulas de Esop.).

O PATO LADINO

Na chacara do velho Serapião appareceu outro dia um pato. Era um bicho gordinho e que podia vir a ser um optimo jantar. O velho Serapião, então em companhia do ...

...compadre Palastrana, procurou agarrar o palmipede arisco. Mas o bicho era ladino e correu, voou, pulou, emquanto seus perseguidores suavam em bica. Depois se metteu geitosamente atraz de uns páos velhos...

Serapião, entretanto, não desistiu. Metteu a cabeça e o braço entre aquellas taboas velhas e bradou: Peguei, compadre! Peguei!

E puxou para fóra, não o pato, mas um regador, cujo bico elle agarrara pensando que era o pescoço do pato.

Os passaros de Killingworth

(LENDA CANADENSE)

Chegara a estação em que o melro e a calandra fazem seus ninhos e, ao construil-os, entoam inimitaveis melodias.

Assim a Primavera surgiu em Killingworth, ha muitos annos, e os camponezes, emquanto lavravam a terra, ouviram o canto dos passaros e pensaram: "E' preciso matal-os, pois comerão as sementes".

Immediatamente se reuniu o povo e decidiu matar todos os volateis.

— Não façaes tal cousa! exclamou um homem.

Lembrae-vos que seria dos nossos bosques e jardins sem essas aves! Reparae que seus ninhos vazios seriam uma accusação muda á nossa crueldade. Deveis saber que os passaros são os guardas, a policia dos nossos campos.

Os camponezes, surdos a tão sabias palavras iniciaram o exterminio, não deixando vivo um só passaro.

Chegou depois o verão e sem passaros, — mortos ou afugentados para longe — as pragas de insectos devoradores transformaram o campo em um deserto, desprovido de folhas, de frutos e de sombra.

O desespero se espalhou entre os habitantes de Killingworth.

O outomno chegou sem suas folhas douradas.

Os colonos se mostravam impacientes, arrependidos do que fizeram. Passou, por fim o inverno e no anno seguinte presenciaram extraordinario espectaculo: chegara uma carroça carregada de ramos de arvores; em cada qual estava dependuradá uma gaiola cheia de passaros.

Tinham sido adquiridos nas comarcas vizinhas pelos camponios.

Com a maior solemnidade foi dada liberdade aos bellos cantores prisioneiros que alegraram o ambiente com seus harmoniosos trinados e gorgeios, offerecendo, assim, a comarca um aspecto tão encantador que sómente a imaginação dos poetas poderia sonhar.

E nunca mais se matou um passaro em Killingworth.

Nascimento de Jesus

Em humilde mongedoura,
Nasce o menino Jesus;
E a terra inteira se doura
Num halo immenso de luz!

Os animaes se humanisam
Num culto de adoração
Elles que, emfim, não precisam
Do sangue da Redempção!

Dentro da treva perdida,
A humanidade, porém,
Não enxerga a Luz da Vida
No presepe de Belém.

A Mangedoura... a pobreza...
E de Deus a Magestade
Como caber tal Grandeza
Dentro daquella humildade!

B. T.

Trovas

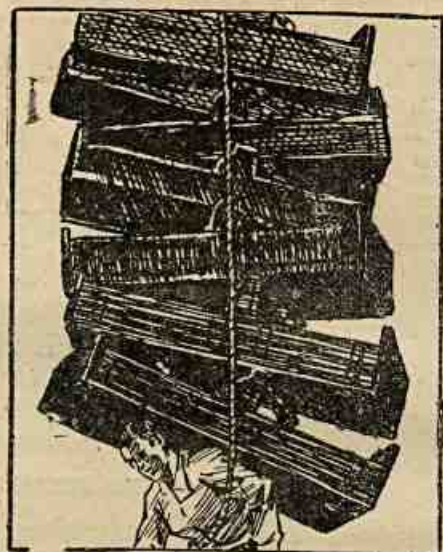
Muito cuidado se mentes
E se o mentir te seduz.
Que a mentira é das sementes
A que mais se reproduz.

Se vaes ser feliz? oh criança
Só se é feliz nessa idade
Em que se afaga a esperança
De alcançar felicidade!

A saudade, esse ai magoado,
Essa dôr que dóe na gente,
E' a lembrança do passado
A machucar o presente.

Helena Martins.

SE FOSSE POSSIVEL...

Se, em proporção á sua estatura, tivesse o homem a força de uma pulga...

...poderia levantar sem difficuldade alguma o peso equivalente á carga de sete pianos...

... e num só salto cobriria a distancia de 28 kilometros.

Do mesmo modo, considerando a proporção de volume, se o homem possuisse a vóz da cigarra...

tendo em vista a vóz desse animal, que se ouve perfeitamente a 200 metros...

... poderia conversar com um amigo que estivesse em São Paulo.

A lenda do lago

LANCELOT, o cavalleiro gentil, fôra creado num castello submerso no fundo de um lago azul.

A sua voz era doce como um canto das sereias. Os seus olhos scintillavam com intenso fulgor.

Conta a lenda que a fada Viviana o educara num palacio de crystal recamado de pedras preciosas, dando-lhe os melhores dons.

Lancelot tinha o coração de creança e a bravura de heróe.

O seu rosto irradiava tanta belleza e serenidade, que encantava até os animaes que vinham mansamente lamber-lhe as mãos. Não tinha ainda cinco annos, quando seu pae, que fôra o rei, era senhor de um pequenino e bello paiz encravado na Armorina occidental, em combate com o rei Claudias, foi feito prisioneiro.

A rainha Armenia, que era sua mãe, quando soube que os inimigos triumphantes se encaminhavam para tomar posse dos seus dominios, abandonou o palacio real, levando o seu pequenino Lancelot nos braços.

Armenia exhausta de cansaço com os régios vestidos transformados em andrajos, com os seus pequeninos pés descalços e dilacerados da longa caminhada, chora assombrada ás margens do lago azul que gosa fama de ser encantado por genios máos.

A rainha dirigiu-se para alli, porque conhecia nos arredores uma pythonisa á qual, ás vezes, consultava sobre o seu destino e que poderia guardal-a em segredo, com o seu filhinho, até o rei voltar.

Ao chegar á planicie, que a luz fria do luar bordava de sombras que lhe incutiam medo, Armenia depoz para descansar o pequeno Lancelot, adormecido sobre o tapete verde da relva. E, emquanto levantava os olhos tristes aos Céos, para pedir alento e coragem para sua desdita uma dama mysteriosa emergia das aguas do lago azul e arrebatava o seu filhinho.

Armenia ainda teve tempo de ver a fada que era de uma belleza encantadora, vestindo linda tunica de brocado; os cabellos longos e louros envolviam-n'a como um manto de sol e o seu rosto, de uma doçura angelica, tinha o sorriso triste e o olhar velado do mysterio.

Furtivamente tomára Lancelot nos braços, beijando-o com enternecido carinho.

A rainha louca de desespero atira-se á dama mysteriosa, mas antes de chegar á margem, as aguas fecharam-se e Lamcelot desappareceu como por encanto.

Armenia enlouqueceu de dor e por muitos dias andou vagando nas margens do lago á espera de rehaver o seu filho. Em vão o esperou! Amigos que souberam da sua desdita levaram-na a um convento, onde morreu dentro de poucos dias.

A dama do lago azul fôra para Lancelot a segunda mãe e com ella aprendeu o manejo das armas.

Ouviu desde criança cantos de rythmos subtis das ondinas e das nymphas e com ellas brincou nas noites de luar.

Deleitou-se na contemplação das mil maravilhas do seu palacio submarino.

Viviana dava-lhe todos os divertimentos para entretel-o. A' noite dormia em alcatifa de setim aromatizado de essencias delicadas e ouvia a voz das sereias que lhe ensinavam a cantar.

Creado entre as mais lindas ondinas, nunca o seu coração se inclinara ao amor. Lancelot tinha por sua mãe adoptiva, a fada Viviana, uma verdadeira loucura e sentia-se feliz quando ao seu lado.

Graças á sua dedicação tornára-se perfeito cavalleiro, manejava com destreza a lança, o florete e o disco...

Um dia Viviana, em mysteriosa entrevista, instruiu-o secretamente e, no dia seguinte, viram-n'o partir vestido em rica armadura e envolto de extranha magia que o preservaria da morte.

E foi assim que Lancelot appareceu na côrte do rei Arthur na pequenina cidade de Kerlevasur-Osk, na Bretanha.

Foi sagrado cavalleiro da **Tavola Redonda** pelo rei menestrel que, fascinado pelo seu valor e belleza physica e moral, o amou como irmão.

Mas Lancelot, que estava invulneravel ás arremettidas dos golpes de espada, pela magia de Viviana, não o estava ás investidas traiçoeiras do amor.

E a bella Ginevra, esposa do rei Arthur, amou-o perdidamente e Lancelot para não ser infiel ao rei e á sua ordem, amando-a tambem em segredo, expoz-se á morte em grandes aventuras sangrentas, affrontando todos os perigos na ansia de morrer.

Pois entre o amor de Ginevra e a lembrança de Viviana estava o dever sagrado de fidelidade ao rei.

COMEDIA EM UM ACTO, PARA CRIANÇAS.

A Herança da

Personagens: Rodrigo, testamenteiro da tia Joaquina; Anastacia, creada desta; Catharina, afilhada de Anastacia; Commendador Romualdo Pimentel, Barão de Montes Claros e Viscondessa de Aguas Santas, herdeiros da tia Joaquina.

A acção passa-se no interior de Minas Actualidade.

Scenario — Sala modestamente mobiliada em casa da defunta tia Joaquina, rica proprietaria. Uma varanda nos fundos, servindo de entrada, duas portas á D. e outras duas á E.

SCENA I

RODRIGO E ANASTACIA

RODRIGO (*Escrevendo*) — Não ha mais nada?

ANASTACIA — Nada mais.

RODRIGO — Bem. Está prompto o inventario. Agora os herdeiros podem vir quando quizerem.

ANASTACIA — E quando chegam elles?

RODRIGO — Devem chegar hoje mesmo. Assim o mandaram dizer em resposta á carta que lhes escrevi na minha qualidade de testamenteiro.

ANASTACIA — Ora veja, "seu" Rodrigo, quando a tia Joaquina era viva ninguem aqui apparecia. Agora, que ella morreu, começam a chegar herdeiros de toda a parte. Até parece um esquadrão quando toca a reunir.

RODRIGO — E' que os parentes nem sempre apparecem, mas os herdeiros são certos. Além disso a fallecida não passava de uma simples roceira que casou com o tenente Caldeirão contra a vontade de toda a familia.

ANASTACIA — "Antonces" era gente graúda!

RODRIGO — Vaes vel-os. Temos em primeiro logar o commendador Romualdo Pimentel, da nobre familia dos Pimenteis, muito conhecida na historia e muito ciosa dos seus brazões. Em segundo logar temos o Barão de Montes Claros, cujo titulo não se sabe de onde veiu, e depois a Viscondessa de Aguas Santas, uma senhora do mundo elegante do Rio, que passa a vida em casa das modistas embora ás vezes não tenha com que pagar á lavadeira. E' uma poetisa de agua doce que, apesar de avarenta, faz versos de pé quebrado em que canta a abnegação e o despreso do dinheiro.

ANASTACIA — Ora "antonces", dentro em pouco, estaremos todos deante dessa gente, armados de ponto em branco, como para a missa campal...

RODRIGO — E' verdade. E agora acaba de arranjar a sala emquanto vou continuar o inventario lá dentro.

ANASTACIA — Sim, senhor. (*Arranjando as cadeiras e espanando os moveis*) Ora aqui está uma creatura que é mesmo trigo sem joio. Parece que estão a tocar á campainha. (*Olhando mais demoradamente*) Não, é uma rapariga que se dirige para aqui. (*Desce e Catharina apparece á porta do fundo*).

SCENA II

CATHARINA E ANASTACIA

CATHARINA (*Com uma trouxa de roupa*) — Deus seja nesta casa! E' aqui que mora a minha madrinha?

ANASTACIA — Tua madrinha? E' possivel. Como se chama ella?

CATHARINA — Não me lembra bem, mas é uma senhora de certa idade e que pelos modos foi mulher do tambor-mór das tropas do governo.

ANASTACIA — Que estás ahi a dizer? Foi mulher do tambor-mór...

CATHARINA — Será, será.

ANASTACIA — "Antonces" quem tu procuras é Anastacia Ricarda.

CATHARINA — Isso mesmo.

ANASTACIA — Pois é esta tua creada.

CATHARINA — "Antonces" é "vosmecê" a tia Anastacia?

ANASTACIA — Em carne e osso. E tu quem és, rapariga?

CATHARINA (*Muito depressa*) — Eu sou a Catharina, filha da Magdalena, mulher do Jeronymo.

ANASTACIA — A minha afilhada?

CATHARINA — Verdade, verdadinha, ella mesma, senhora madrinha. Deixe-me darlhe um abraço. (*Abraçam-se*).

ANASTACIA — Estás rija que nem uma junta de bois. Nem te conhecia.

CATHARINA — Nem eu, minha madrinha.

ANASTACIA — E como vieste parar aqui?

CATHARINA — Desempreguei-me. Estava numa fazenda aqui perto... E, quando me vi despedida, disse de mim para mim: vou ter com a minha madrinha e pedir-lhe que me arranje um logar seja lá como fôr...

ANASTACIA — Que sabes tu fazer? És capaz de fazer um almoço?

CATHARINA — Está visto que sim. Não era eu que fazia a comida das gallinhas?

ANASTACIA — E o arranjo de uma casa?

CATHARINA — Certamente. Nisso não se fala.

ANASTACIA — Está bem. Tens algum attestado?

CATHARINA — A patroa mandou fazel-o pelo feitor, que prometteu dar-m'o hoje. E já são horas de ir ter com elle á feira.

ANASTACIA — "Antonces" vae. Quando voltares te apresentarei a "seu" Rodrigo.

CATHARINA — Bem haja, senhora madrinha. Eu bem sabia que não me havia de abandonar. Até á volta, madrinha. Posso deixar aqui esta trouxa?

ANASTACIA — Trazes uma trouxa?

CATHARINA — Trago. Fiz economias. (*Abrindo-a*) Ora veja: um par de meias, uma camisa, duas saias brancas, um par de sapatos novos e uma blusa de chita.

ANASTACIA — Vejo que és uma rapariga arranjada.

CATHARINA (*Colloca o embrulho sobre uma cadeira e vae sahindo*) — Fique com Deus! Mas... (*Olhando para fóra*) que carro é aquelle que parou á porta?

ANASTACIA — Um carro?

CATHARINA — Sim, senhora. E vêm lá dois homens e uma senhora que parecem tres bonecos.

ANASTACIA — "Antonces" hão de ser os herdeiros.

CATHARINA — Ora toma! A senhora parece-se mesmo com uma perúa que eu chamava Viscondessa.

ANASTACIA — E é mesmo uma viscondessa.

CATHARINA — Querem ver que é o casal dos meus perús?

ANASTACIA — Cala-te.

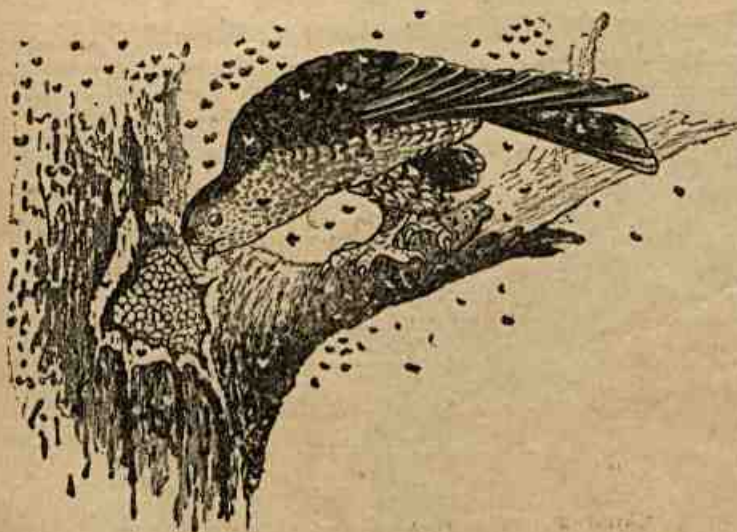
CATHARINA — Olhe, madrinha, a mulher está olhando por um pedacinho de vidro. (*Faz como quem olha por um lorgnon*) Será céga de nascença? (*Entram os herdeiros*).

SCENA III

AS MESMAS, ROMUALDO, BARÃO E A VISCONDESSA

VISCONDESSA — Ninguem para nos receber?! Que sem-cerimonia revoltante!

BARÃO — Não vejo guarda-portão! As paredes núas! Mas isto é um verdadeiro casebre!

UM FALCÃO DE GOSTO BEM DELICADO

O falcão de mel — (Desenho de Addison)

Em geral os falcões vivem de carne fresca, mas na Europa e Asia ha falcões que preferem o mel e as larvas das abelhas. Alimentam-se tambem de insectos e pequenos animaes.

Tia Joaquina

ADAPTADA POR BRITTO MENDES

ANASTACIA (*Approximando-se*) — Uma creada de Vossas Excellencias.

ROMUALDO — Até que emfim apparece alguem.

VISCONDESSA (*Para Anastacia*) — Quem é aquella pequena?

ANASTACIA — E' minha afilhada.

CATHARINA — Catharina, guardadora de perús, para servir os meus patrões.

VISCONDESSA — Que horror, barão! Pois ha creaturas que guardem perús?

ROMUALDO (*Para Anastacia*) — Previna ao sr. Rodrigo Telles que estão aqui a insigne literata, Viscondessa de Aguas Santas, o Barão de Montes Claros e o Commendador Romualdo Pimentel.

ANASTACIA — Sim, senhor. Já vou. Anda, Catharina. (*Sahindo*) Como são antipathicos!

SCENA IV

OS MESMOS, EXCEPTO CATHARINA E ANASTACIA

ROMUALDO — Esta gente não sabe de certo com quem trata.

BARÃO — Que quer, meu amigo? No interior são todos uns verdadeiros selvagens.

ROMUALDO — Na verdade não comprehendo como deixei o meu palacio por causa desta mesquinha herança!

BARÃO — O mesmo digo eu.

VISCONDESSA — E eu, que tive de renunciar ao prazer de ser madrinha de uma baleeira que vae entrar nas proximas regatas!

ROMUALDO — Tem razão! Renunciar a tudo para conhecer o testamento de uma roceira que entrou em nossa familia de surpresa e a contragosto de nós todos.

VISCONDESSA — Uma mulher que nunca teve a menor noção da arte, que nunca comprehendeu os mysteriosos effluvios que fazem despertar num coração sensivel os divinos accordes do inspirado Hayden, as sublimes estrophes do grande Lamartine!

BARÃO — E' verdadeiramente humilhante!

ROMUALDO — Não sabem a quanto monta a sua fortuna?

BARÃO — Dizem que vivia em grande abastança.

VISCONDESSA — Com effeito, esta gente que sahiu do nada tem o habito de enthesourar. Sempre é uma qualidade.

BARÃO — Para os herdeiros.

ROMUALDO — Não para mim. Pensar que tenho de descer da minha dignidade para receber esta miseravel herança, eu Romualdo Pimentel, cujos avós descendem da casa de Bragança!

BARÃO — E eu, o arbitro da elegancia no Rio? Como poderei vir encerrar-me nestas mattas por causa de tão modesto quinhão?

VISCONDESSA — E que dirão de mim no mundo das letras?

ROMUALDO — A que sacrificios nos obriga o amor da familia!

BARÃO — Certamente seria uma injuria recusar o que vem dos nossos parentes.

VISCONDESSA — Como sinto a voz do sangue vibrar alto dentro de mim! Creio que a nossa interessante parenta nunca teve a audaciosa lembrança de dispôr da sua fortuna em favor de outrem...

ROMUALDO — Que idéa, viscondessa! Se tal acontecesse cobrir-se-iam de vergonha as cinzas daquelle que em vida pertenceu á mui nobre e antiga familia Caldeirão!

BARÃO — De facto sempre contamos com esta herança.

VISCONDESSA — E portanto só a nós nos pertencem estes poeticos dominios.

BARÃO — Vejo que nos entendemos ás mil maravilhas. (*Ouvem-se passos*) Se não me engano ahi vem o testamenteiro. (*Entra Rodrigo*).

SCENA V

OS MESMOS E RODRIGO

RODRIGO — Desculpem-me tanta demora! Imaginem VV. EEx. que o tabellião tinha ficado de me trazer hontem a cópia do testamento, mas como não apparecesse, resolvi ir pessoalmente buscal-a a sua casa. Como sabem, estou encarregado de lhes dar sciencia das clausulas constantes desse documento.

ROMUALDO — Concedemos-lhes a honra de nos fazer essa communicação.

BARÃO — Dispensamol-o de ler o que não nos interessa.

VISCONDESSA — Contentemo-nos em ouvir as disposições essenciaes aos nossos interesses. Detesto a prosa.

RODRIGO — Queiram sentar-se. (*Sentam-se todos*).

BARÃO — Estamos ás suas ordens.

VISCONDESSA — Póde ler.

RODRIGO — Devem saber sem duvida que a nossa respeitavel amiga, um mez antes da sua morte, visitou o logarejo onde nasceu e que sempre amou como sua verdadeira patria.

BARÃO — Que idéa réles!

RODRIGO — A minha defunta amiga tinha por esse logar verdadeira veneração. Além disso, o fim da sua viagem era saber se ainda existia algum de seus parentes.

ROMUALDO — Como? Quereria favorecel-os em nosso prejuizo?

BARÃO — Teria por acaso a idéa de nos desherdar?

VISCONDESSA — Quem tem a honra de possuir parentes como nós não tem necessidade de procurar outros.

RODRIGO — Soceguem. A fallecida não encontrou um unico parente e foi depois disso que resolveu fazer o testamento que dá a VV. EEx. o direito á fortuna que deixou.

ROMUALDO (*Approximando-se de Ricardo*) — Vejamos o testamento.

BARÃO (*O mesmo jogo*) — Ouçamos esse interessante documento.

VISCONDESSA (*O mesmo jogo*) — O estylo deve ser primoroso.

RODRIGO — Em primeiro logar saibam que a fortuna da extincta compõe-se de duas fazendas, valendo cada uma duzentos contos.

OS TRES — Duzentos contos!

ROMUALDO — Respeitavel senhora!

VISCONDESSA — Sempre comprehendi que era mulher de superior merecimento!

RODRIGO — E moinhos e pastos que lhe rendiam cerca de oitenta contos por anno.

BARÃO — Mas é uma fortuna de mil contos!

ROMUALDO — Deus a tenha em sua santa gloria!

VISCONDESSA — Estou commovidissima!

RODRIGO — *Passemos á leitura.* (*Os tres approximam ainda mais as cadeiras*). "Eu, Joaquina Caldeirão, não tendo podido encontrar um unico descendente da minha familia, resolvi tornar ricos os de meu marido".

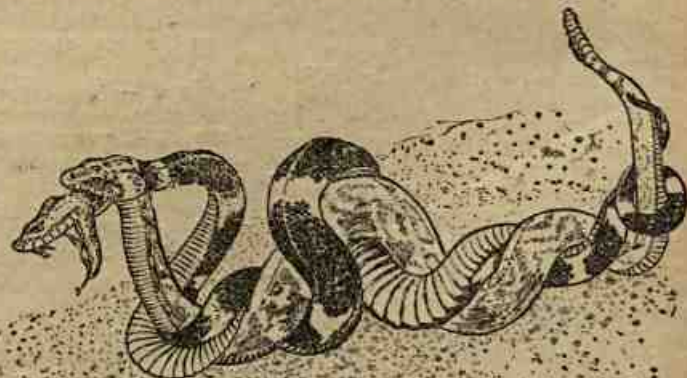
ROMUALDO — E' acção de pessoa nobre.

VISCONDESSA — Em sua honra escreverei a mais sentida elegia.

RODRIGO (*Continuando a ler*) — "Reduzem-se a tres estes parentes: o sr. Barão de Montes Claros, muito nobre e illustre fidalgo, possuidor de menor numero de propriedades do que de ridiculos..."

BARÃO (*Mudando de physionomia*) — Ora essa!

SERPENTES QUE SE DEVORAM

Ha cobras inimigas que, quando se encontram, entram em encarniçada luta. A giboia mata por constricção, emquanto que a surucucú se fia no veneno terrivel que tem. A luta dessas duas cobras é verdadeiramente dramatica. A vencedora, invariavelmente engole a vencida.

Serpentes lutando. (Desenho de Addison)

VISCONDESSA (*Rindo*) — Não faça caso. A nossa defunta parenta era muito espirituosa.

ROBERTO (*Continuando*) — "A Viscondessa de Aguas Santas, musa conhecidissima na sociedade elegante, que manda fazer os seus versos como quem encommenda chapéos..."

VISCONDESSA (*Desconcertada*) — Isso esta ahi escripto?

ROMUALDO — Simples gracejo. A nossa querida prima repete apenas o que ouvia dizer. Ella tinha muita graça.

RODRIGO (*Continuando*) — "E o commendador Romualdo Pimentel, fidalgo de alta linhagem, que se distingue na sociedade pela sua notavel ignorancia e pela sua grande descortezia para com todos".

ROMUALDO (*Sorrindo*) — Era muito bôa creatura... mas muito mal-creada.

VISCONDESSA — A nossa prima era de uma franqueza adoravel!

RODRIGO (Lendo) — "Todos os tres parentes aqui mencionados concorrerão ás partilhas sob as seguintes condições".

OS TRES — Vamos ás condições.

RODRIGO (*Continuando*) — "Como não quero enriquecer pessoas que desprezem a minha modesta condição, exijo que só sejam admittidos como meus herdeiros depois de terem envergado trajes iguaes aos que usam os matutos da minha terra".

OS TRES — Ah!

RODRIGO (*Continuando*) — "E depois de se terem exhibido com as referidas roupas perante o meu executor testamentario exijo que tambem submettam á apreciação delle as suas aptidões de dansarinos, bailando em minha casa como a gente da roça".

VISCONDESSA (*Levantando-se*) — Que atrocidade!

ROMUALDO — Eu mettido em bailaricos!

BARÃO — Eu, o arbitro da elegancia, vestido de matuto!

ROMUALDO — *A sua velha amiga*, meu caro senhor, é impertinente mesmo depois de morta. Vamos annullar o testamento que ella fez para nos cobrir de opprobrio.

BARÃO — Inutiliza-se já.

RODRIGO — Isso não. Desde que VV. EEx. são os unicos herdeiros só têm uma cousa a fazer.

TODOS — Qual é?

RODRIGO — Renunciar á herança.

ROMUALDO — E' verdade.

VISCONDESSA — Elle tem razão.

BARÃO — E' o que temos a fazer.

RODRIGO — Têm muito tempo de reflectir. A casa está á disposição de VV. EEx. Quando precisarem de alguma cousa tenham a bondade de chamar. (*Faz menção de sahir mas volta*) Esquecia-me de dizer: este quarto é do sr. Barão (*Indica*), este da senhora Viscondessa (*idem*) e este do sr. Commendador Romualdo (*idem*). Em todos elles ha roupas apropriadas para os fins da clausula do testamento. (*Sáe*).

SCENA VI

OS MESMOS, EXCEPTO RODRIGO

ROMUALDO — Que vexame!

VISCONDESSA — Que insolencia!

BARÃO — Esta gentalha imagina que vamos descer da nossa dignidade por uma fortuna qualquer.

ROMUALDO — Eu estou acima de semelhantes ninharias!

VISCONDESSA — Que diria a sociedade se eu acceitasse uma clausula tão infamante!

ROMUALDO — Desta herança só sinto a perda das fazendas. Uma herdade dá certo tom.

VISCONDESSA — Eu lamento a perda das florestas, não pelo seu valor, mas porque lá se ouve o chilrear dos passarinhos, o murmurar dos regatos, o ciciar da brisa segredando endeixas ás mariposas, que andam de flôr em flôr. Só ali ha sombra e frescura, *só ali ha poesia, muita poesia...*

BARÃO — O moinho não deixa de ter tambem o seu cortejo de borboletas, libando o mel das flores! Como é bom sonhar á sombra das laranjeiras!

ROMUALDO — Ah! minha amiga, vejo que aprecia a natureza como eu. (*Mudando de tom*) Mas como estes bens nos custam caro!

VISCONDESSA — A sua posse deshonra-nos.

BARÃO — Por consequencia, a nossa resolução está tomada, não é assim?

ROMUALDO — Estamos decididos.

BARÃO — Comprometem-se a não cumprir a clausula testamentaria?

ROMUALDO — Certamente. (*Ao Barão*) E V. Ex.?

BARÃO — Comprometto.

VISCONDESSA — Tambem eu. Quebrem-se as cordas da minha lyra se eu não cumprir este sagrado juramento. (*Entram Anastacia e Catharina*).

SCENA VII

OS MESMOS, ANASTACIA E CATHARINA

ANASTACIA (*Para Catharina*) — Trouxeste os papeis?

CATHARINA — Trouxe. Não falta nenhum.

ANASTACIA — Põe-nos em cima daquella mesa emquanto vou chamar "seu" Rodrigo (*Catharina obedece e Anastacia sáe*).

SCENA VIII

OS MESMOS, EXCEPTO ANASTACIA

VISCONDESSA — E era assim que me queriam vestir. Sempre quero ver como se anda dentro daquelles trajes (*Assesta o lorgnon sobre Catharina*).

CATHARINA (*Vendo os movimentos da Viscondessa*) — Que terei eu? (*Examina-se*).

VISCONDESSA — No fim de contas uma senhora linda deve dar áquelle traje um ar distincto.

BARÃO (*A' parte, olhando para Catharina*) Não é de todo feio este vestuario.

ROMUALDO (*Idem*) — Afinal não é muito difficil vestir uma roupa daquellas.

CATHARINA (*Enfiada*) — Esta gente da cidade tem cousas! (*Volta-lhes as costas e dirige-se para o fundo, cantarolando*).

BARÃO (*A' parte*) — Se um de nós cumprir a clausula ficará com a fortuna toda...

ROMUALDO (*Idem*) — Se eu executar o mandato herdarei tudo...

VISCONDESSA (*Idem*) — Se eu vestir áquelles trajes...

BARÃO — Não ha que hesitar. (*Para Romualdo*) Nada mais me prende aqui. Volto na minha carruagem para a estação.

ROMUALDO — E eu sigo para minha casa de Ouro Preto.

VISCONDESSA — Eu volto para o Rio.

BARÃO — Tenho a palavra de ambos, não é assim?

OS DOIS — Tem. E nós contamos com a sua.

VISCONDESSA (*Cumprimentando-os*) — Meus senhores... (*Sáe*).

ROMUALDO (*Ao Barão*) — Vamos. (*Encaminham-se ambos para a porta, indo Ro-*

mualdo na frente, e sáem. Instantes depois volta o barão a olhar para traz).

Barão — Estou só. Não percamos tempo. (*Entra no quarto indicado. Neste momento entra Romualdo com o mesmo jogo*).

Romualdo — Ninguem. Entremos depressa. (*Entra igualmente no quarto designado. Depois entra a Viscondessa e faz o mesmo*).

Viscondessa — Foram-se todos. Depressa. (*Entra no quarto que lhe fôra destinado*).

Catharina (*Que vira todos estes movimentos sem os comprehender*) — Estarão a jogar as escondidas? (*Entram Anastacia e Rodrigo*).

SCENA IX

CATHARINA, ANASTACIA E RODRIGO

Anastacia (*A Rodrigo*) — Aqui está a rapariga, "seu" Rodrigo. (*A' Catharina*) Anda, cumprimenta o patrão. (*Catharina cumprimenta-o timidamente*).

Rodrigo — És tu que desejas collocação?

Catharina — Sou eu, sim senhor. Um logar para cuidar das gallinhas ou tratar dos porcos... aqui ou em outra qualquer parte onde se possa ganhar a vida.

Rodrigo — Então queres ganhar a vida?

Catharina — Por mim pouco me importa, mas tenho um irmão pequeno e preciso cuidar delle.

Rodrigo — A Anastacia não me falou nisso.

Catharina — Não lh'o quiz dizer. Se eu lhe falasse no meu Antonico havia de pensar talvez que quizesse metter-lh'o cá em casa e eu não vim aqui para isso. Emquanto eu puder trabalhar, o Antonico só precisará da amisade dos outros. Por elle darei o proprio sangue, como se meu filho fosse. E' por isso que quero trabalhar e ganhar dinheiro. O meu desejo é vel-o satisfeito.

Rodrigo (*Interessando-se*) — És um anjo, minha filha. E não tens outra pessoa de familia?

Catharina — Não senhor. O Antonico é meu pae, minha mãe, meu irmão, meu filho, a parentela toda para mim.

Rodrigo — Donde é a tua familia?

Catharina — Não sei. Estão aqui os meus papeis. (*Tira-os da mesa e dá-lh'os*).

Anastacia (*Para Catharina, emquanto Rodrigo vê os papeis*) — Eu não dizia que não tivesses medo?

Catharina — E' um santo homem.

Rodrigo — Será possivel?

Anastacio — Que diz o senhor?

Catharina — Que foi, patrão?

Rodrigo — Se fôr verdade, nunca mais te faltará nada, nem a ti nem ao teu Antonico.

Anastacia (*Para Catharina*) — Has de vêr que já te arranjou logar em qualquer parte. (*Rodrigo continúa a examinar os papeis*).

SCENA X

OS MESMOS E OS HERDEIROS

Romualdo (*Sahindo do quarto vestido de roceiro e indo collocar-se em scena baixa*) — Serei o unico herdeiro.

Catharina (*Vendo-o*) — Outro parceiro! E' capaz de me tirar o emprego.

Barão (*Sahindo do quarto, vestido do mesmo modo e collocando-se tambem em scena baixa, do lado opposto*) — Vou ficar sósinho com a herança.

Catharina — Mais outro. Parece que estamos numa feira de creados.

Viscondessa (*Fechando a porta do quarto*) — A herança agora é minha. (*Ficam os tres em scena baixa, sem se verem uns aos outros. Rodrigo, no fundo, mostra os papeis a Anastacia, que fala em voz baixa, muito admirada*).

Os tres (*Reparando uns nos outros*) — Ah!

Romualdo — Que vejo?

Barão — O senhor aqui?

Viscondessa — Os senhores aqui?

Barão — Mas é uma perfidia!

Romualdo — Uma traição!

Viscondessa — Uma emboscada!

Catharina — Que gatimonhas são aquellas?

Anastacia (*Voltando-se*) — Lá estão todos.

Rodrigo — Tinha a certeza disso.

Barão — E' assim que cumpriram a promessa?

Viscondessa — E' uma falta de dignidade!

Barão — Queriam excluir-me das partilhas!

Viscondessa — Pretendiam expoliar-me!

Romualdo — Mas não contavam commigo!

Barão — Eu cumpri as clausulas.

Romualdo — Eu tambem.

Viscondessa — E eu tambem.

Catharina — Mas que vem a ser isto?

Rodrigo (*Dirigindo-se a Viscondessa*) — Basta, minha senhora.

Viscondessa — O senhor é testemunha de que obedeci ás disposições do testamento.

Barão — Tambem eu.

Romualdo — E eu tambem.

Viscondessa — Portanto a fortuna pertence-me.

Barão — Perdão, pertence-me a mim.

Romualdo — Minha é que ella é.

Catharina — "Antonces" elles disfarçaram-se em roceiros para apanhar alguma fortuna? Nesse caso parecem-se com os palhaços que dão cambalhotas nas feiras para arancar dinheiro ao povo.

Os tres — Palhaços, nós?

Anastacia — Com a differença de que se fazem pagar mais caro.

Romualdo — Insolente!

Rodrigo (*Para os herdeiros*) — Meus senhores, agradeço-lhes em nome da fallecida a prova a que acabam de submetterem-se e communico-lhes que a clausula do testamento referente a VV. EEx. é nulla, visto ter apparecido uma descendente da tia Joaquina — a pequena Catharina, sua unica e legitima herdeira.

Catharina — Eu?

Rodrigo — Sim. (*Para os herdeiros*) Eis a legitima herdeira, que tenho a honra de apresentar a VV. EEx. O acaso acaba de descobrir nella uma neta da fallecida.

Barão — Maldito acaso!

Viscondessa — *Eu vou desmaiar.* (*Cáe*).

Barão e Romualdo (*Levantando-a*) — Coragem! Fujamos daqui quanto antes. (*Levam-n'a em braços para fóra*).

Catharina — Ah! minha madrinha! (*abraça-a*) Como o Antonico vae ser feliz! *Bemdito acaso!*

(PANNO)

S a u d a d e

Saudade, palavra doce
Que traduz tanto amargor!
Saudade é como se fosse
Espinho cheirando a flor.

Saudade, ventura ausente,
Um bem que longe se vê,
Uma dôr que o peito sente
Sem saber como e por que.

Um desejo de estar perto
De quem está longe de nós;
Um — ai — que não sei ao certo
Se é um suspiro ou uma voz.

Um sorriso de tristeza,
Um soluço de alegria
O supplicio da incerteza
Que uma esperança allivia.

Nessas tres syllabas ha-de
Caber toda uma canção:
Bemdita a dôr da saudade
Que faz bem ao coração.

Um longo olhar que se lança
Numa carta ou numa flor
Saudade — irmã da Esperança,
Saudade, — filha do Amor.

Uma palavra tão leve
Mas tão longa de sentir
Que ha muita gente que a escreve
Sem a saber traduzir.

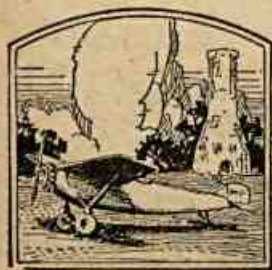
Gosto amargo de infelizes
Foi como a chamou Garrett:
Coração, calado dizes
Num suspiro o que ella é.

A palavra é bem pequena
Mas diz tanto de uma vez!
Por ella valeu a pena
Inventar-se o Portuguez.

Saudade — um suspiro, uma ansia,
Uma vontade de vêr
A quem nos vê á distancia
Com os olhos do bem querer.

A saudade é calculada,
Por algarismos tambem,
"Distancia" multiplicada
Pelo factor "Querer bem".

A alma gela-se de tedio
Enchem-se os olhos de ardor...
Saudade — dôr que é remedio,
Remedio que augmenta a dôr.

B A S T O S T I G R E

T A M A N D A R É

(L E N D A B R A S I L I C A)

Em qualquer ponto do Brasil, onde se pergunte aos indios quem era Tamandaré, elles repetem a narração biblica sobre o diluvio, com uma variante apenas.

No logar da Arca de Noé, tão conhecida mesmo daquelles que nunca ouviram falar no diluvio, elles collocam uma palmeira, que, se não tem a vantagem de chegar para acolher, além da familia, toda sorte de animaes, tem o merito da poesia sertaneja, tão cheia de encanto!

Noé, chrismado por Tamandaré, salvou a familia no tôpo de uma palmeira, que, arrancada pela violencia das aguas, vogou durante uma porção de luas, exactamente como a Arca de Noé.

E, um bello dia, baixando as aguas, a palmeira achou-se, erecta e vivaz, numa grande planicie. Junto della, em vez da pombinha biblica e do arco-iris, a lenda indigena nos fala de um mimoso passarinho, o "guanumbi" ou beija-flôr, cujas asas brilhavam aos reflexos do sol!

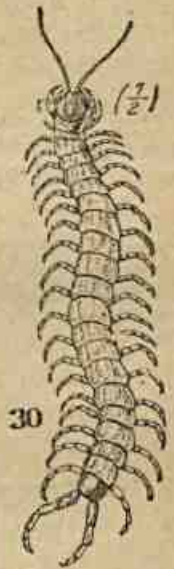
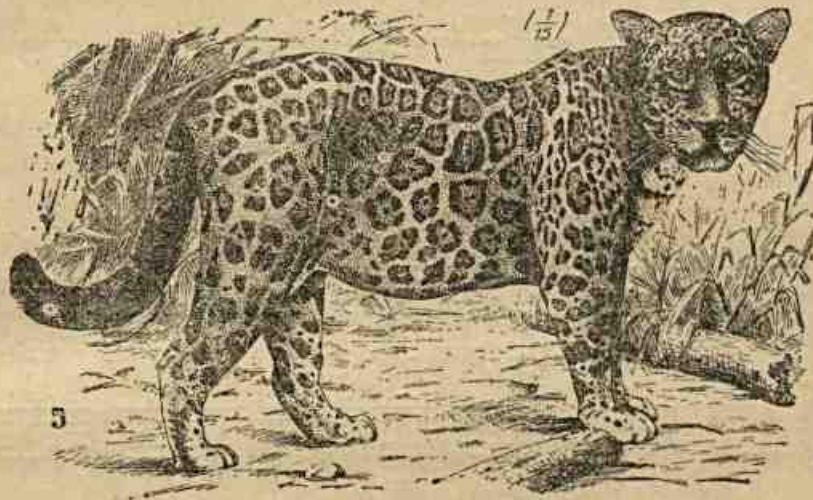
E, se a lenda fôr contada pelos indios do Amazonas, elles mostram, com toda a segurança, o logar onde a palmeira ficou, porque ali as aguas não chegaram.

E' o monte Ereréh, que apresenta ao visitante uma cousa singular... De certo ponto para cima, a vegetação é inteiramente differente! E os indios affirmam que essa differença mostra o ponto onde as aguas pararam. Dahi para baixo, tudo morreu! Homens, animaes e plantas!...

Lendas, são lendas! E' o que dizem todos. Mas, que dirão se observarem que, na Biblia, se chamava *Monte Ararát* o logar onde a Arca parou?!...

E, por que, de tantos exploradores e estudiosos que gastaram annos e annos explorando o sertão e enchendo já para mais de trezentos livros sobre o Brasil antigo e a gente que o habitou desde o principio do mundo, ninguem se lembrou de fazer taes comparações?!

E' que Deus, na sua infinita sabedoria e misericordia infinita, teve pena do homem moderno, que quer viver sem a grande força e o grande consolo da religião, porque esta religião lhe impõe uma disciplina necessaria ao seu bem-estar... E, então, as descobertas da sciencia, que só pela religião se explicam, ha de algum dia servir de ponte salvadora, reconduzindo o homem incréo á crença de seus avoengos.

G E M M A D ' A L B A

A CORRIDA DIFFERENTE

O Felicio, naquelle sabbado, veiu como de costume dar uma prosinha com as creanças do Sr. Almeida.

O bom velho sabia quanto era querido... Talvez pelas historias que contava, mas emfim, era estimado.

— "sons-Christo"! saudou elle, descobrindo-se.

— Olá, Felicio! Pensei que este sol lhe mettesse medo e você nos pregasse um logro.

— Capaiz! retrucou o velho, empertigando-se todo, não tenho medo de nada, nhonhô!

— Pois é mais feliz do que eu, que estou com um receiozinho do campeonato de amanhã. Você não arranja sebo de onça para eu esfregar nas canellas? Talvez adiante.

— Não dianta! riu o preto. Vou contar a historia que se chama "Corrida differente". Talvez mecê tire alguma idéa.

— Bravos! Apoiado! Muito bem! applaudiram todos.

— Foi assim: a onça andava com ciume da raposa por causa da festa do casamento da rapozinha, que tinha sido um successo.

A onça estava com uma raiva!

Ella tambem queria sobresahir e não arranjava geito.

Então ella consultou o macaco, que era muito sabido, sobre um meio de chamar a attenção de todos os bichos, de fazer muito mais successo que a comadre raposa.

— Ah! isso é facil, retrucou o macaco, pulando: corda no seu rabo, signal certo de maroteira. Eu tenho um plano: você annuncia uma corrida como nunca se viu, na qual podem concorrer todos os bichos sem aza.

— Mas isso é um absurdo! Porque só me apparece o veado, e eu quero uma coisa sensacional!

— Você não ouviu o fim; mande espalhar pela matta muitos cartazes com estes dizeres: "Grande corrida desde o jequitibá grande até á fonte, com prazo de um mez! O resultado e os premios serão surpresas. Differente de tudo que já se viu até hoje.

— Não estou entendendo bem, mas parece uma coisa original.

Antes do fim da semana havia em cada arvore um cartaz anunciando a grande festa.

A principio, todos os bichos se espantaram com a noticia: com certeza era maroteira da onça, e cada um jurava que não se metteria no embrulho. Mas depois, cada um se lembrou que a onça era muito rica e a recompensa talvez fosse boa; e ás escondidas foram inscrever-se.

— Quem sabe si o premio não é para quem ande de banda? pensou o caranguejo. E lá foi elle procurar a onça.

— Talvez a empresa seja levar a casa nas costas? Eu vou arriscar, decidiu o caramujo.

— Aquella onça é maluca, quem sabe si o premio não é para quem andar mais devagar? Não perco a occasião, disse a lesma.

O veado achava até ridiculo concorrer... mas emfim tambem foi.

— Se a corrida fôr aos pulos o premio é meu, reflectiu o sapo.

E assim, cada um foi achando uma razão para tomar parte, e o facto é que, no dia marcado, todos os bichos compareceram. A onça deu o signal de partida e cada qual começou a mostrar suas habilidades. Foi um espectaculo dos mais comicos, que só a onça e o macaco podiam apreciar.

Naturalmente o primeiro que chegou á fonte foi o veado, depois chegaram alguns outros bichos grandes.

Durante o mez inteiro, diariamente elles repetiam a corrida, e isso emquanto os bichinhos pacientemente ganhavam terreno.

No ultimo dia, a onça e o macaco foram á fonte para anunciarem o resultado...

(Conclue no fim do numero).

PAPAE-NOEL

DA SERIE DE SCENAS INFANTIS

Palavras de Olegario Mariano. *Musica de* Hekel Tavares

CANTO

PIANO.

Pa_pae-No_el quan_do vo_cê lo_go de noite ______ Tra_zê nas

cos_ta o sacco cheio de brin_quêdo ______ Ba_ta com gei_to, de man_si_nho, na ja_nella ______ P'ra eu po_

dê os meus oi_nho a_bri mais cêdo ______ Pruquê a Zó_zó_ta, só d'in_ve_ja d'impli_

PAPAE-NOEL
QUANDO VOCÊ LOGO DE NOITE
TRAZÊ NAS COSTA O SACCO CHEIO DE BRINQUEDO
BATA COM GEITO, DE MANSINHO, NA JANELLA
P'RA EU PODÊ OS MEIOS ÔINHOS ABRI MAIS CÊDO
PRUQUÊ A ZÓZÓTA, SÓ DE INVEJA DE IMPLICANCIA
NOUTRO NATAL CORDOU MAIS CÊDO E ME ENGANOU
EM VEZ DE POR SEU SAPATINHO NA JANELLA
POIS O SAPATO MUITO GRANDE DO VÔVÔ...

Um passeio gorado!

— Qual, é sempre assim! Basta a gente fazer projectos; ter tudo promptinho na imaginação para um optimo *pic-nic* e o diabinho se mette no meio, desmanchando sem dó os nossos castellos!

Foi essa a queixa que o Sr. Almeida ouviu, vinda do quarto contiguo, onde os filhos aprompptando-se para o passeio, receberam a triste noticia da doença de Helio, bom companheiro de folias. Por isso mais penalizado ficou o pae com o desaponto das creanças que já havia dias vinham idealizando reinações para essa excursão.

O que fôra allegado, a doença, era motivo sério, e elles só iriam á cachoeira, quando o amiguinho estivesse bom.

Porém a idéa de um novo divertimento occorreu-lhe, e dando ás pressas o nó na gravata foi ao quarto dos meninos, encontrando cada um com uma expressão mais aborrecida que o outro; e Elza que tambem viera choramingar junto dos irmãos e de Oswaldinho, hospede dos primos havia alguns dias.

Querendo alegral-os fez um sorriso amavel e falou-lhes:

— Oh! até parece que entrei na Penitenciaria! Que silencio e que caras amanhecidas!

— Ora, papae, não é para menos, veja, já estavamos quasi promptos, até Celso, o "atrazado" foi o primeiro a vestir-se...

— E isto trouxe me azar, tive de attender a quem batia. Confesso! fiquei acabrunhado quando o Eugenio a mandado do Sr. Zizinho me trouxe o recado, accrescentando parecer escarlatina o que tem o Helio!

Elza tambem se lastimou:

— Ah! e eu que havia preparado dois sandwiches, um de... pimenta e outro de... sal, para mistural-os aos outros.

— Marotinha! disse-lhe o pae afagando-lhe a cabeça. Bem, eu proponho uma cousa: vocês ficariam muito tristes por descermos até á villa e irmos á *matinée*?

— Quasi digo: ha males que vêm para bem! Mas respondo pelo *team*: obrigado, SIM! apressou-se Sergio a responder.

— Pois então, almoçaremos antes da hora e depois toca tudo para o Central.

— Elza, você contenha-se, para não querer comprar de tudo o que vê: sorvete de lambida, amendoim, pipoca, tremoço, pinhão, etc., lembrou-se Celso. Um muchocho foi a resposta!

A's duas horas em ponto estava o bandinho, chefiado pelo Sr. Almeida, installado no cinema. Uma comedia abriu o programma e depois, ia começar um film natural. Elza que se conservára calada, puchou pelo braço o seu vizinho e muito em segredo pediu-lhe:

— Sergio, eu não entendo, não sei ler! você seria bonzinho se me explicasse tudo, mas não conte ao primo...

Respondendo affirmativamente Sergio cumpriu o promettido começando a descripção:

— Olhe, Elza, um film natural sobre o carvão de pedra, ou hulha. Elle é encontrado debaixo da terra e é considerado como mineral, que são substancias de que se compõe a mesma. Vê: ahi é a mina onde os trabalhadores construiram galerias... aquelles corredores compridos e estreitos.

— Ih! que gostoso, com elevadores!

— Sim, para facilitar o transporte dos blocos para cima, não deve ser muito gostoso trabalhar lá em baixo da terra, ainda mesmo com elevadores...

— O que é aquella pedra com desenhos, parecendo folhas?

— O carvão mineral é o resto das immensas florestas que cobriam a terra ha muitos milhões de annos e que ninguem sabe como foram sepultadas debaixo do solo. Mas a prova é que se encontram algumas vezes, nas minas de carvão, troncos, galhos, ramos e folhas de plantas reduzidas a carvão de pedra. Presta attenção aos desenhos. Vê aquella pedra; tem uma folha estampada! — E' espantoso, hein, Sergio?

— Aquella locomotiva que estás vendo não é movida a lenha, mas sim a carvão mineral ou hulha que é um combustivel e esquenta as caldeiras da machina.

Depois da mudança da projecção Elza exclama:

— O que é aquillo? Credo, quanto lapis!

— E' para nos mostrar que o lapis tambem é feito de uma especie de carvão mineral: o graphite com que escrevemos. Nova mudança, nova exclamação.

— Ai! e o leão? diz Elza, espantada.

— Ah! este é o leão da "Metro" que vem avisar-nos ser o fim da fita.

O Sr. Almeida, enthusiasmado com o film instructivo, perguntou aos filhos: — Então, gostaram e entenderam bem? A menina orgulhosa respondeu:

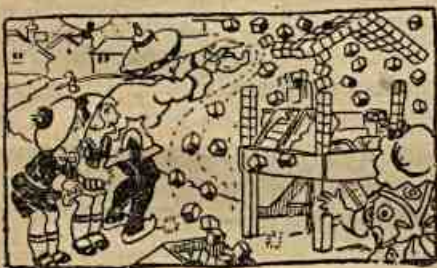
— Eu mesmo sem saber ler, entendi perfeitamente!

— Valeu-nos o Espirito Santo! — No intervallo, houve uma pequena discussão entre Sergio e Celso, e quando apagaram as luzes, Elza teve de fazer o mesmo pedido de explicação a Celso, seu novo vizinho, emquanto Sergio fôra gozar com Oswaldinho o film do "mocinho".

TIO NOUGUI

O novo Aladino

O amigo Aladino, sempre em companhia de sua lampada, foi passear com os irmãos Frederico. Os irmãos Frederico são muito bons meninos e decididos amigos do Aladino.

Por isso, Aladino sempre lhes reserva uma surpresa. E, vendo a vendedora de bolos, disse-lhe: — Vou fazer, com minha lampada e meus cubos, um lindo kiosque...

...para você. E immediatamente os cubos sahiram da caixa e começaram a formar um lindo kiosque. Era um mimo de construcção e de encanto.

A vendedora de bolos ficou muito contente e admirou a arte do querido Aladino.

Jesus e as creancinhas

Para que Christo os tocasse
da sua Graça divina
e a todos abençoasse,
traz-lhe, um dia,
uma judia,
linda mãe samaritana,
seis bébés e uma menina
que delles seis era a mana
mais velha mais pequenina.

Certo
hebreu, que estava perto,
ouvindo o verbo inspirado
do seu Mestre,
volve, então, num tom agreste,
afastando os pequeninos:
— "Para que vindes aqui
com vossos sete meninos
importunar o Rabi ? !"

Emtanto, Jesus, ouvindo
desse hebreu a impertinencia,
e em face do rancho lindo,
todo candura e innocencia,
brada-lhe logo: — "Deixae
vir a mim os pequeninos
pois que, no Céo, o meu Pae
tem por anjos os meninos!
E desde já vos aviso —
quem me avisa amigo é —
que, para entrar no Paraiso,
unicamente é preciso
ser puro como um bébé !

AUGUSTO DE SANTA RITA

Animaes que não bebem agua

Ha animaes que não bebem agua? Ha, sim, e estão no numero delles as "lhamas" da Patagonia, certos antilopes do Extremo Oriente, alguns reptis e uma especie de ratos que vivem nas planicies da America occidental.

Os coelhos não absorvem outro liquido além do orvalho que rocia a herva que comem.

Na França, emfim, existem alguns rebanhos que bebem raramente, o que não os impede de dar bastante leite, de que são feitos os famosos queijos Roquefort.

O porco-espinho enganado

O Morabitino sabia que o porco-espinho gostava immensamente de mel e viria comer os favos que se achavam sob a campanula, no apiario.

Dahi retirar os favos de sob a campanula e collocar a carrapêta, girando, de modo a simular, pelo ruido, o zumbir das abelhas.

O porco-espinho, approximando-se, pulou de contente, antegosando o prazer de comer os favos de mel de que tanto gostava.

E logo foi suspendendo a campanula, embaixo da qual não havia favos de mel, mas a carrapêta do Morabitino.

O NATAL DAS TRES MENINAS

São tres pequerruchas, filhas de gente pobre, tres miseraveisinhas que se vão, sujas e maltrapilhas, por essas ruas além sem destino, em busca da esmola dos generosos para o lume e o pão do casebre, num *cortiço* em que o pae geme entrevado e a mãe se esfalfa nas canceiras de sempre.

E como é Natal, é um dia de festas, e a cidade está cheia de gente a passear, e as lojas scintillam de dourados, de papeis multicores, de cousas bonitas e ricas, as tres desgraçadasinhas embasbacam deante das *vitrines*, já esquecidas do que têm a fazer

A multidão passa. Ha tanta gente nas ruas! As tres humilditas olham, aturdidas, o interior dos armazens!...

— Vê tu, Rachel, como são bonitas aquellas caixas?...

— E de que são ellas?...

— Eu sei cá!... parecem doces...

— Doces?... Ha doces assim de prata e de ouro?

— Tôla!... São doces para os ricos. Então elles hão de comer, como nós outras, as cousas feias?

— Joias!... Sophia... olha aqui as joias. Virgem Nossa Senhora!... quanta riqueza!!...

— Ruth! Ruth!... vem cá, vem ver as bonecas. Que bonitinhas!... Que lindezas!...

— Tu querias uma, Rachel?

— Se eu queria!...

— Eu, não. Que iria fazer desse luxo?

— Pois eu, se m'a dessem, eu ia vendel-a para levar dinheiro ao pae...

O pae!... As tres exclamam, como acordadas dum sonho. Vamos, que ainda nada arranjámos para a sôpa do pae. A mamãe vae bater-nos hoje.

— Bater-nos? Não vê!... Hoje não se bate nas creanças... que é o Natal.

— Pois sim!... Fia-te nisso. Só ha Natal para os ricos.

— Dizes tolices... O menino Jesus era pobre e o Natal é o seu dia.

— Mas o menino Jesus, Rachel, era filho de Deus.

— Sophia, pede a esta senhora que ahi vem...

— Minha bôa senhora — diz a pequerrucha estendendo-lhe a mão — uma esmola pelo amor de Deus...

— Que Nossa Senhora lhe dê felicidades.. que Deus Nosso Senhor a proteja!... — exclamou a mais crescida, a Rachel, vendo a prata que a senhora entregou á Sophia, e mal agradace, já a Ruth estende a mão, por sua vez, a um homem:

— Meu senhor; uma esmolinha para o pae que morre de fome...

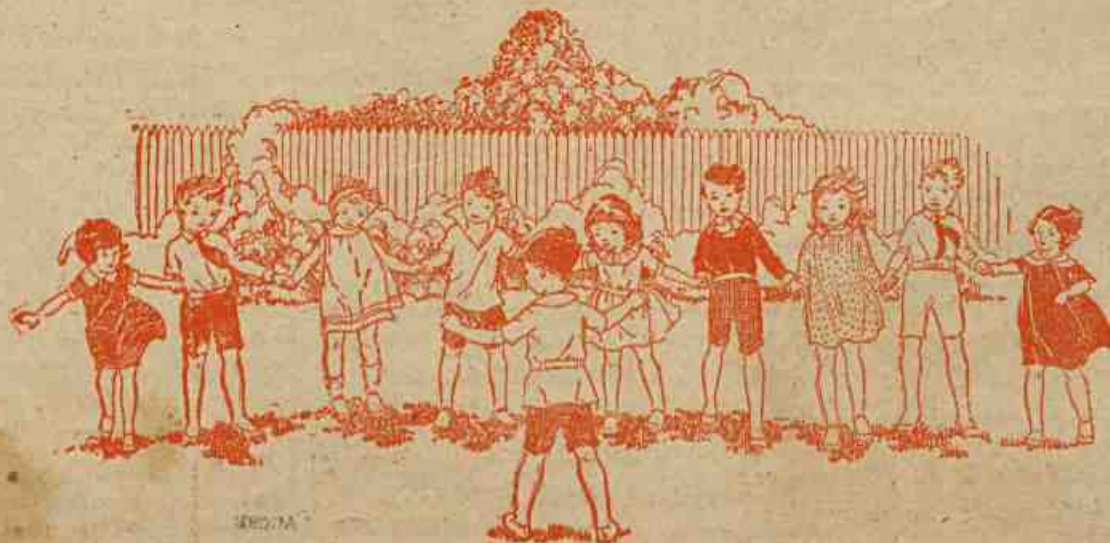
O homem entrega-lhe nickeis. E assim, de momento vão as tres pedindo e os bolsos de seus andrajos começam a pesar. De repente, percebem que não têm mais onde guardar o dinheiro.

— Nunca fizemos como hoje! — exclama Rachel

— Nunca!... E' que é o Natal... e o menino Jesus teve pena de nós.

E as tres pequerruchas, ainda fascinadas pela riqueza das *vitrines*, voltam lentamente para o *cortiço* onde o pae geme entrevado e a mãe se esfalfa nas canceiras de sempre. Pesam-lhes os bolsos, mas nada as seduz. E' como se não tivessem um vintem porque os dias duros da miseria já lhes ensinaram a ter a previdencia dos velhos... a ellas, tres pequerruchas, das quaes a mais taludinha entrou apenas nos dez annos!...

Ah!... a vida!... a vida!... em compensação, ha sempre para os que soffrem um dia de Natal... mas que não chega para todos os miseraveis...

GONZAGA DUQUE

COMO SE DESENHA UM CÃOZINHO

Bonecas

As bonecas foram o divertimento favorito das meninas em todos os tempos e em todos os paizes. Affirma-se mesmo que tanto as meninas abastadas como as menos favorecidas da fortuna sempre brincaram com bonecas.

Nos tumulos dos filhos de antigos pharaós do Egypto foram encontradas bonecas.

Os gansos

Os gansos, essas aves domesticas que todos vocês conhecem, são optimos vigias da habitação e podem substituir, nesse mistér, ao fiel cão. Os signaes de alarme dados por essas aves são os grasnados repetidos em tom alto e só cessam ao afastamento do perigo.

Homero

Homero foi o maior dos poetas lyricos da antiga Grecia. E' autor da *Illiada* e da *Odysséa* e viveu, segundo os calculos de historiadores, no seculo X antes da vinda de Jesus Christo ao mundo.

Os versos e poemas de Homero são de um lyrismo enternecedor e vivo.

O gato do matto

O gato do matto é uma especie de onça e tem o pello luzidio e lindo. E' pouco maior do que o gato domestico, mas dotado de grande ferocidade. Dá enormes saltos e anda pelos galhos das arvores com extraordinaria facilidade. Ha varias especies de gato do matto no Brasil, nos sertões invios de Matto Grosso.

DO GITANJALI

Saio em minha carruagem aos primeiros clarões da luz e sigo o meu caminho pelos desertos do mundo, deixando os meus vestigios pelas estrellas e planetas.

Este é o curso mais comprido para chegar a ti e a explicação mais intrincada que leva á exterior simplicidade de uma harmonia.

O viajor tem que bater a cada porta para chegar á sua e andar vagando por todos os mundos exteriores para alcançar, por fim, o mais intimo relicario.

Os meus olhos divagam largamente antes que eu os feche e diga:

— Tu estás aqui!

A' pergunta e á exclamação: "Oh! onde?" Responderei: dentro em meu coração!"

RABINDRANATH TAGORE

O cavallo de Troia

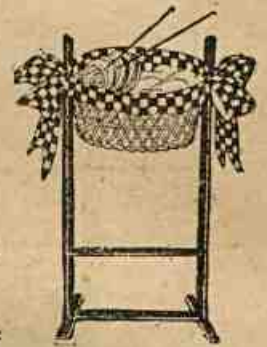
O cavallo de Troia, tão falado na historia, foi um presente que os gregos mandaram aos troianos. Era um authentico e monumental cavallo de páo, dentro do qual estavam escondidas centenas de guerreiros. Conduzido para dentro da cidade, o cavallo mostrou a sua carga guerreira aos troianos.

COMO SE PÓDE TRANSFORMAR UMA CESTA DE VIME EM COUSAS UTEIS E ARTISTICAS

A classica cesta de vime que se encontra em qualquer casa de objectos de vime póde ser transformada em muitas cousas uteis. Esta mesma cesta cheia de algodão ou paina, e coberta com um cretone vistoso, dá um commodo banquinho para as creanças.

Presa com fitas e cheia de flores artificiaes que se dissimulam com musgos ou bambu' japonez, poder-se-á collocar lampadas electricas e a cesta assim transformada será um lindo "plafonnier" a varanda.

Collocado dentro da cesta um pequeno recipiente com agua, poderemos adornar a cesta com as mais lindas flores e musgo verde, tornando-a um bello centro de mesa, que se póde renovar frequentemente.

Forrada de popelina em quadrados e depois collocada nuns pés de madeira que se pintam de laquée de qualquer côr, teremos esta linda costureira e que occupa tão pouco logar.

O PEQUENO OPERARIO

Pela manhã, muito cedo, o silvo agudo da machina da fabrica despertava os operarios que tinham de iniciar os trabalhos ás 6 horas.

O pequeno operario era dos mais assiduos e o primeiro que chegava ao portão do grande estabelecimento fabril afim de responder ao ponto para não perder o dia de trabalho.

Orphão de pae e com a pobre mãe doente era elle agora o chefe da familia, trabalhando para sustentar ainda dois irmãozinhos pequenos.

A' tarde, quando terminava o serviço e voltava para casa ia estudar suas lições para o curso nocturno que frequentava.

Muitas vezes, quando a aula se prolongava até depois das nove horas, o pequeno operario, cançado de trabalhar durante o dia, muitas horas de pé junto a uma ensurdecedora machina, cabeceava de somno, despertando assustado quando algum collega alteava mais a voz na leitura da lição.

Perto do pobre barracão de madeira onde morava o pequeno operario habitava um lindo palacete um outro menino que ás 10 horas do dia ainda estava na cama com preguiça de se levantar para ir ao collegio de mensalidades caras que seu pae pagava afim de que elle estudasse.

Durante o dia passava horas "batendo bola" com outros amigos tão vadios quanto elle e á noite ia aos cinemas chegando sempre tarde em casa.

Passaram-se depressa os annos.

O pequeno operario, pelo seu trabalho e pelo seu estudo, chegou a ser um grande industrial e proprietario da fabrica onde começara como simples aprendiz.

O menino vadio, seu vizinho, tendo perdido o pae e a fortuna que possuia, como não tinha instrucção nem habito de trabalhar, terminou quasi mendigo.

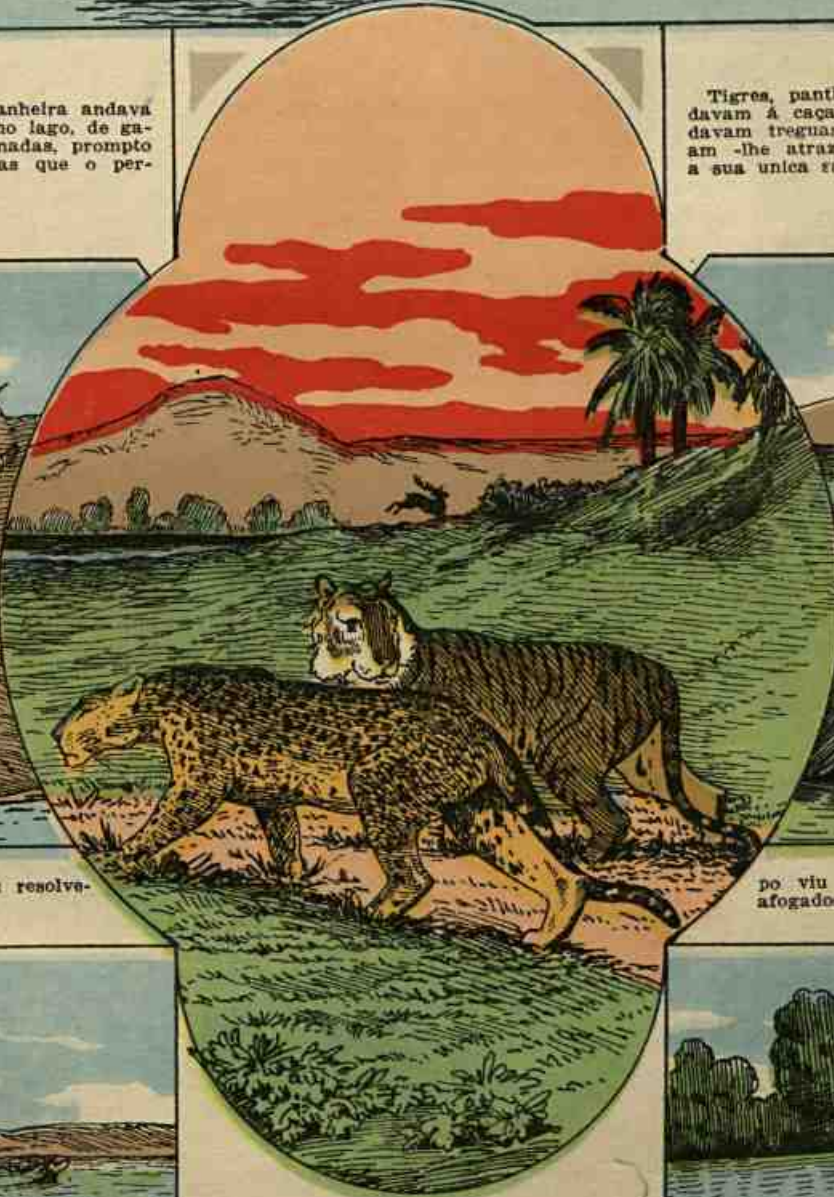
Para não morrer de fome foi pedir um emprego na fabrica e sómente poude desempenhar o de vigia, passando as noites em claro, rondando a fabrica afim de evitar que os ladrões ali penetrassem ou prevenindo qualquer cousa de anormal que podesse acontecer.

Triste sorte do preguiçoso e vadio...

TRANCOSO

O ULTIMO RECURSO

O cervo com a sua companheira andava assustado, passava os dias no lago, de galhada erguida, orelhas empinadas, prompto sempre para fugir das féras que o perseguiam.

Tigres, pantheras, leões e leopardos andavam á caça do pobre veado e não lhe davam treguas. Mal viam o cervo, sahiam -lhe atraz e elle atirava-se ao lago, a sua unica salvação.

Um dia, porém, as féras resolveram perseguil-o.

Puzeram-se de tocaia, escondidas atraz das rochas e das palmeiras.

Resolveram perseguil-o a nado. Imaginavam que seria impossivel a presa escapar. Atiraram-se a elle. Nesse dia o cervo atirou-se á correnteza e depois de certo tempo viu os seus inimigos morrerem afogados. E acabou-se a historia.

O Rei do Rio

Desde pequenina que a supersticiosa tapuia, com medo das perversidades e traições da Yara, havia consagrado o filho ao "rei do rio", — o peixe-boi. Todas as luas, em troca da protecção pedida, fazia ella presentes votivos ao monstro aquatico, atirando, nos logares onde costumava elle apparecer, braçadas de grama tenra ou de herva fresca e verdinha que ia cortar distante e trazia com sacrificio, até á margem do grande rio.

Já estava o menino rapazinho e era o mais forte e audaz da tribu: veloz no ataque, agil na defesa, certeiro no atirar a setta, terrivel manejando o tocape, abatia a caça de um só golpe por mais feroz que fosse.

Sua maior felicidade, porém, era na pesca. Chegava á beira d'agua, invocava o auxilio do "rei do rio", cantando uma cantilena mysteriosa que o velho pagé lhe ensinara, e os cardumes de peixe acudiam logo, sendo fisgados pelas settas do seu grande arco flexivel, ou cahindo todos no seu "puçá", emquanto os "côvos" ficavam cheios.

Quando chegou o guerreiro branco, invasor das terras dos seus avós elle foi um dos mais destemidos e ousados guerreiros. Em um grande combate cahiu morto o cacique da tribu e elle foi o unico capaz de substituil-o, sopesando seu formidavel tocape de imbuia e peroba.

Agora já era homem feito e, por mais de uma vez, a Yara de cabellos verdes e olhos da côr das aguas profundas o havia attrahido com sua voz maviosa de sereia para o seu maravilhoso palacio de prata lá no fundo do rio. Mas o "rei do rio" velava por elle, e apparecia sempre no momento em que o joven tapuia, cedendo á tentação da "Mãe dagua", ia mergulhar, talvez para sempre, no profundo abysmo do rio caudaloso.

O estrangeiro branco não perdia de vista a taba onde vivia a tribu guerreira, querendo conquistar os selvagens pela astucia, a troco de presentes de missangas, espelhinhos, rêdes de pescar e armas de caça que espalhavam longe uma saraivada de chumbo grosso.

Seu fim era depois escravizal-os, obrigando-os a trabalhar como se fossem animaes de carga.

Estavam, porém, prevenidos os selvicolas contra os embustes e as ciladas dos guerreiros brancos, respondendo com frechadas certeiras aos fingidos offerecimentos de paz e de amizade.

Estava declarada novamente a guerra entre elles. Os guerreiros brancos, em grande numero, bem armados de pesados trabucos que levavam a morte á taba selvagem com o ronco do trovão, eram em numero superior aos nativos sitiados nas suas "ócas".

Emquanto estes combatiam lealmente, a peito descoberto, os outros se entrincheiravam, apesar de ter o corpo coberto de armaduras de ferro e á cabeça capacetes de aço protegendo-a. A luta era desigual. O joven cacique reuniu á noite, em volta da fogueira sagrada, o conselho dos velhos da tribu presidido pelo "pagé". Exposta a grave situação, ficou resolvido o sacrificio das mulheres e das creanças afim de não cahirem prisioneiros e ficarem escravizadas pelos brancos. Os homens lutariam até á morte, antes de se deixarem aprisionar.

Acampados á margem do rio, os guerreiros brancos lutavam para conquistar a posição occupada pelos selvagens em uma elevação do terreno, o que era uma superioridade para os sitiados.

Quando terminou a reunião do conselho dos velhos da tribu, era quasi meia noite e o alfange da lua-nova mergulhava no horizonte por detraz das montanhas longinquas, deixando tudo em plena escuridão.

O pagé vira circulos vermelhos e circulos brancos em torno da lua, o que significava desgraça para os inimigos do seu povo, para os perfidos guerreiros brancos.

O cacique, a passos largos, se encaminhou para a beira do rio e ahi, sózinho, invocou a protecção do "peixe-boi". Sua cantilena mysteriosa e monotona se casava ao marulhar das aguas, e tal era a confiança que elle depos tava no seu protector, que, mal acabara a invocação poz o ouvido em terra, auscultando-lhe os menores ruidos. Dentro em pouco ergue a tronco e seu rosto bronzeado exprimia a mais intima satisfação, a mais viva alegria.

— Que teria ouvido o joven cacique?...

Voltando ao ponto onde deixara os velhos da tribu, lhes falou em segredo, e, dentro em pouco, as mulheres e as creanças, assim como viveres, arcos e flexas, eram conduzidos ao ponto mais elevado do oiteiro onde estavam.

— Teria chegado a hora do sacrificio?

No acampamento dos brancos os guerreiros dormiam, velando apenas os cães e as sentinellas para prevenir qualquer sortida dos selvagens.

Não havia passado ainda uma hora, quando um rumor longinquo se fez ouvir, como o ribombar de incessante trovoada.

Os cães, por natural instincto, mostravam-se inquietos, uivando e procurando abrigo contra um perigo qualquer que adivinhavam.

(Termina no fim do numero)

FAUSTINA FAZ GYMNASTICA

Faustina gosta de impressionar o publico com as suas extravagantes...

...fantasias. Por isso, querendo praticar uma gymnastca de sua...

...invenção. escolheu a praia do Flamengo para fazer suas "poses".

E começou o exercicio. Dois individuos, intrigados com as attitudes...

...de Faustina, começaram a observal-a.

Porém, Faustina. continuava cada vez mais enthusiasmada.

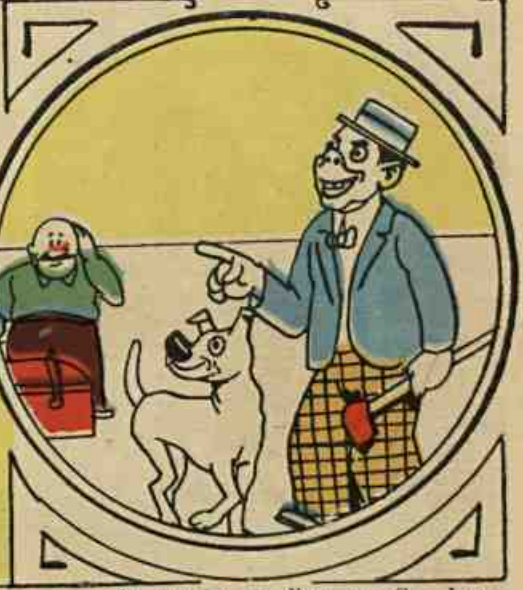
As attitudes eram sempre mais originaes. Mas, ao chegar a certo ponto, os dois...

...individuos approximaram-se e prenderam a Faustina. Eram dois investigadores...

...que julgaram que a esposa do Zé Macaco era uma doida. Levaram-na para o Hospicio.

"SERROTE" INTELLIGENTE

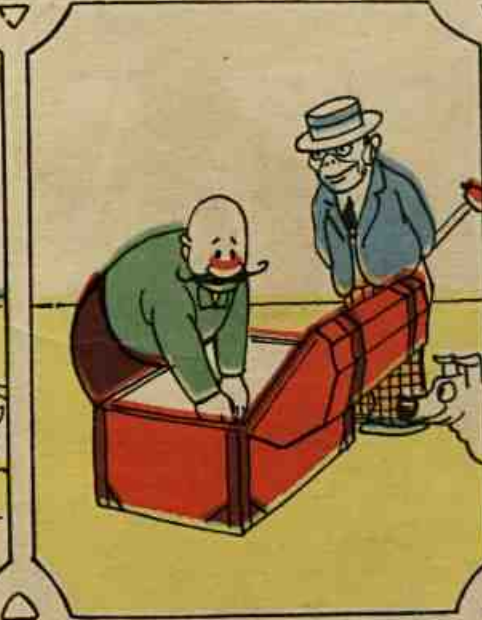
Zé Macaco tem uma grande admiração pelo seu cão "Serrote", por isso levou 6 mezes...

...para lhe ensinar umas tantas cousas interessantes. Um dia foi até ao vendeiro...

...da esquina e disse ao Sr. Joaquim que "Serrote" iria fazer uma adivinhação.

O Sr. Joaquim então, pediu ao cão do Zé Macaco que adivinhasse o que...

...havia dentro dessa mala. "Serrote" trepou na mala e cheirou... cheirou...

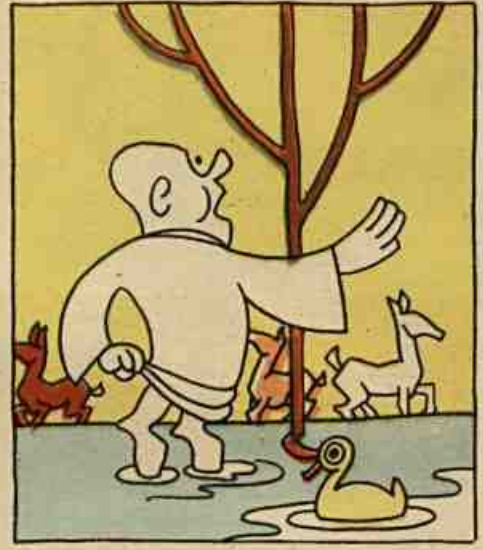
...afinal, voltando-se para os circumstantes, começou a latir.

Zé Macaco, que conhece a linguagem do "Serrote", traduziu na pedra a palavra: QUEIJO.

"Serrote" disse que dentro da mala havia um queijo... O Sr. Joaquim, com...

...sorriso encantador, tirou de dentro da mala... um par de meias do seu uso ! ! !

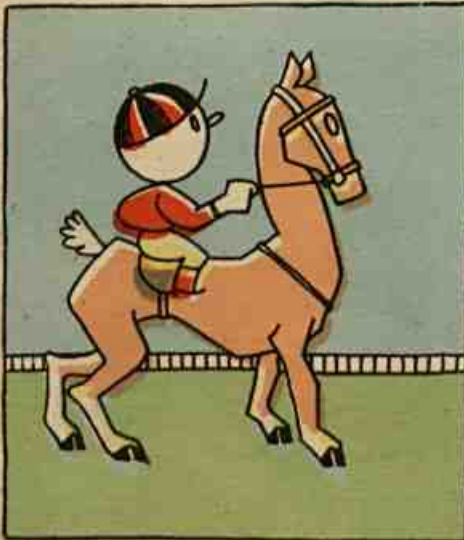
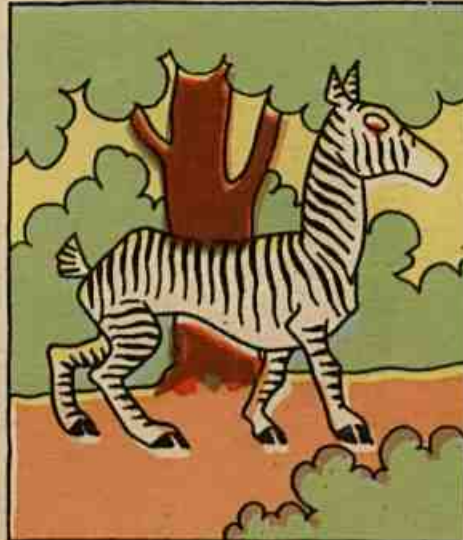
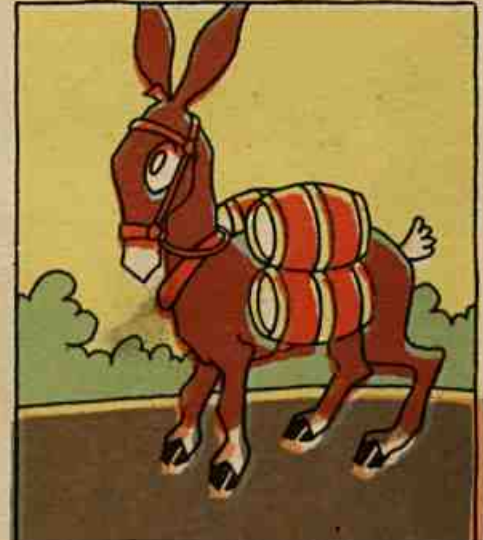
O CAVALLO A ZEBRA E O BURRO

No tempo de Adão e Eva, existiam no paraiso tres quadrupedes parecidissimos chamados burro, cavallo e zebra.

Quando houve o diluvio, salvaram-se com todos os outros bichos na Arca de Noé. Depois de passados os ...

... quarenta dias de chuva, quando as aguas seccaram, os tres quadrupedes espalharam-se pelo mundo.

O burro não deu para nada. Preguiçoso, não estudava as lições e por isso todos os dias lhe pregavam, na escola, enormes ...

... orelhas na cabeça. A zebra tantas fez, era tão má, que acabou numa penitenciaria condemnada a trabalhos forçados ...

... por toda a vida... O cavallo tinha bom coração; era amigo de todos os outros animaes. Docil, elegante, chegou até ...

... os nossos dias como um fidalgo, escolhido para as caçadas, os passeios e as corridas. A zebra fugiu da prisão, mas ...

... ficou sempre com a roupa de presidiaria no corpo, escondida, pellos mattos, rebelde e indomavel. O burro, que não deu para ...

... nada, como os meninos que não estudam, é victima dos trabalhos mais arduos, envergonhado com as suas orelhas compridas.

COUSAS DA TERRA DAS CEREJEIRAS EM FLOR

Vocês já viram, nas chicaras de porcellana, uns desenhos de animaes, kiosques, arvores, lagos e pontes, pintados por artistas do Japão? Se viram, devem tambem ter percebido, nesses desenhos, enormes chrysanthemos, cerejeiras floridas, arvores pequenas e ao longe montanhas em cujo cume ha um lençol de neve.

E' que os japonezes gostam tanto dessas coisas que as reproduzem em suas pinturas.

Os japonezes podem orgulhar-se de sua terra, que é um dos mais bellos paizes do mundo.

O Japão é formado de uma cadeia de centenas de linhas que se enfileiram no Oceano Pacifico, em uma distancia de duas mil milhas.

Se a terra de todas essas ilhas se juntasse, formaria uma extensão de territorio do tamanho do Estado da California na America do Norte.

Cerca de cincoenta milhões de habitantes vivem nessas bellas ilhas.

Em nenhum outro paiz do mundo ha mais differentes especies de bellezas.

Os japonezes admiram tanto suas flôres que a ellas dão os nomes das estações do anno em que florescem.

Assim, chamam á flôr da cerejeira Primavera e ao chrysanthemo, Outomno.

Quando as cerejeiras estão cheias de flôres escolhem um dia santo e vão para os parques fazer *pic-nics*.

Os rapazes e as moças levam gulodices em lenços coloridos e comem, cantam e dansam á sombra das arvores floridas.

Os japonezes amam as montanhas e têm veneração pelo Fujiyama, seu monte sagrado, que todos os annos recebe a visita dos peregrinos. O Fujiyama o um vulcão.

Os meninos e meninas que moram nesta linda terra são muito ducados e alegres. Sua pelle não é tão branca como a de vocês, mas um pouco amarellada. Como os chinezes, elles pertencem á raça amarella e têm os olhos rasgados, como vulgarmente se diz. Nesta descripção, uma japoneza, Yuhi San possue cabellos compridos. Sua irmã mais velha e sua mãe fazem-lhe uns *coques* no alto da cabeça e toda a japoneza tem especial cuidado com o seu penteado. O vestido da menina japoneza é geralmente um kimono de côres vivas. Chapéo nunca a japoneza usou, mas usa a sombrinha de papel oleado que a resguarda dos raios do sol e mesmo da chuva.

Uma das coisas curiosas do paiz de que vimos falando, é a sandalia da japoneza. O curioso calçado é uma especie de banquinho de madeira com duas alças superiores que o prendem ao pé. Dentro de casa a japoneza deixa a sua sandalia a um canto e anda de

meia. A menina japoneza carrega o seu irmãosinho ou irmãsinha ás costas, amarrando-os com uma faixa. O menino japonez usa tambem kimono, mas de côres mais discretas que o da menina. Usa cabello cortado e quasi sempre *bonnet*. E' muito interessante visitar a casa de um japonez, o que se póde fazer sem precisar entrar, porque em geral grandes portas de vidro dão vista livre para o interior. A familia japoneza divide a casa em muitos compartimentos, sendo as divisões feitas de papel.

Uma curiosidade: as casas japonezas não possuem cadeiras, sofás nem mesas, substituindo todos esses moveis por muitas almofadas.

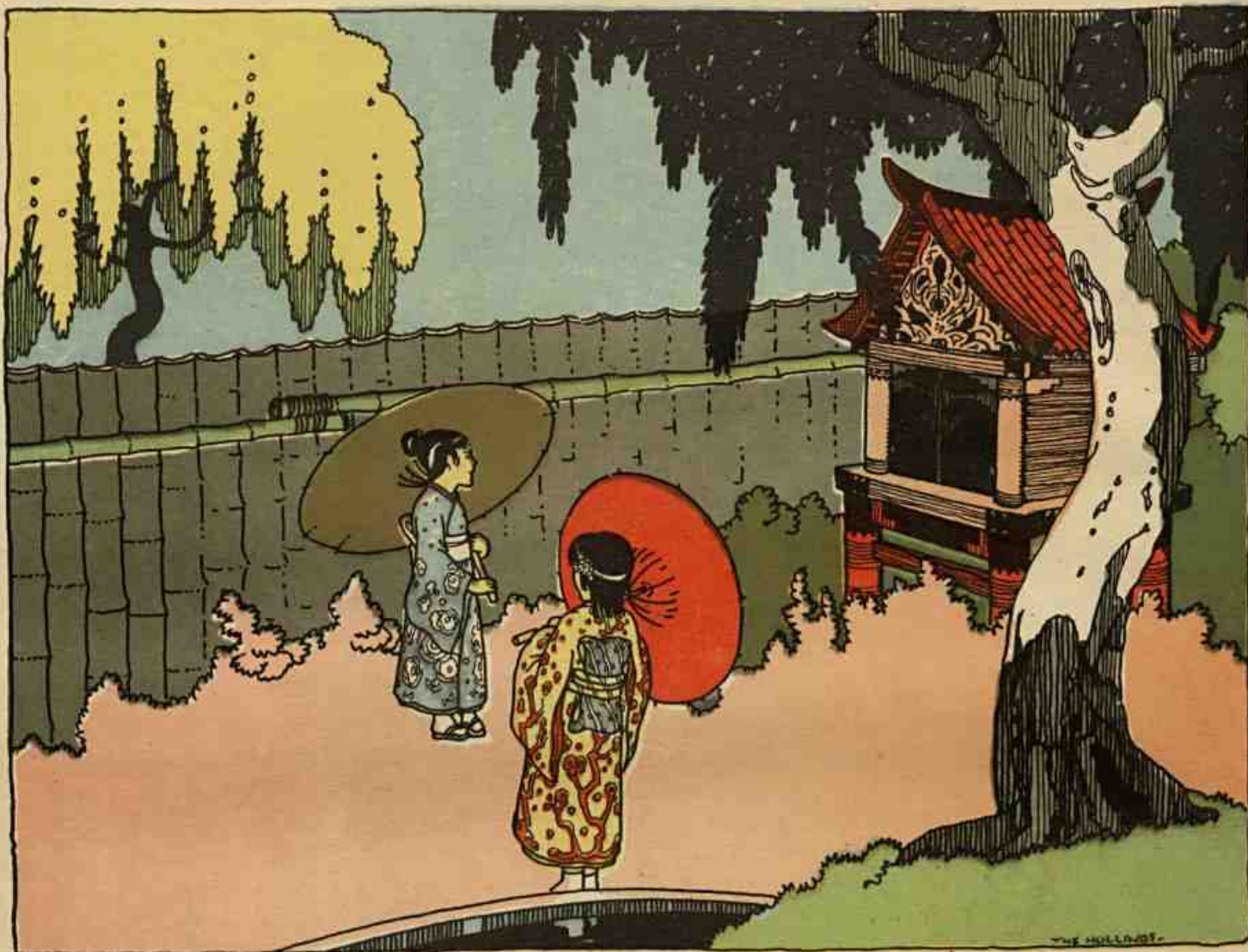
Tambem não existem quadros nas casas japonezas mas esteirinhas onde são pintadas paizagens em cujo horizonte se vê sempre o Fujiyama. Os meninos japonezes aprendem bem cedo a arte de pintar e fazer flôres. A louça que usam, para tomar chá ou comer arroz, é toda pintada por elles mesmos. Os jardins das casas japonezas são muito interessantes com as suas arvores podadas, lagos artificiaes, kiosques simulando templos e lanternas de côres variadas. Os japonezes são muito sociaveis e, ás visitas que recebem, offerecem sempre um saboroso chá, feito na propria sala de visitas.

A' noite as casas japonezas têm muito encanto

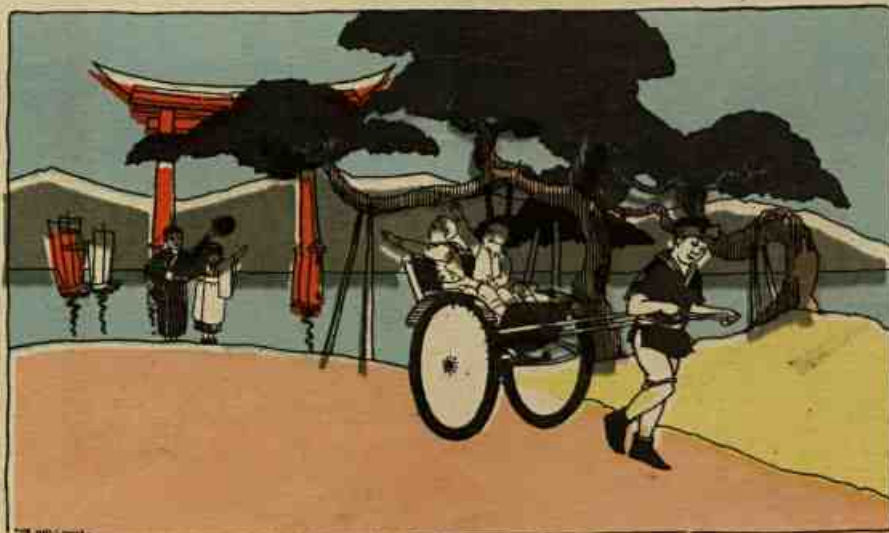
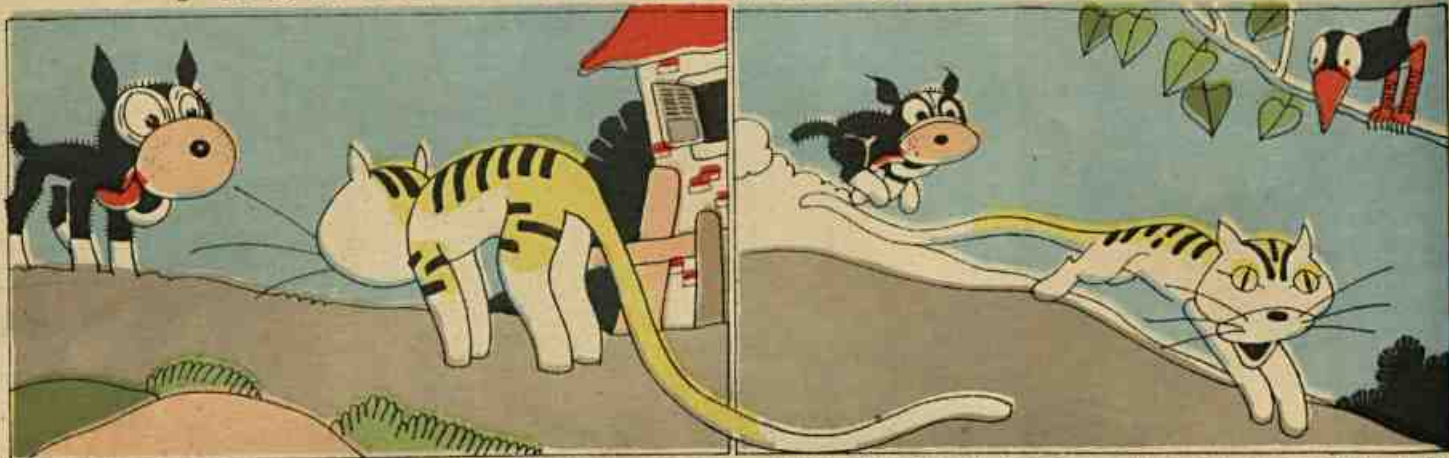
com a luz polychromica das lanternas. Os japonezes são, por via de regra, muito trabalhadores e industriosos. Dedicam-se á pesca e a varias culturas, principalmente á do chá que, colhido e posto a seccar, é de aroma e sabor maravilhosos. O japonez é provecto na arte culinaria e no fabrico dos doces. Quando se visita a casa de um japonez tem-se o prazer de ver os lindos bonecos que elle faz e guarda ás vezes ás centenas para a festa das bonecas que se verifica no dia 3 de Março.

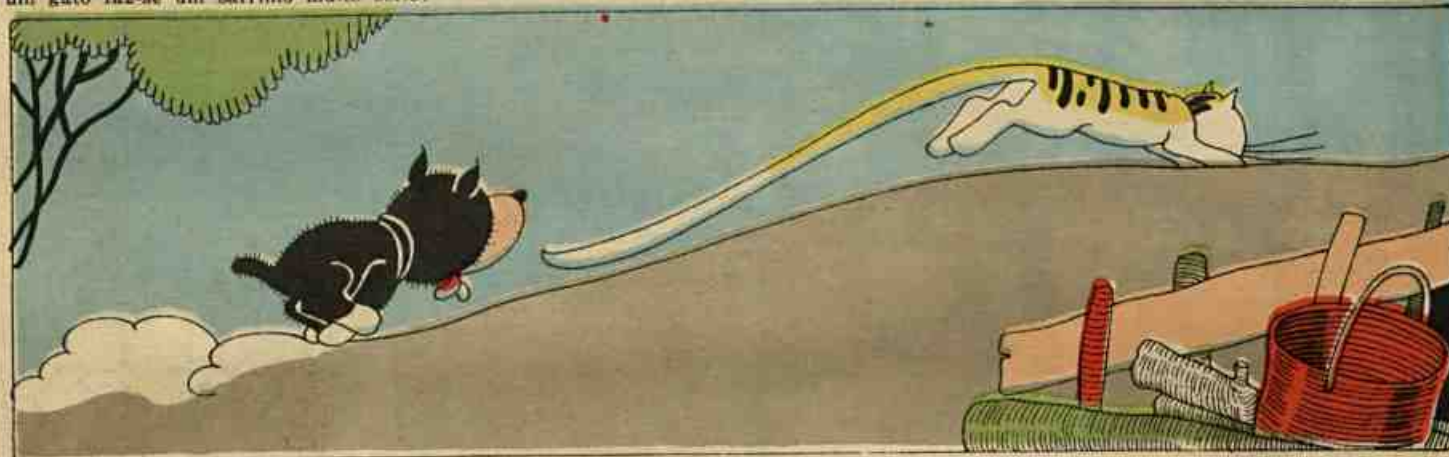
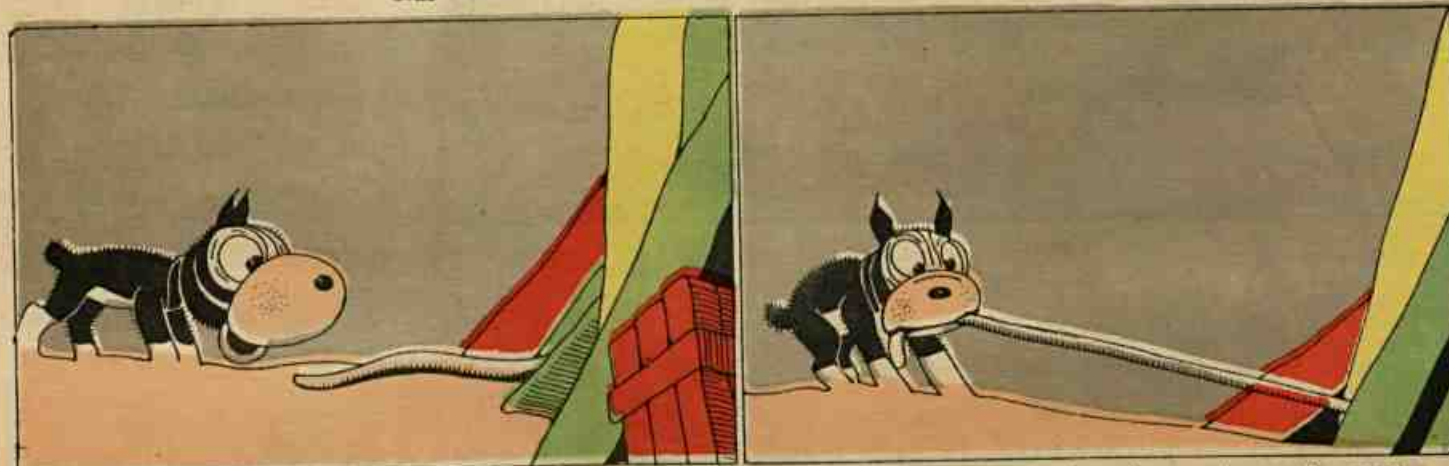
Os meninos japonezes nunca deixam de ir á Escola.

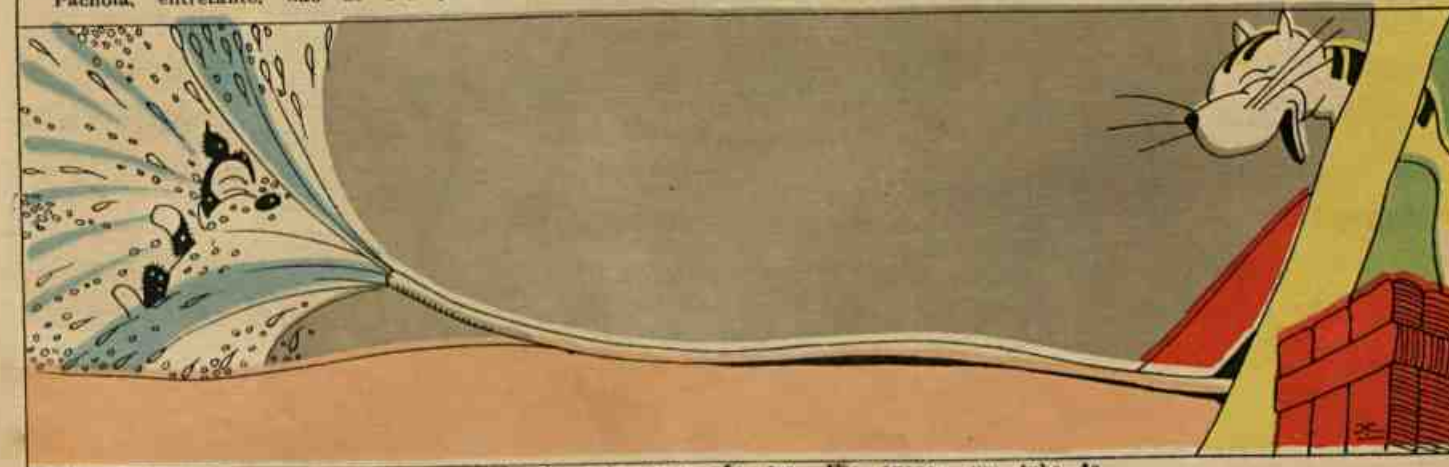
Ha muitas escolas no Japão e a todas afflue sempre uma multidão alegre de creanças.

No Japão, o lindo paiz onde as cerejeiras florescem ao lado dos chrysanthemos, dando á paizagem o variado das côres, as creanças costumam passear em carrinhos de altas rodas e puxados por um rapazola.

A's creanças japonezas são muito amaveis e, por mais de uma vez, têm enviado ás creanças do Brasil mensagens de amizade e desenhos feitos nas escolas primarias. De uma dessas mensagens destacamos o seguinte trecho:

"Temos o gosto de vos dizer que vivemos num paiz de Fadas: o bonito Monte Fuji se eleva majestosamente para o céu azul e as formosas cerejeiras em flôr brilham com graça ao sol da risonha primavera, — e que neste ambiente de poesia suspiramos pela Doçura e rogamos pela Paz, assim como pela vossa

felicidade. Nestas circumstancias, nós vos enviamos saudações e os referidos desenhos como uma mensagem de carinho e de cordialidade. Visto como é nosso desejo que conserveis para sempre estas despretenciosas lembranças, transmittimos tambem o nome, a edade e o endereço da escola dos respectivos autores. Se quizerdes ter a amabilidade de responder, numa cartinha, manifestando a vossa opinião sobre os nossos trabalhos escolares, isso nos causará grande alegria, além de ser um meio de promovermos a amizade internacional".

PACHÓLA PERDEU A PARTIDA

Quando o Pachóla, um cachorrinho de D. Clementina, descobre um gato faz-se um sarrilho muito sério.

Outro dia aconteceu um desses factos, porque o Pachóla implicou solennemente com o tamanho da cauda de um gato feio.

Era uma cauda que tinha quasi dois metros de comprimento. Mas o gato cheio de astucia, occultou-se entre caixotes e taboas velhas..

Pachóla, entretanto, não se deu por vencido e passou ...

... o dente na extremidade de qualquer coisa que lhe parecia ...

ser a cauda do gato, mas não era. Era apenas um tubo de borracha para regar o jardim e que espirrou agua por todos os lados.

Liberdade

Nada melhor que a liberdade. Ser livre é o que todos almejam. Se prendemos um cão á corrente, eil-o a chorar. Se somos coagidos na nossa ...

... liberdade ficamos desesperados, ferozes, tristes e até morremos com aquella tortura. E' o passaro como todos os animaes que têm azas quem gosa a liberdade.

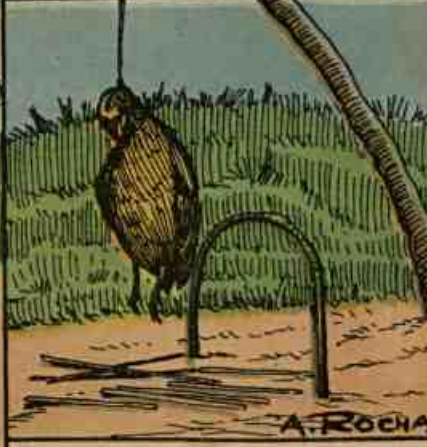
Elle póde voar e caminhar, transporta-se rapido e a grandes distancias. A ave canta e encanta na sua alegria, quando está livre. No captiveiro já ...

... é differente o seu cantico. E' nostalgico e melancolico. Vê o Canario nos seus gorgeios, o Roxinol a Camachirra, a Touti-negra, o Melro, o ...

... Sabiá, a Araponga, a Perdiz, todos saudando o astro Rei, o sol.

Se são mudos ou lugubres os canticos das aves de rapinas ellas destroem ainda as aves canoras.

São como a humanidade, o homem. Este destroe por um estupido prazer, a titulo de desporto. Mata avezinhas, caçando-as. Não lhe escapam pois auxiliado pelo cão, seu fiel amigo.

Matam a Narceja e a Perdiz em grande numero ...

... a tiro ou em crueis armadilhas.

Amae pois as avezinhas, são ellas o symbolo do pensamento, — a liberdade.

Liberdade que bem poucos têm.

O GIGANTE E O PYGMEU

Illustrado por
CICERO VALLADARES

Havia uma vez um gigante, que aterrorizava um paiz inteiro. Para satisfazer o appetite terrivel do gigante, os habitantes desse paiz eram obrigados a levar-lhe todos os dias um rebanho inteiro de carneiros.

Um dia, o gigante atravessando uma aldeia, viu que toda a gente corria com medo. Só um homensinho muito pequeno ficou parado no meio do caminho, sem mostrar terror. O gigante agarrou-o, collocou-o na palma da mão e disse ...

... com voz formidavel — O' homemzinho? você não tem medo: olhe que eu o esmago. — Hein? — perguntou o homemzinho levando a mão ao ouvido, como se não conseguisse escutar. — Fale mais alto, você tem a voz muito fraca.

O gigante gritou de modo tão horrivel, que a torre da igreja se abriu ao meio. Então o homemzinho disse: — Ora, ainda bem. Agora já ouvi alguma cousa: Então você me quer esmagar? Ora qual! Você não tem força para isso! O gigante furioso, collocou o homemzinho no chão e ergueu o pé... para esmagal-o.

Então o homemzinho tirou do ouvido o algodão que ahi puzera para resistir aos gritos do gigante e metteu-se em um buraco muito pequeno que havia no chão.

O gigante collocou o pé sobre elle com força e apertou bem, mas o homemzinho mettido no buraco nada sentiu. Quando o gigante ergueu o pé, viu o homemzinho no mesmo logar, muito satisfeito. Da altura em que estava sua cabeça, elle não podia vêr o buraco no chão, de modo que não comprehendeu como o homemzinho nada soffrera. Apanhou-o de novo do chão, viu que elle estava são e perfeito. Ficou furioso e ...

...disse abrindo uma bocca enorme: — E se eu te engulisse? — Ora qual! — respondeu o homemzinho. — Você não tem appetite para tanto. — Olha que eu só ao almoço como dez carneiros — observou o gigante. Que tem isso? — respondeu o homemzinho — eu só para abrir o appetite bebo dez pipas de vinho. Se quer vêr, convide-me para beber, depois eu o convidarei para jantar, mas fique sabendo que quem tiver mais appetite terá o direito de comer o outro.

O gigante acceitou a aposta. O homemzinho mandou fazer uma mesa muito alta no meio do campo, para que todos vissem o caso. Desse modo o gigante sentado no chão via o homemzinho collocado em cima da mesa.

O homemzinho encheu um cantaro enorme de vinho e deu-o ao gigante que o bebeu sem hesitar. Então o homemzinho encheu outro cantaro e levou-o á bocca. Mas o seu cantaro tinha um furo de um lado. Por ahi o vinho escorria para um funil collocado em seu peito e cahia em ...

... outra pipa. O gigante, que não percebeu essa esperteza, continuou a beber e, ficando embriagado, declarou-se vencido. O homemzinho, que nada bebera, retirou-se vencedor.

O gigante dormiu um dia inteiro. Quando acordou viu o homemzinho dando ordens a camponezes que conduziam cincoenta bois. Esses bois são para o nosso almoço — disse ...

... o homemzinho — Vamos almoçar no castello; ande depressa, senão eu chego lá primeiro e como tudo sósinho. O gigante poz-se a rir e partiu. A cada passo galgava uma legua. Mas não via que o homemzinho, montado em sua espora, ia tão depressa como elle. Depois de muito andar o gigante olhou para traz e não viu o homemzinho e disse: Está bem, elle ficou lá para traz, eu posso descançar um pouco. Deitou-se e dormiu. Então o homemzinho correu para um castello abandonado que havia ali perto e collocou-se á janella, palitando os dentes com um chifre de boi. Quando o gigante acordou e o viu á janella ficou muito espantado. Ora, ahi está — disse o homemzinho — Você

demorou-se eu comi tudo sózinho. E tirando uma faca do bolso accrescentou: Portanto ganhei a aposta e tenho o direito de comer você. O gigante ficou tão assustado, que fugiu e nunca mais appareceu.

CHEGOU A HORA

Andava devorando tudo uma onça esfomeada. Nada lhe escapava. Animaes de qualquer tamanho lhe servia de pasto. Os macacos viam-se em duros apertos.

Ella deitava-se num grosso galho e ali ficava immovel como se estivesse dormindo. Os macacos iam pouco a ...

... pouco se approximando e, quando menos esperavam, ella agarrava um. Os outros fugiam, mas alguns dias depois ella de novo pegava outro.

Os lobos, com toda a sua ferocidade, iam desapparecendo pouco a pouco.

O gado vaccum nas fazendas de criação já estava reduzido e a féra insaciavel não deixava de matar tudo o que ...

.. cahia sob as suas vistas. A raposa astuta e precavida movia nas suas ...

.. patas como o animal mais tolo.

Eram carneiros hoje, cabritos amanhã, tudo morria para saciar ...

... a faminta féra; nem os porcos nem os jacarés escapavam. Um dia, porém, a onça cessou de ...

estragar e amanheceu presa aos chifres de um touro, chegou a hora... da onça não beber mais agua.

HISTORIA DA VÓVÓZINHA

DE LEONCIO CORREIA

— Vóvó, você que é tão bôa,
De uma bondade infinita,
Conte uma historia bonita,
Uma historia de embalar;
Conte alguma...
— A da lagôa
Em que morreu a princeza,
Flor da graça e da belleza,
Quando estava a se banhar...

— Não, Vóvó, conte-nos
antes
A do principe encantado,
De capacete dourado,
Com uma pluma a se agitar,
E que com gestos galantes
Cantava canções estranhas
Que resoavam nas montanhas
Pelas noites de luar...

— Qualquer uma, Vóvózinha...
— Vocês querem uma historia?
— Queremos
— Minha memoria
Já não me póde ajudar...
— Uma vez, uma rainha,
Mulher de um rei bravo e bello,
Deixou o real castello,
E se foi a passear.

Quando partiu, era cedo;
Eram oito horas, num dia
De céo sereno e macia
Viração vinda do mar...
Cahia a noite... Que medo!
Para onde fôra a rainha
Assim tão só, tão sózinha,
Sem uma aia a acompanhar?

Fechava-se o céo violaceo
Pela illimitada altura,
E uma immensa desventura
Sobre o palacio a pairar,
Sobre esse mesmo palacio
Que era um doce paraiso
Em que a paz, o amor, o riso
Pareciam não cessar.

O rei, gentil e garboso,
Ao regressar da caçada
Procura a mulher amada,
E não n'a poude encontrar;
Então, triste e pesaroso,
Se atira ao leito, de bruços,
E entre mil ais e soluços,
Não cansa o rei de chorar.

Em pranto, do proprio leito
Mandou, em queixosos brados,
Fossem servos e soldados
A rainha procurar,
E com as mãos sobre o peito,
Esguardando os horizontes,
"Que a buscassem pelos montes,
Pelos campos, pelo mar..."

Mas, eis que o olhar levantando
Para o céo, se enche de espanto
Envolta num alvo manto
Com as mãos a lhe acenar
Como em sonho suave e brando,
Risonha e bella, a rainha
Do empyreo baixando vinha
Em um raio de luar...

ESCOTISMO

PREVISÃO DO TEMPO

Signaes de bom tempo:

Céu: azul brilhante, limpido, roseo ao pôr do Sol, cinzento claro pela manhã, os primeiros arrebóes apparecem logo, no horizonte, sem nuvem.

Nuvens: altas, de contornos vagos, brancas, leves, transparentes. *Lua*: brilhante, de bordos nitidos. *Estrellas*: pequenas, com poucas scintillações. *Nevoeiro*: baixo pela manhã; e evaporação rapida do orvalho. Sopram os *ventos* normaes: de dia *viração* e de noite o *terral*. A fumaça sóbe rapidamente. Os animaes estão calmos e alegres, as andorinhas voam alto, as aranhas trabalham nas teias, os bezouros zumbem, as cigarras cantam.

Signaes do máo tempo:

Céo: carregado de nuvens pesadas; ao pôr do sol, alaranjado pallido ou vermelho carregado; pela manhã, céo vermelho; montanhas escuras. *Nuvens*: negras pequenas, tocada pelo vento. *Lua*: pallida, de bordos pouco nitidos; halo lunar. *Nevoeiro*: alto e espesso, cobrindo os cumes das montanhas. *Estrellas*: apagadas ou muito scintillantes. *Ventos*: anormaes, ou ausencia de normaes. *Orvalho*: demorado pela manhã. Os *animaes* ficam inquietos, os sapos coaxam, a gente sente mal estar, doem os callos...

Signaes de vento:

Céo: azul sombrio; os primeiros arrebóes irrompem sobre castellos de nuvens.

Nuvens: duras, compactas ou longas e esfarrapadas. *Lua*: vermelha ao amanhecer.

Aragem: de máo tempo coincidindo com o nascer ou o occaso da

lua tende a augmentar. Um *aguaceiro* forte faz cahir o vento, o mesmo não succede com a chuva fina. E' para recear quando o vento vem depois da chuva.

ORAÇÃO DO ESCOTEIRO

"Senhor!

Faze com que sejam sempre puras minhas mãos, meus pensamentos e minhas palavras;

Ajuda-me a lutar pelo bem difficil contra o mal facil;

Livra-me de adquirir habitos que relachem a minha vida;

Ensina-me a trabalhar com energia e ser sempre leal não só quando todos me possam ver e julgar, mas tambem quando só Tu me vejas;

Perdoa-me quando eu fôr máo, e ajuda-me a perdoar aos que não me tratarem bem;

Torna-me capaz de auxiliar aos outros quando isso me custa;

Dá-me opportunidade de fazer um pequeno beneficio todos os dias e approximar-me assim um pouquinho de Jesus..."

AMOR AS ARVORES

O escoteiro é o grande amigo protector das arvores. Para elle cada arvore é uma vida que se extingue quando se derruba, ou que soffre quando se maltrata. Nas excursões, nos trabalhos de campo o escoteiro tem ás vezes necessidade de cortar alguma para construir uma ponte, um abrigo. Não deverá fazel-o sem antes pedir, baixinho, perdão. E' um perdão pedido á arvore, á natureza, a Deus.

Tambem maltratar uma arvore, arrancando inutilmente folhas ou escrevendo iniciaes, é uma barbaridade que o escoteiro não admitte.

O lago e a estrella

Era noite de lua e o lago socegado conversava com a estrella pequenina que andava a palpitar no fundo azul do céo. — Eu vejo aqui da Terra — ia dizendo o lago — toda a extensão do céo, todo o estellario que borda o firmamento. No fundo do meu leito eu guardo a imagem linda de todas as estrellas e o bojo prateado da lua magestosa! Quando uma nuvem corre pela estrada do céo, como um trapo de gaze a cobrir as estrellas, costuma se mirar no espelho limpo de minhas aguas claras. Eu, cá de baixo, vejo lindo o céo! Talvez mais bello seja o céo que eu vejo do que toda a paizagem deste mundo que a tua luz, estrella, possa ver lá de cima!

— Estás enganado, amigo, disse a estrella. Não póde haver mais maravilha e encanto do que existem na Terra onde estás. A minha luz, irmão, não vae sómente esconder-se no espelho delicado de tuas aguas mansas. Ella illumina os ninhos; ella clareia as petalas das flores; vive a beijar a alvura dos rebanhos, o jaspe de açucenas e o doirado de espigas; ella anda a branquejar as folhas dos missaes nos instantes da prece vespertina; ella dá luz ao fundo dos regatos, dos lagos como o teu; ella é feliz, muito feliz, amigo, porque ouve, aqui no céo, a musica dos beijos, as balladas de affecto e as ternuras de mãe pelo filhinho.

CARLOS MANHÃES

Nidificação

Cada especie de ave tem um systema especial de construir o seu ninho; architectura bem ou mal escolhida, é só de tal modo que esse passaro e os seus descendentes nidificam. A tendencia de quasi todas as aves é occultar o ninho, disfarçal-o de fórma que pelo menos não dê na vista, e ás vezes elle adapta-se tão bem ao local que difficilmente o descobrimos entre a folhagem.

Mas ha tambem especies que desprezam esta regra, aliás tão necessaria, e assim é que algumas aves fazem o ninho directamente sobre o chão, mal encoberto por alguma touceira de capim; outras não sabem disfarçar o amontoado de gravetos que fórma as paredes externas da construcção: os ninhos do João de Barro e dos Japús esses até dão na vista.

Quasi todos os passaros e em geral as aves maiores não constróem senão em recantos quietos, onde raramente passe alguma pessoa. Fazem excepção a esta regra: o tico-tico que nidifica em qualquer arbusto mais abrigado dos nossos jardins e a corruira e as andorinhas que até preferem as habitações humanas para ahi occultar o ninho no telhado. Tambem ao João de Barro não incommoda o bulicio da casa do caipira e o vae-vem do caminho da roça.

Mas afóra estas raras excepções, os passaros em geral fogem para os recantos mais quietos das capoeiras ou da matta, onde o homem com as suas crianças, seus cães e gatos não os assustem e persigam. Eis ahi uma das razões do empobrecimento da avifauna ao redor dos centros povoados.

Nas circumvizinhanças das cidades e villas não ha mais mattas e ainda nos campos abandonados são raros os grupos de arbustos ou touceiras maiores que possam offerecer aos passarinhos as necessarias garantias de socego para que as mãesinhas ahi façam os seus ninhos.

Com o desapparecimento das nossas mattas, devastadas como si nenhum valor tivessem além da madeira que encerram, tambem a fauna se vae retrahindo para o sertão. As paccas, antas e veados não nos fazem falta nas cercanias das cidades e fazendas; mas juntamente com a caça tambem os passaros vão sendo afastados e deixam portanto de prestar-nos os seus relevantes serviços como destruidores das pragas que invadem as plantações, as hortas, os pomares e as grandes culturas.

Rodolpho von Shering

Azulão ou Sanhassô frade (*Fam. Tanagridae, Stephanophorus leucocephalus*) é um bellissimo passaro do grupo dos Sanhássos. A femea faz o seu ninho em arbustos da capoeira e o macho, escondido entre a folhagem, faz o possivel por distrahil-a com o seu gorgeio — entretanto parece que a memoria não o ajuda e que elle esqueceu a melodia, ou então faz como si estivesse ensaiando uma variação nova, *sotto voce;* mas a inspiração nunca o favorece e assim o seu concerto nunca passa dos ensaios.

Contentemo-nos por isso com a sua bella plumagem e é de lastimar apenas que seja tão raro.

POVOS BARBAROS DA TERRA

Os indios da Ilha de Vancouver, Columbia Britannica, Canadá, esforçam-se para resistir á civilização, porque ainda usam mascaras de madeiras horrendas nas reuniões do Conselho. Na gravura junto estão dois vancouverianos com suas mascaras.

Tambem no Alto Sião existem muitas tribus que ainda não conhecem as armas e usam para caça e para a guerra o arco e flecha primitivos.

AS TRES IRMÃS

A famosa madame de Montespan tinha duas irmãs: madame de Thianges e madame de Fontevrault.

Madame de Montespan era uma mulher muito illustrada; madame de Thianges, mulher muito orgulhosa e presumida da sua nobreza; madame Fontevrault, mulher muito simples e sem pretenções. Eram, por conseguinte, tão differentes que dellas se dizia no seu tempo:

"A primeira fala como uma pessoa que lê; a segunda como uma pessoa que sonha e a terceira como uma pessoa que fala".

COMO OS MARISCOS SE DEFENDEM

Vocês conhecem como é engenhosa e mesmo bonita a concha que serve de protecção ao marisco. E' uma caixinha que o animal abre e fecha quando quer e se nós a quizermos abrir, depois que o animal a fecha, só o conseguiremos a poder de grande esforço.

Os mariscos são molluscos, sem cabeça, scientificamente conhecidos pelo nome de bivalvos e têm o corpo pro-

Fig. 1 — O marisco protegido pelas conchas.

tegido por duas conchas. Essas, como dissemos acima, abrem e fecham, segundo quer o animal. Esse movimento das conchas fica bem explicado na fig. 2, onde se observa os pontos: 1) é um ligamento elastico que tem

Fig. 2 — Como se opêra o movimento das conchas do marisco.

uma tendencia a abrir-se e a expandir-se. 2) é um musculo, que, quando contrahido, fecha as conchas. E se não houvesse o controle do animal sobre este musculo, as conchas ficariam constantemente abertas.

Já sabia isto?

Vocês sabiam que por mais joven que seja um cordeirinho reconhecerá sempre a ovelha que lhe deu o sêr, ainda que esta soffra qualquer transformação pelo tosquiamento?

Uma vez tosquiada, a ovelha muda totalmente de aspecto. No emtanto, o cordeirinho a reconhecerá immediatamente pelo balido e correrá a reunir-se a ella.

Pennachos de papel

Durante o cerco do Recife pelas tropas libertadoras, muitos estrangeiros, na maior parte desertores dos hollandezes, vinham se alistar no exercito luso-brasileiro, onde chegáram a formar um corpo especial. Commandava-o um batavo, Hoochstraten, com a patente de mestre de campo; o sargento mór era um francez por nome François Latour.

Fernandes Vieira, que não confiava muito em tal gente, fôra de opinião que elles deviam ser espalhados por outros corpos, em logar de ficarem reunidos.

A traição de Nicolas Claez veio justificar as suspeitas do patriota.

Nicolas Claez desertára do exercito hollandez, indo se alistar nas hostes insurgentes, onde chegára ao posto de capitão. Quando o Conselho Supremo de Recife, decretou amnistia, Claez começou a se entender, secretamente com seus compatriotas. Instigados por elle, a maioria dos soldados do corpo de estrangeiros, tornou a passar-se de novo para os batavos. Com esse fito, os traidores resolveram esperar uma occasião em que a sua traição causasse grande damno aos que os tinham acolhido com tanta confiança.

Afinal Claez, e mais sessenta homens, todos desertores como elle, levaram a effeito a traição projectada. Servindo-se de um ardil, os patifes fugiram, por occasião de uma sortida, por elles mesmo proposta; entrando no Recife, com grande espalhafato, rufando os tambores e descarregando os mosquetes.

Antes disso, porém, o traidor tinha feito outras tentativas para conseguir o seu intento. Uma dellas, a dos pennachos de papel, gorou por uma circumstancia furtuita.

O Conselho Supremo fizera saber a Claez, a conveniencia de permanecerem, elle e os outros traidores, nos seus postos, até que se lhes offerecesse uma occasião de causar a ruinas dos libertadores.

Ficou então assentado que em qualquer encontro, os traidores atirariam sem balas; de seu lado, os batavos evitariam de fazer fogo contra elles.

Afim de poderem ser reconhecidos, e assim poupados pelos tiros dos sitiados, Claez e seus asseclas deviam usar nos chapéos, pequenos pennachos de papel branco.

Esse ornamento ia causando aos hollandezes um serio revéz.

Em certa occasião, uma força dos insurgentes, da qual fazia parte o corpo de estrangeiros, foi atacar certo reducto do Recife.

Travando-se a refrega, os hollandezes vendo que a maioria dos atacantes, trazia nos chapéos os convencionados pennachos de papel, começaram a atirar para o ar.

Mas contra a espectativa dos batavos, quasi todos os adversarios atiravam com balas, causando nelles grande morticinio.

Em tempos, os hollandezes perceberam o engano e reagiram, repellindo os contrarios.

No auge da batalha, Claez, olhou para o soldado libertador que batia-se ao seu lado e viu que elle levava no chapéo um pennacho de papel igual ao seu. Olhou para outro, a mesma coisa; afinal quasi todos os soldados luso-brasileiros tinham identico enfeite.

O miseravel pensou que o seu ardil tivesse sido descoberto.

Mas não. Fôra simplesmente um acaso. Os soldados, achando que aquelles pedacinhos de papel davam aos seus chapéos um aspecto marcial, tinham imitado os traidores, e quasi todos ostentavam nos seus chapéos, garridos pennachos de papel branco! (*)

RIBEIRO DE ALMEIDA FILHO

(*) Do livro em preparação "Anecdotas historicas".

O PRESENTE DE NATAL

Morava no Rio, a familia de um funccionario publico, constituida por elle, por sua esposa, D. Maria, pela mãe de sua esposa, D. Luiza e mais uma filhinha do casal, a pequena Marietta.

D. Maria falleceu, quando sua filhinha tinha apenas tres annos, sendo Marietta entregue aos cuidados de sua avó, que procurava, por todos os meios, substituir sua filha, fazendo com que Marietta não sentisse a provação que tão cedo soffria.

O Sr. Alves, seu pae, fôra, por ordem do governo, fazer uma viagem ao interior do Estado, onde passaria uns cinco dias. Como era pobre, morava numa pequena casa dos suburbios e tinha uma empregada que fazia todo o serviço da casa. Não podendo levar sua sogra, nem sua filha, porque seus recursos pecuniarios não lhe permittiam essa despesa, partiu recommendando muito á creada que pocurasse não contrariar D. Luiza e deixando o dinheiro restrictamente necessario para as despesas, emquanto estivesse ausente.

D. Luzia ficou em casa receosa, porque a creada ia dormir fóra, deixando-a á noite sózinha com a neta.

Estava-se justamente no Natal e todos se alegravam, menos D. Luiza que não sabia como fazer para comprar uma boneca, que Marietta ha bastante tempo lhe pedia. Para a consolar dizia ella que Papae Noel havia de lh'a trazer. E a criança esperançosa aguardava o bemdito dia de Natal. Afinal, chega o dia tão esperado e Marietta, antes de se deitar, reza com a vóvó, um Padre-Nosso, pela sua mãezinha que está no céo, outro pelo pae, e outro para que Papae Noel não se esquecesse de trazer-lhe a boneca. Muito séria, perguntou a D. Luiza:

— Vóvó, Papae Noel vem trazer-me a boneca? Eu, não esperei e não me comportei bem?

— Sim, minha querida filhinha; dorme descançada; foi a resposta da avó, com lagrimas nos olhos.

A criança poz os sapatinhos nos pés da cama e adormeceu com um sorriso de anjo a illuminar-lhe o rosto.

D. Luiza afastou-se, quando a viu dormindo, sem saber o que fazer para lhe dar a boneca. Estava tão mergulhada em seus pensamentos que não percebeu a janella do quarto da menina abrir-se devagarinho e um homem saltar para o aposento.

Estava roto, e olhava para todos os lados. Era um ladrão. Mas Marietta que havia acordado, pensando na boneca, pensou que aquelle homem com a barba longa e inculta fosse o querido Papae Noel. Por isso, sem gritar, nem fazer barulho, foi até perto delle e beijou-lhe as mãos, sorrindo e dizendo:

— Então é verdade que o senhor é Papae Noel? Oh, como gosto de vel-o! O senhor trouxe minha boneca? e lagrimas de contentamento corriam-lhe dos olhos cahindo, gotta a gotta, nas mãos do ladrão que estremecia, perplexo, sem saber o que fazer. Afinal, a menina disse:

— Onde está minha boneca?

Então o ladrão, que se chamava Léon, respondeu:

— Espera um instante, deixei meu sacco lá fóra, porque queria saber se eras uma menina boazinha.

— O senhor já perguntou a vóvó?

— Sim, minha filhinha, e como sei que és uma menina muito boa vou te trazer a boneca.

E antes de sahir, recommendou-lhe que não fizesse barulho, nem gritasse, e que esperasse quietinha, porque elle não se demoraria. O ladrão saltou a janella, e minutos após voltava com uma grande boneca, maior do que Marietta, que abraçou o "Papae Noel", dando-lhe um beijo na face. Em seguida deitou-se abraçada com a boneca e dormiu tranquillamente.

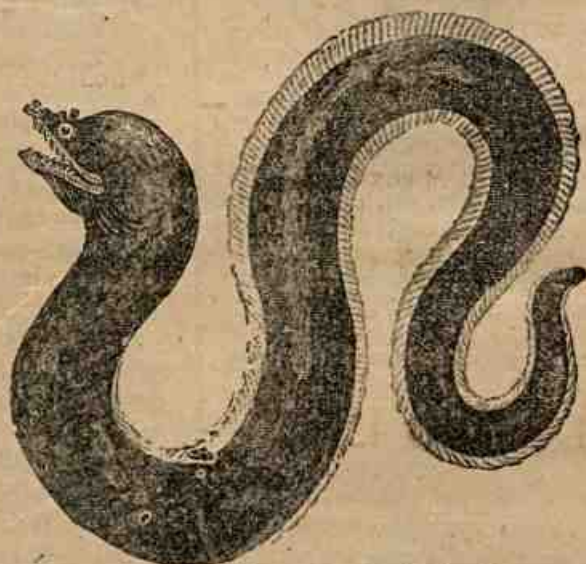
O ladrão esteve contemplando aquelle rostinho de anjo e foi-se embora. No dia seguinte, com grande surpresa de D. Luiza, Marietta veiu mostrar-lhe a boneca, dizendo que Papae Noel tinha conversado com ella e lhe dado um beijo. Que a boneca dizia papae, mamãe, e mexia com os braços. D. Luiza, não acreditava no que seus olhos viam e julgava aquillo um sonho. Afinal, teve de se convencer da veracidade do facto.

Dias depois chegou o Sr. Alves, que não ficou menos surpreso. Mas uma carta lhes vem trazer luz. Léon escrevia-lhes, occultando seu nome, mas dizendo que a candura e bondade de sua filhinha tinham feito com que lhe trouxesse a boneca.

Os jornaes noticiaram um roubo, numa das mais afamadas joalherias da capital, mas que o proprietario tinha sido reembolsado pelo ladrão, o que fez com que não desse parte a policia. Faltavam apenas 200$000, que o ladrão havia dito, fóra o preço de sua regeneração; mas em breve pagaria com o producto do seu trabalho. E, de facto, estava regenerado devido a innocencia de uma criança!

Este facto, veridico, passou-se no Rio de Janeiro.

GEORGE R. PHILLIPS

UMA ENGUIA CURIOSA

A moréa — (Desenho de Addison)

A moréa, especie de serpente que vive no mar, de preferencia debaixo das pontes, é uma enguia grande e ferocissima, cujos dentes se parecem com os das serpentes. Atacam os homens. Apresentam quatro ventas em fórma de tubo, dispostas de cada lado da cabeça

Um Prato de Mingau

CONTO DO NATAL — POR JORGE SILVEIRA

Aquelle casarão assobradado, perdido á margem da estrada, cercado de campos e mattagaes; aquellas grandes palmeiras, onde havia ruidosas assembléas de passaros pretos, melros travessos e vadios, destemidos, que não trepidavam nas vaias aos viandantes e aos homens perversos; aquelle riacho preguiçoso, o moinho, os animaes nos pascigos, tudo parecia respirar tranquillidade, alegria, fartura, abundancia.

Fiquem sabendo os meninos que já leram contos maravilhosos da Carochinha ou do Reino Encantado, que, naquellas paragens, havia um genio mau.

Eram ellas castigo do destino applicado a creanças cujo grande crime consistia em terem nascido pobrezinhas, orphãzinhas, desamparadas nas grandes cidades, onde a miseria e o vicio, mais perigoso do que a miseria, as ameaçavam todos os dias.

Varando estradas desertas, longas, penosas caminhadas, ao sol em brasa de Agosto ou Setembro, de quando em vez, na fazenda, uma pobre mãe apparecia, morta de saudade do filhinho ali recolhido.

Ao ver tanto amor, as boninas do caminho se entreabriam sorridentes. E, no emtanto aquelles homens barbudos não tinham carinhos para as creanças.

Mez de Junho, frio e chuva, trabalhos agricolas, plantações ou colheitas, roçados superiores ás forças das creanças.

E os pobrezinhos, enxada ao hombro, iam para os campos, na mais ridicula agricultura.

Nas pastagens, imitando a sinuosidade do rio, havia serpentes, e o rio adormecido e fundo.

Andava, naquelle dia, pelos campos verdolengos e humidos, uma alegria do céo.

Alegria para as campinas, para a chuva, o rio, as flores, os passarinhos.

Alegria para as palmeiras senhoris, os mulugús, ipés e ingazeiros.

Para os meninos, não.

Perdendo muito sangue, na roça, um delles cortara o pé.

Onde estaria sua mãezinha?

Natal...

Papá Noel não se arreceava de entrar pelas chaminés das cidades e tinha medo daquelle casarão assombrado. Lá não ia, creio eu.

O doentinho, febril, de madrugada, talvez sonhando com a sua querida mãezinha, pediu um pratinho de mingau. Os melros, em surriadas, tocavam ás alvoradas.

O corneteiro de plantão, ao Natal, parecia tristonho e saudoso, ao toque da manhã. E o pobre doentinho não teve o seu prato de mingau. Fechou para sempre os olhos.

Papá Noel preferiu leval-o para o Céo...

UMA PEQUENA AVE QUE CONSEGUE AFUGENTAR O FALCÃO

O passaro-rei perseguindo o falcão.

O passaro-rei.

O passaro-rei, da America, embora seja uma ave de tamanho pequeno, tem a coragem e a aggressividade de um verdadeiro demonio, especialmente em face dos falcões e outras aves de presa. Se bem que os seus esforços sejam quasi que inuteis, elle faz uma tal azoada que os falcões se retiram precipitadamente.

A casca da avelã

(DE SCHMID)

O velho Conde Nardster era um zeloso defensor da verdade e da justiça e por isso não era bem vitso por aquelles que recorriam ás leis para resolução de dividas e demandas. Seus inimigos decidiram mesmo livrar-se delle de qualquer modo e pagaram a um assassino para lhe dar morte certa em determinada noite.

O nobre conde não tinha desconfiança alguma do perigo que o ameaçava. Ao cahir da tarde, recebeu a visita de uns sobrinhos e, muito satisfeito por ver-se rodeado dos encantadores meninos, presenteou-os com maçãs, uvas, passas e avelãs. Quando os meninos se retiraram fez as suas orações e adormeceu.

Por volta de meia noite, o assassino, que se havia introduzido furtivamente na casa do conde, entrou no quarto onde o ancião dormia. Junto á cabeceira da cama ardia uma véla, cuja luz pallida era velada por um *abat-jour* verde. Guiado pela fraca claridade, o assassino dirigiu-se para o leito, empunhando um punhal afiado. Mas nesse instante ouviu-se um forte estalido e o conde, sobresaltado, ergueu-se do leito. Viu, então, o assassino e, apoderando-se rapidamente de um revolver que estava á cabeceira do leito, apontou-o ao miseravel que, preso de terror, largou o punhal e pediu que lhe poupasse a vida. O conde, então, tocou uma campainha. Acudiram os creados e o assassino viu-se obrigado a render-se e a dizer quaes os seus cumplices.

— A Divina Providencia — exclamou o ancião, quiz que uma simples casca de avelã fosse bastante para salvar-me a vida, para descobrir um *complot* abominavel e para entregar os malfeitores á justiça.

Celina, a cabeça pendida e o olhar vago e inquieto chorava tristemente.

Dois annos antes quasi succumbira de dôr e agonia ao morrer-lhe entre os braços, moço, forte e robusto, o esposo idolatrado.

Ficara-lhe daquella ditosa união uma linda e encantadora creança, o Albertinho, que passara a ser, então, todo o seu orgulho e esperança. Elle adoecera repentinamente, coitadinho e agora — dissera-lhe o medico — estava gravemente enfermo.

O que seria della sem o seu Albertinho, o seu amôr, a sua propria vida?!!

A voz delle, debil e fraquinha, chamando-a carinhosamente, fel-a correr, incontinente, junto á sua cabeceira. De joelhos, acariciando-o com ternura e mal occultando a angustia de que se achava possuida, ella, um terço entre as mãos, nervosamente, orava com ardor e devoção, implorando ao Menino Deus, inspirada na sublimidade do sentimento maternal, naquella vigilia do Natal, a vida do seu filhinho amado e querido. Albertinho adormecera. Pé ante pé, de mansinho, ella se afastara, indo á janella onde, contemplando a noite estrellada e a belleza incomparavel que della irradiava, mais ainda supplicara a saúde do entezinho adorado.

O relogio da Igreja proxima annunciara a entrada do lindo, festivo e maravilhoso dia do Natal, batendo, compassadamente, as doze badaladas...

Após outra prece fervorosa e ardente, dirigira-se Celina ao quarto do filhinho, mais resignada e paciente. Encontrou-o, surprehendida, desperto! Parecia mais risonho e mudado, agora! Por que seria?

NATAL

Conto de LOURDES PEDREIRA DE FREITAS

Acolheu-a com grande agrado e satisfação.

— Mamã, querida Mamã, aqui esteve o Menino Jesus! Appareceu-me entre luzes e flôres, envolto numa clara e diaphana nuvem. Beijou-me varias vezes e entregou-me um calice dourado e brilhante, — que trazia dizendo-me — que bebesse o seu conteúdo: "Sorve tudo, Albertinho, gotta a gotta e ficarás curado; são as lagrimas da tua bôa e extremosa Mamã, transformadas no nectar que trata o allivio e o consolo ao teu mal". E, fitando-me sempre sorridente, emquanto eu sob o seu olhar limpido e suave tudo bebia, elle desappareceu!!!

Celina, aterrorizada, a principio julgou ser o delirio da febre que o devorava, pobrezinho, o motivo da visão que tivera. Depois, vendo a sua nova e serena apparencia, comprehendeu o milagre havido. Não tendo palavras que julgasse dignas de tal merecimento, elevou á Virgem Mãe, cheia de fé e doçura, um olhar de amôr e gratidão, cuja linguagem pura e simples, Maria, que mais do que ninguem havia soffrido pela passagem na terra de seu filho, comprehenderia como sendo o agradecimento de um coração materno e venturoso.

Natal!... Natal!...

Os sinos repicavam alegremente, os anjos entoavam canticos, cercando o Menino Deus, áquella hora nascido e no lar de Celina, ella e o filhinho de mãos dadas, sentiam-se inebriados pela emoção propria do momento e, mais abraçados do que nunca, como para não mais se separarem, lembraram-se de que poucos minutos antes haviam recebido o maior e mais consolador dos presentes: o milagre de Jesus, sempre bondoso e caritativo na visita daquella noite de Natal!...

Um terrivel inimigo das creanças

A mosca, pode-se dizer sem medo de errar que é dos maiores e mais perigosos inimigos das creanças. Nojento, sempre a esvoaçar sobre os monturos e fócos de microbios, a mosca carrega nas patas os germens de muitas enfermidades e vae deposital-os sobre todos os objectos em que pousa.

A mosca mais commum é a conhecida pelo nome de *garrafeira*, que varia de tamanho.

A mosca, inimiga terrivel das creanças.

A evolução das larvas da mosca

Muitos observadores que viram essa mosca em differentes tamanhos acreditam que a mosca cresce depois que consegue ter azas, mas tal caso não é verdadeiro. O tamanho da larva quando entra em outra phase determina o tamanho que a mosca deverá ter depois. Para que o mosca attinja a um tamanho grande, é preciso que a larva seja bem alimentada.

As tragedias do fundo do mar

A uma grande profundidade vivia um polvo colossal com os seus oito tentaculos enormes, apprehendendo os peixes que lhe passasem ao alcance dos elasticos braços.

Perto delle, escondido na concha vazia de um caramujo, occultava-se um pobre carangueijo, receioso de ser tambem apanhado e triturado por aquellas possantes tenazes que eram os tentaculos do polvo, cheios de pequeninas boccas, ou ventosas sugadoras.

Bem vontade tinha o carangueijinho de passear, andando para frente e para traz e para os lados naquelle lindo jardim do fundo do mar, todo plantado de coraes vermelhos, esponjas amarellas, sargaços verdes e azues, estrellas prateadas, "aguas-vivas" furta-cores, como se reflectissem as cambiantes do arco-iris, emfim toda uma brilhante polychromia que de longe encantava seus olhos compridos e salientes.

Bem desejava elle gozar de perto aquellas maravilhas, andando livremente por ali, como dono e senhor daquelle jardim encantado, cuja disposição original e bizarra jámais passara pela imaginação do mais caprichoso urbanista.

Tinha, entretanto, medo do poderoso polvo, que era astuto e traiçoeiro, disfarçando-se o mais que pudesse, tomando a côr do ambiente, fingindo que era um inoffensivo e immovel coral, "camouflando-se" para melhor se apoderar das suas victimas desprevenidas e incautas.

Certo dia reparou elle que o polvo apanhara um bello e gordo peixe que esphacelara facilmente, deixando cahir os pedaços sem se aproveitar de tão appetitoso pitéo.

— Está de papo cheio; pensou o carangueijo, vendo aquillo. Posso, então, sahir descansado do meu esconderijo, sem ser importunado por elle, pois, desde que não quiz comer um saboroso peixe, não fará caso tambem de um misero crustaceo como eu.

Assim dizendo, sahiu da concha do caramujo e arriscou uns passos vagarosos pelo fundo pedregoso do mar.

O polvo não se mexeu.

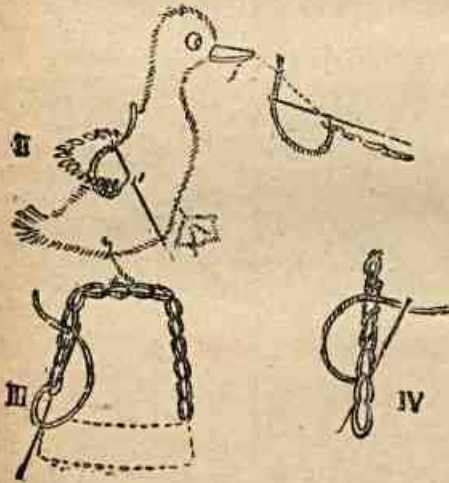
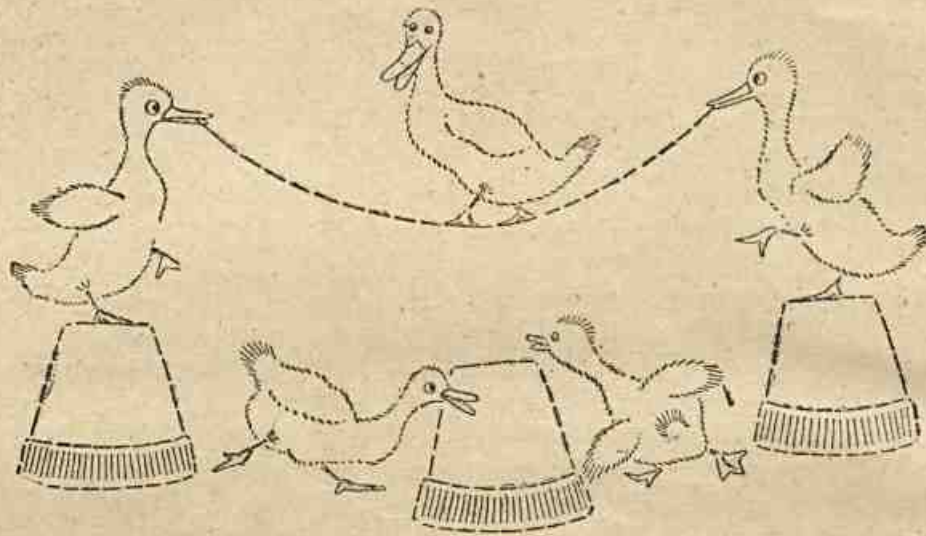
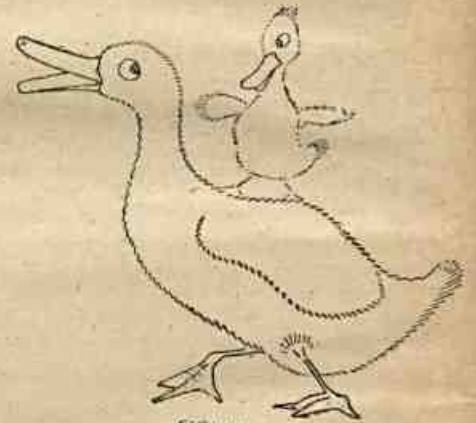
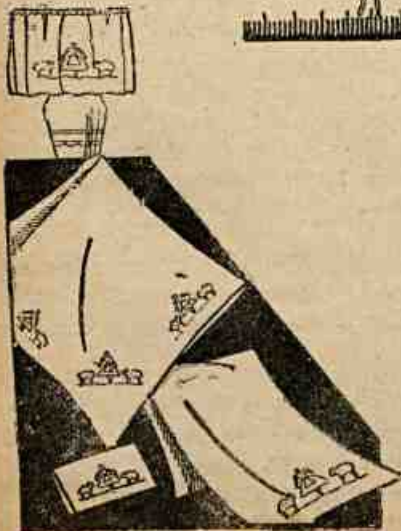
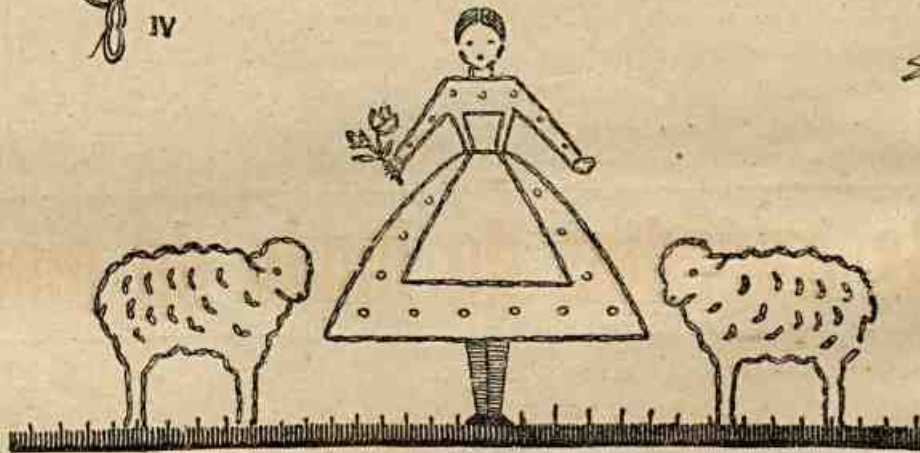
O carangueijo deu mais outros passos para um lado e o polvo continuava immovel.

— E' capaz até de estar dormindo á sésta, fazendo a difficil digestão do que comeu durante a noite, emquanto eu dormia, reflectiu o carangueijo, e começou a andar livremente.

Sem pensar mais no perigo que corria, approximou-se, desprevenido, do polvo, quando se sentiu preso. Não poude reagir. Mesmo era inutil. O forte monstro marinho o aprisionara inteiramente, quebrara-lhe, com facilidade, o esqueleto que o reveste, e sugava-lhe as entranhas com prazer.

O polvo naquella manhã desejara almoçar carangueijo... e empregara o ardil de esphacelar o peixe, afim de ganhar a confiança do infeliz crustaceo. Conseguira seu intento.

Minutos depois não restava mais do carangueijo senão pedaços de pernas e de patas destroçadas, ôcas, amassadas, que se iam dispersando ao sabor das aguas, emquanto o polvo, com seu appetite satisfeito, "ficava novamente nas encolhas", á espera de outra victima confiante e descuidada.

Para as roupas do Bébé

A almofada do Bébé deve ser bordada. Esses patinhos, bordados a linhas de côres diversas, constituem excellente motivo decorativo.

Toda a roupa do Bébé, emfim, deve ser bordada com um motivo decorativo qualquer. O deste canto de pagina é dos mais lindos.

A FEITIÇARIA ENTRE OS INDIOS ARAUCANOS

Entre os indigenas araucanos a bruxaria era tida como um crime para o qual não havia contemplações.

A representação collectiva da morte entre elles, semelhante á de muitas outras sociedades atrazadas, consistia em attribuir a causa proxima de qualquer fallecimento, não ao termino das funcções biologicas, e sim a um "maleficio" proporcionado por um bruxo (kalm) ou por um malfeitor que recebesse das mãos daquelle a materia maligna ou o philtro da morte.

Sendo assim, comprehender-se-á a grande influencia da acção dos bruxos ou feiticeiros e as pesquizas feitas para os descobrir, dando-se-lhes a causa de todas as enfermidades e accidentes fataes e imprevistos da vida quotidiana.

Referem-se os chronistas a estes "maleficios", sujeitando-os, entretanto, á intervenção do "demonio", conforme as idéas da época.

Alguns factos que passamos a relatar darão idéa da credulidade dos araucanos, reforçada por simples coincidencias, de nada valendo o raciocinio ou a logica para os explicar.

Certa vez passava uma india no rio Tirúa, da costa sul do Arauco, no logar onde o havia atravessado sempre. Em meio da corrente o cavallo que ella montava tropeçou, atirando-a adeante, dentro dagua.

Talvez pelo inesperado da quéda, a india, aturdida, submergiu e não tornou a apparecer.

Os parentes, avisados do caso, vieram logo procurar o cadaver. Souberam então que uma mulher havia estado algum tempo parada no leito do rio antes do desastre e só trataram, então, de a procurar, suppondo-a uma bruxa que teria deitado ali uma pedra para o cavallo tropeçar e acontecer o desastre.

Infeliz da pobre mulher se fosse encontrada, pois seria logo morta por vingança do "maleficio" que fizera. Casos como este se repetem com frequencia e correm muitas lendas sobre pessoas afogadas pela acção dos bruxos ou figuras mythologicas que habitam nos fundos dos rios como a nossa Uyára, ou Mãe d'agua.

Outro caso foi o do Cacique Leon, que residia em um terreno secco e esteril. Certa vez elle mostrava um pequeno trecho do seu campo de trigo onde as espigas não haviam medrado. Dizia elle que algum bruxo havia enterrado ali ovos podres e carne de cavallo "agusanada". Aquellas materias putrefactas eram a causa da esterilidade do terreno.

Os feiticeiros tomavam tambem a fórma de animaes.

Contam que uma vez, ao anoitecer, appareceu um jumento rondando o redil do cacique Lienan, que morava ao noroeste de Temuco.

Inutilmente o enxotaram com pedras, pois nenhuma o alcançava. Perseguiram-n'o com lanças e elle sempre se esquivava aos golpes atirados, correndo de um lado para outro.

Por fim, retirou-se calmamente dali e desappareceu.

No dia seguinte appareceu uma epidemia mortifera, entre as ovelhas e cordeiros.

Ninguem duvidou que aquillo fosse obra de algum feiticeiro metamorphoseado em jumento e mandado ali por algum inimigo do cacique.

Era crença antiga que os bruxos se reuniam á noite em umas covas ou cavernas que sómente elles conheciam, onde uns iam iniciar-se nos bruxedos e outros escolher suas victimas e o campo das suas tenebrosas manobras. Até hoje perdura o medo dos bruxos entre os araucanos que os suppõem possuidores de tres forças poderosas e invisiveis, agentes de infinitos males e prejuizos.

MADELON

Uma heroina de treze annos

Ha algum tempo, uma revista canadense, publicou uma photographia de uma estatua que tinha sido erigida em uma pequena localidade, perto de Quebec.

O curioso monumento representava uma rapariguinha, dos doze para os treze annos, com os cabellos em duas longas tranças, que lhe cahiam sobre os hombros. Sua attitude era energica; nas mãos tinha um pesado mosquete, quasi do seu tamanho, que ella carregava, soccando a bucha com uma longa vareta de ferro.

Que teria feito aquella menina, para que a sua memoria fosse perpetuada no bronze?

A mesma revista, conta a heroica historia de Madelon.

No tempo em que os francezes occupavam o Canadá, os colonos viviam em continuas guerras com as tribus indigenas, principalmente com os Iroquois.

O pae de Madelon, um capitão francez, commandava um pequeno destacamento que guarnecia uma feitoria, nas margens do rio S. Lourenço.

Como os indios desde muito tempo não se mostrassem por aquellas paragens, o capitão acompanhado de seus soldados, foi fazer um reconhecimento subindo o curso do rio, para explorar o paiz. Na feitoria ficaram apenas as mulheres e as creanças, sob a guarda de um velho sargento.

Certa manhã, alguns dias depois da partida do capitão, Madelon foi em companhia do sargento até o rio, a um logar em que a pesca era facil e abundante.

Os dois ainda estavam abrigados pelas arvores da floresta, quando viram muitas canôas, de onde desembarcavam uns cincoenta ou sessenta selvagens, vestidos com os seus trajes de guerra.

Era uma surpresa que elles iam tentar, contra a feitoria desguarnecida!

— Escondamo-nos na floresta, Madelon; disse em voz baixa o sargento. Antes que esses malditos pagãos nos descubram e façam trophéos das nossas cabelleiras.

— Mas elles vão surprehender a fetioria! exclamou Madelon. As mulheres e as creanças serão barbaramente trucidadas! É preciso prevenil-as.

— Não é possivel, seremos mortos antes de chegarmos ao forte; fujamos para a floresta.

Porém, Madelon não quiz ouvir nada. Resolvida a salvar suas companheiras, ella correu para a feitoria, gritando: "Ás armas, ás armas! os indios, os indios!"

O sargento não teve outro remedio senão acompanhal-a. Mal os dois tinham transposto a porta do forte, que o sargento fechou solidamente, quando os indios, vendo-se descobertos, soltaram gritos pavorosos, disparando uma nuvem de flechas, que felizmente não attingiram os dois fugitivos.

Durante dois dias, os sitiados, defenderam-se valorosamente animados por Madelon, que dava o exemplo, fazendo fogo contra os indios, armada de um pesado mosquete.

Na manhã do terceiro dia, os atacantes abandonaram o cerco e foram emboscar-se nas margens do rio.

Com certeza era o capitão que voltava com seus soldados. Se ninguem os prevenisse, elles seriam surprehendidos e massacrados até o ultimo, pelos selvagens.

Mas era impossivel alguem sahir da feitoria, sem ser descoberto e morto pelos indigenas.

Madelon, então, resolveu tudo fazer para salvar seu pae e seus compatriotas.

Sahindo do forte pelo lado opposto, a corajosa joven, fazendo um desvio pela floresta, correu para as margens do rio.

A uns quinhentos metros da praia, ella começou a ver os dois grandes batelões, que transportavam o destacamento commandado por seu pae.

Continuando a correr, Madelon gritava e fazia signaes para prevenir os recem-chegados.

Furiosos, por verem que não poderiam mais surprehender os francezes, os indios sahiram de seus esconderijos e desfecharam contra a joven innumeras flechas. Attingida por uma dellas em um hombro, Madelon perde as forças e cahe.

Mas os soldados já tinha desembarcado em boa ordem, e uma descarga geral poz em fuga os assaltantes.

O ferimento que Madelon recebera era leve, em breve ella se restabeleceu.

Mas a dedicação daquella creança que salvara tantas vidas, não foi esquecida. Madelon tornou-se a heroina dos franco-canadianos; e agora, alguns seculos depois, a sua historia é perpetuada no bronze de uma estatua.

A. R. RONOELE

As Cinco Irmãs de York

Ha muito tempo já viviam no condado de York cinco irmãs de rara belleza, que habitavam um majestoso castello, situado no meio de um jardim encantador, onde o canto dos passaros sempre se fazia ouvir.

As cinco irmãs viviam para cantar e se recrear com as cousas mais bellas do mundo. Sentadas no gramado do jardim, estavam constantemente a bordar, todas juntas, um grande panno que sua mãe lhes havia deixado ao morrer, dizendo-lhes que o continuassem nas horas de ocio e que, se algumas vezes as tentações entrassem em seus corações, um simples olhar para aquelle panno bastaria para preserval-as de todo mal

Um dia chegou ao castello um peregrino.

— Parece que estão muito alegres! — disse elle ás jovens.

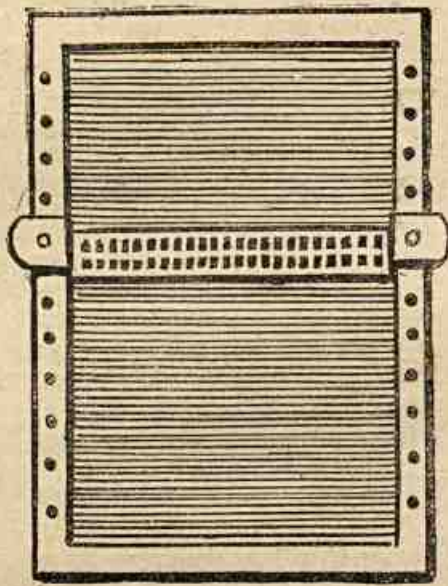
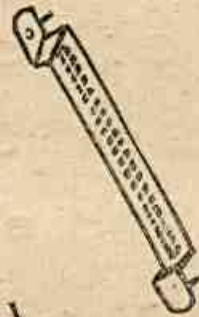
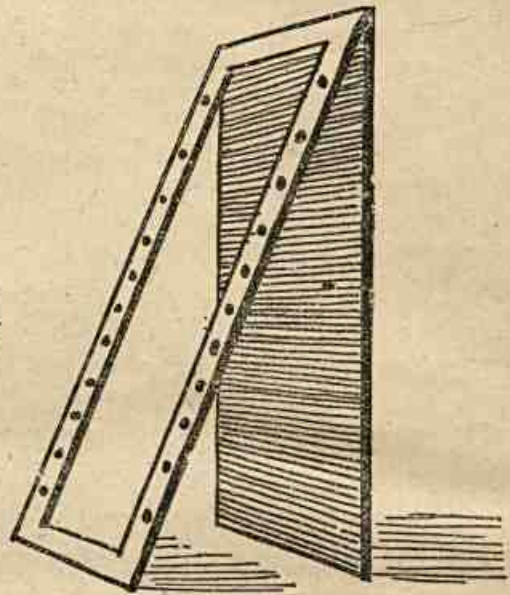
— E por que estarmos tristes — respondeu Alice, a menor e mais alegre das irmãs, — se o céu, a terra e o sol são tão formosos?

O peregrino respondeu gravemente: — Sempre desperdiçando horas preciosas, sempre perdendo tempo em cousas inuteis! Horas virão em que, ao pordes os olhos no trabalho que bordaes, se abrirão em vossos corações fundas feridas! E, assim falando, retirou-se.

— Passou o tempo e as irmãs caminhavam sorrindo no jardim e se entregavam sempre á tarefa de bordar. Dois annos mais tarde voltou o peregrino e encontrou o jardim deserto. Uma enfermidade qualquer havia victimado Alice, a mais joven e mais alegre das irmãs.

— Abandonae vossa tarefa — disse o peregrino ás quatro irmãs — e dedicae vossa vida a cousas mais nobres!

As quatro jovens, então, encarregaram um artista de fazer uns vitraes com os motivos do seu bordado, afim de collocal-os no tumulo de Alice. Todos os dias as quatro irmãs iam visitar a sepultura da irmã mais joven. Annos depois só passaram tres, mais tarde, duas, depois uma. Hoje as cinco irmãs dormem no mesmo tumulo e a luz do sol, atravez dos vitraes, projecta sobre a lousa que o tumulo o fecha os desenhos do trabalho que não foi concluido.

E' assim o espirito de alegria que sempre se mantem na terra, apesar do pessimismo e até da morte.

A prancheta com a regua *A regua e o estylete* *A prancheta aberta*

A ESCRIPTA DOS CEGOS

Foi um cego francez chamado Luis Braille o inventor do alphabeto para os seus companheiros de infortunio.

Braille cegara aos tres annos de idade e foi educado no Instituto dos Cegos em Paris. Ahi dedicou-se á musica e chegou a ser um optimo organista. Nomeado professor do Instituto dos Cegos, inventou elle um processo para ensinar a seus discipulos a notação musical e, por fim, um systema de escripta por meio de pontos salientes. Na gravura que publicamos, os nossos leitores podem ver a disposição dos pontos formando as letras do alphabeto, os signaes orthographicos e de pontuação, assim como os numeros.

Antes deste processo os cegos liam e escreviam pelo systema de Valentim Haüy que consistia nas proprias letras do alphabeto em caracteres salientes. O processo de Braille adoptado em 1852 é mais simples, facil e seguro.

A escripta de Braille — as letras e signaes de pontuação e numeros

Para a escripta adapta-se uma folha de cartolina a uma prancheta de metal em que estão traçadas ou melhor: cavadas linhas horizontaes parallelas. Sobre a folha colloca-se uma regua perfurada e presa ás margens da prancheta nos orificios proprios e que vae sendo mudada á proporção que a escripta vae descendo.

O instrumento que escreve ou faz os pontos salientes é um estylete ou pequeno ponção que se introduz nos orificios da regua movel afim de ir formando os signaes convencionaes das letras ou numeros.

A escripta tem de ser feita da direita para a esquerda para que a leitura se faça normalmente da esquerda para a direita.

Braille, o inventor desse processo nasceu em 1809 e morreu em 1852.

Homenageando sua memoria lhe foi erguido no anno de 1887 um monumento na cidade de Campvray, onde elle nasceu.

Poema de duas mãozinhas

E aquellas mãosinhas
tão leves
tão brancas,
riscavam as paredes
quebravam os bonecos,
armavam castellos de areia na praia,
qual João mais Maria.

A' boca da noite
o Cata-piolhos
rezava baixinho:
"Pelo signal
da Santa-Cruz
livre-nos Deus
Nosso Senhor"

E aquellas mãosinhas
dormiam unidinhas
qual João mais Maria

"Dedo-mindinho,
Seu visinho
o Pae-de-todos,
Seu-Fura-bôlos,
Cata-piolhos,
quedê o toicinho?
— O gato comeu".

Nas noites de lua
cheinhas de estrellas
Seu Fura-bôlos
contava as estrellas...
O Pae-de-todos
cuidava dos outros.
nasciam verrugas
no Cata-piolhos.

E aquellas mãosinhas
viviam sujinhas
qual João mais Maria...

Um dia — que dia! —
Dedo-mindinho
feriu-se num espinho...

E á boca da noite
o Cata-piolhos deixou de rezar
e João mais Maria, juntinhos,
ligados
pararam em cruz
cobertos de fitas
que nem dois bonecos
sem mola, quebrados...

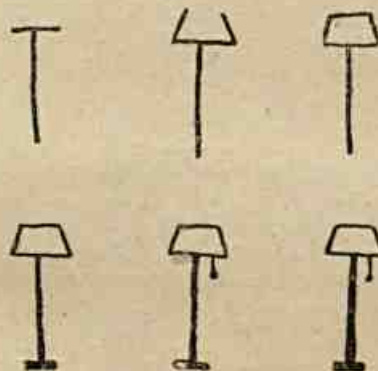
JORGE DE LIMA

A SAMAMBAIA

Na folha da samambaia
Ha sempre a côr da esperança,
Como um sorriso que baila
Nos labios de uma creança.

#

E cáe, tão verde e tão linda,
Quando ao vento se balança
Negligente, no abandono,
Como si fôra uma trança.

Para desenhar uma lampada

No coração da creança
Nunca a bondade é de mais.
Por isso, sê bom, menino,
Trata bem aos animaes.

QUÉRO-QUÉRO

Quéro-quéro, ave rainha,
Da garganta de clarim...
Todo Gaúcho adivinha
Quando tu cantas assim:
Quéro-quéro! Quéro-quéro!

Apregoador de bonança,
O teu grito, com certeza,
Deve ser côr de esperança
Como a propria natureza...
Quéro-quéro! Quéro-quéro!

Tu resumes, vaqueano,
Insatisfeito, no espaço,
O symbolismo pampeano
De um bello tiro de laço.
Quéro-quéro! Quéro-quéro!

És pequenino, e, no emtanto,
Tu te suppões um condôr...
E quando cantas, teu canto
Tem rataplans de tambôr.
Quéro-quéro! Quéro-quéro!

És um desejo no espaço
Do Pampa, que tanto adoras...
Teu canto marca o compasso
Do tic-tac de espóras.
Quéro-quéro! Quéro-quéro!

Dormes tarde, e, já bem cêdo
Teu grito alacre se expande...
És o gaúcho sem mêdo,
Sentinella do Rio Grande.
Quéro-quéro! Quéro... Quéro...

FERNANDO BORBA

TROVAS

Amar com ciume... Quem ama?!..
Quem ama assim, desconfia...
— Mas quem taes cousas proclama,
Si amasse, não n'as diria.

* * *

A luz desse olhar tristonho
Que ninguem tem... Faz lembrar
Essa luz feita de sonho
Que a lua deita no mar...

* * *

Tenho n'alma, hoje, um desejo.
Que não n'o sei entender...
Na alegria do que vejo,
Na pena de te não ver...

Adhemar Tavares

O CANTO DO GALLO

(*Lições do Robertinho*)

POR ALARICO CINTRA

Tenho mais uma historia a contar, do Robertinho, o qual, nos seus seis annos de vida, entre as flôres do jardim de sua casa e outros colleguinhas do "Jardim da Infancia", bôas peças vem pregando aos mentirosos...

Madrugador, que é, — uma dessas manhãs, mal se impertigou, dirigiu-se á preta bahiana que o viu nascer:

— Por que canta o gallo, quando o relogio bate seis horas?

— Porque tem um reloginho de ouro, na sola do pé.

— Mentira; não me engane.

— Tem, sim.

— Não tem. Eu vou mostrar que não tem.

Após a primeira refeição que costumava fazer, de frutas, — principalmente laranjas, — Robertinho procurou o gallinheiro, e, corre daqui, corre para acolá, fez todo possivel afim de pegar o gallo, gritando repetidas vezes:

— *Babá*, vem aqui me ajudar.

— Não; o gallo, assim aos pulos, quebra o reloginho.

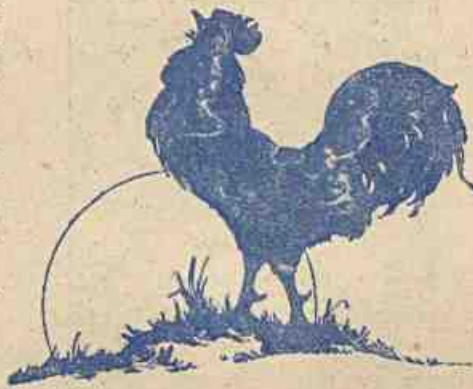
Convencido da inutilidade de seus esforços, — amuádo — abrindo a palminha da mão, bracinho erguido, em mostra á faceista, asseverou, resoluto:

— Vou provar a mentira.

Todo busuntado de ovos quebrados — alguns, pôdres; outros com pintos em adeantada corporificação — conduzindo uma pequena bacia cheia de uma pasta amarella, horrivelmente fétida, sobre a qual boiavam cascas de ovos com escriptos de uma raça apreciadissima, — Roberto, pouco depois de deixar o gallo em paz, estava firme, á frente de *Babá*, intimando-a:

— Vamos, tire, se é capaz, dos pés dos "gallinhos", os relogios de ouro, ainda *pequeninínhos*. Quero enriquecer os meus brinquedos...

Petrificada, *Babá* comprehendeu a sua grande culpa em tudo aquillo, — de manter sua teimosia mentirosa, para fazer graça.

Afflictissima, admittindo consequencias ainda mais grave — da cruel injurtiça de um castigo, que o pae do garotinho lhe poderia infligir, dada a sua loucura por gallinhas de raça — a bôa preta correu á "Caixa Economica", mal preparou o almoço, e retirou ás suas economias 60$000, quanto custava uma duzia daquelles ovos, arrumados então ao ninho.

Tudo foi feito em segredo, conforme lhe supplicára *Babá*:

— Meu filhinho, não conte a papae a sua travessura...

Robertinho prometteu nada contar, sem desistir do proposito em que se achava de procurar saber, direito, a razão do canto do gallo ás horas primeiras do dia; adiando, embora, as suas perguntas para a manhã do dia immediato.

— Por que cantou o gallo hoje, quando o relogio bateu seis pancadas?

A's mesmas horas, na manhã seguinte, Robertinho endereçava a mesma pergunta á carinhosa mamãe, que logo lhe respondeu:

— Porque, meu filhinho, tem um coração muito grande, cheio de alegria pura, e fica a te chamar, a te chamar cedinho, para brincar no jardim!

— E se eu jogar uma pedra, para lhe tirar o coração e vêr se é grande, mesmo?

— Nunca! meu filhinho; pois, matar o gallo tão querido do papae?!

— Então, vou pedir a papae que mande matar o gallo.

E o pirrálho, mal beijou o pae nessa manhã, explicou e justificou o seu sinistro desejo, contando a historia do coração grande do gallo.

— Não, Robertinho, mamãe quiz brincar.

— ?!

— O gallo canta, mal enxerga a luz do dia. Nos primeiros momentos, repetidas vezes canta; depois, muito mais espaçadamente. Canta, em resposta tambem aos outros gallos. E explicou ainda: — Um simples phosphoro acceso, nas proximidades de um gallo, em noite escura, é o bastante para o fazer cantar.

Voltando da escola, nesse dia, Robertinho fez questão de ficar accordado, ao lado do pae, até ás 22 horas, quando se encaminharam, ambos, ao gallinheiro.

Trinta phosphoros o pirrálho riscou, a um palmo da cara do gallo, rindo, a valer, do seu canto, mais de trinta vezes ouvido; até que *Babá*, cabisbaixa, lhe appareceu:

— Basta, meu *nhôzinho*, vamos agora dormir.

— Vamos, *Babá*; ao mesmo tempo que se voltava para o pae:

— Quando vêm mais gallos, para cantar assim?

— De hoje a tres dias, mais alguns nascerão; os ovos foram deitados ha 18 dias.

— E se os "gallinhos" só vierem muitos dias depois?

Babá, nervosa, queria o conduzir, mas Roberto esperava a resposta paterna, que lhe não tardou:

— Seria um phenomeno.

— Que é *phemômômo?*

— *Phenomeno*, preste sentido, *phe...no...me...no*. E' uma coisa extraordinaria, fóra do que é natural; uma coisa que nos causa espanto.

— Então, peça a *Babá* para contar historias que espantam a gente — de gallos com reloginhos de ouro nas solas dos pés e de "gallinhos" que só deixam a casca do ovo depois de muito tempo, muito tempo, mesmo... E rematava:

— Vamos dormir agora, *Babá*. Amanhã, cêdo, quero conversar com a professora e "*dar a ella*" estes phosphoros que sobraram. Ella precisa estudar, no gallinheiro, o canto do gallo...

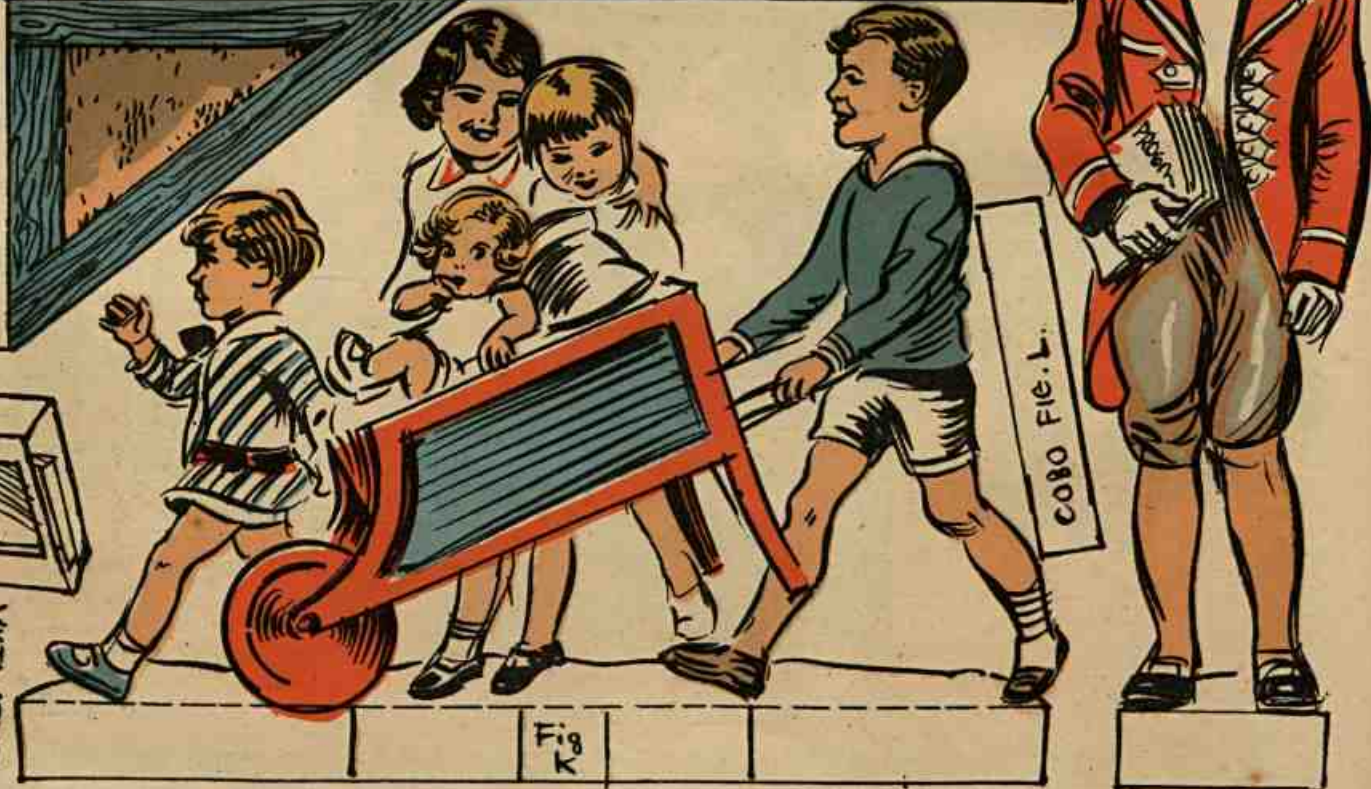
REVISTA
dos
Sabbados
PARA·TODOS...
PARA·TODOS...
PARA·TODOS...
PARA·TODOS...
PARA·TODOS...
PARA·TODOS...
PARA·TODOS...
PARA·TODOS...
PARA·TODOS...
PARA·TODOS...
PARA·TODOS...
O Semanario da Familia Brasileira
Sociedade, Letras, Artes, Musica, Theatro, Moda.
Reportagens photographicas primorosas.
Illustrações dos mais afamados desenhistas.
Collaboração literaria seleccionada.

THEATRO ZÉ MACACO

PARA PRISÃO DE VENTRE
MINORATIVAS
PASTILHAS
MINORATIVAS
Não produzem colicas
e
regularizam Ventre, Baço e Figado
- Encontram-se em todas as Phamacias e Drogarias -

THEATRO ZÉ MACACO

Dá nella e Na pavuna
"Dá nella", a gatinha preta depois de muito perseguida pela cachorrinha "Na Pavuna" trepou á pilastra da bica do jardim.
"Na Pavuna", mesmo ali continuou a perseguil-a com forte acuação. A gatinha então abriu a torneira e, como era de esperar, deu um banho na sua ...
... perseguidora. Com receio da represalia da "Na Pavuna" tratou de fugir para casa. A cachorrinha toda molhada saccudiu o pello e foi procurar a ...
... gata para desculpar-se. A gata então, tornou-se amavel com a amiga e convidou-a para passear. Depois voltaram para casa e foram á cozinha ...
... roubar nas panellas algum pedaço de carne. "Na Pavuna" não tendo a habilidade dos gatos em trepar, bateu de certo modo no cabo de uma panella e ficou queimada. No dia seguinte recebeu a visita de muitos amiguinhos que chegaram cantando: "Na Pavuna"!...
A. ROCHA

THEATRO ZÉ MACACO

O BASTÃO DO TAMBOR MÓR

O inimigo ha de pensar que estão ali grandes batalhões. Ha de dirigir fuzilaria contra a collina — disse Napoleão—mas continuem a bater carga...

...para que meu exercito possa escapar. Alcindo reuniu sua gente e foi se collocar por detraz da collina e mandou bater carga.

Como Napoleão previra, o inimigo deteve-se, e pensando que todo o exercito francez estava ali, rompeu fogo contra a collina.

Um a um os soldados da banda de tambores foram cahindo feridos. Alcindo heroicamente, continuava de pé.

Por fim, só restava um soldado, que, com indomita coragem, continuava a bater no tambor.

Mas este ultimo cahiu tambem. Então, ficando só, Alcindo espetou o seu bastão na neve...

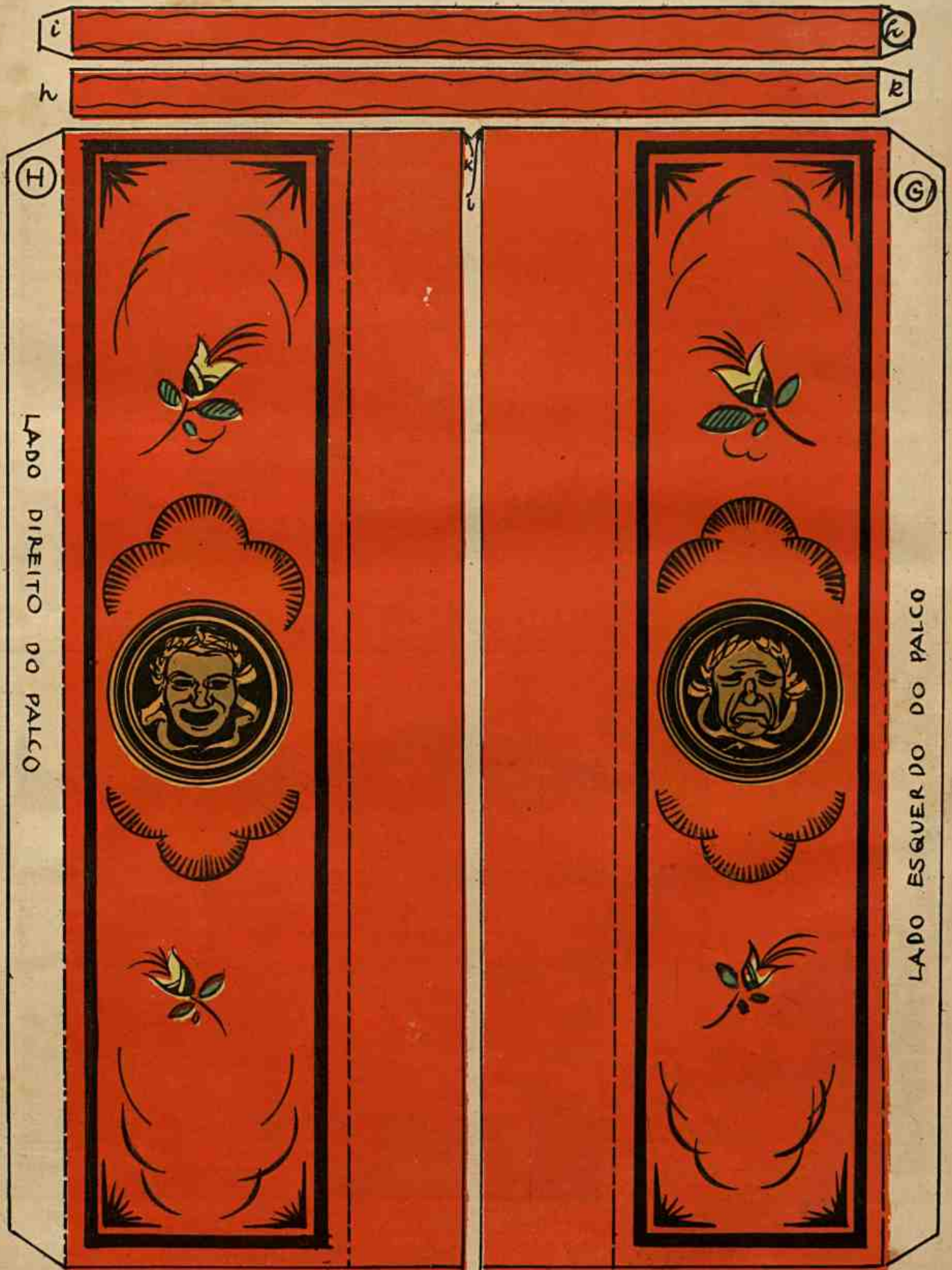
Collocou sobre o bastão seu chapéo e sua brilhante farda, para que o inimigo de longe pensasse que elle ainda ali estava...

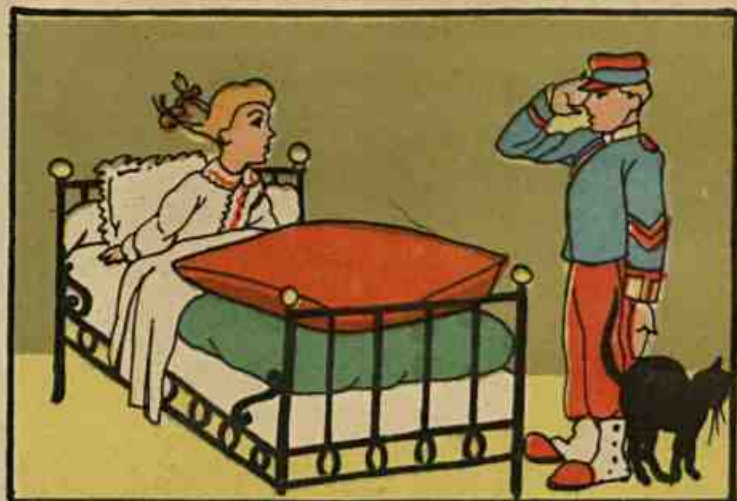
...e, apanhando um tambor, pôz-se elle proprio a bater a carga, para illudir e deter o inimigo. Só duas horas...

...depois, tendo o inimigo assestado a artilharia, um obuz veiu despedaçar o bastão e ferir muito Alcindo. Mas todo o exercito de...

...Napoleão conseguira passar sem ser atacado e estava salvo. Alcindo foi levado para um hospital, levando nas mãos...

...os pedaços de seu bastão, que não quiz abandonar. Foi reformado por estar invalido, mas todos o apontavam com admiração. E, abrindo...

...finalmente o castão do bastão que o imperador lhe dera, Alcindo encontrou nelle uma bella quantia que garantiu sua existencia.

THEATRO ZÉ MACACO

OS SONHOS DA LILI

Uma noite Lili, depois de reflectir no que faria, se fosse princeza ou rainha, adormeceu. De repente, appareceu-lhe um cabo de esquadra, dizendo que o governo...

...resolvera nomeal-a general ! Uma menina general ! Que idéa !... Mas Lili é tão cheia de orgulho que achou o facto muito natural. Vestiu logo uma farda imponente...

...montou a cavallo e foi para a praça da Republica passar revista ás tropas, seguida por um brilhante estado-maior. Os soldados todos apresentavam-lhe armas...

Depois veiu o ministro da Guerra trazer-lhe uma condecoração. Lili pegou na commenda... Mas nesse momento...

...acordou. Não havia ali cavallo nenhum. Fôra tudo um sonho e o que ella queria pregar no peito não era condecoração. Era simplesmente o gato.

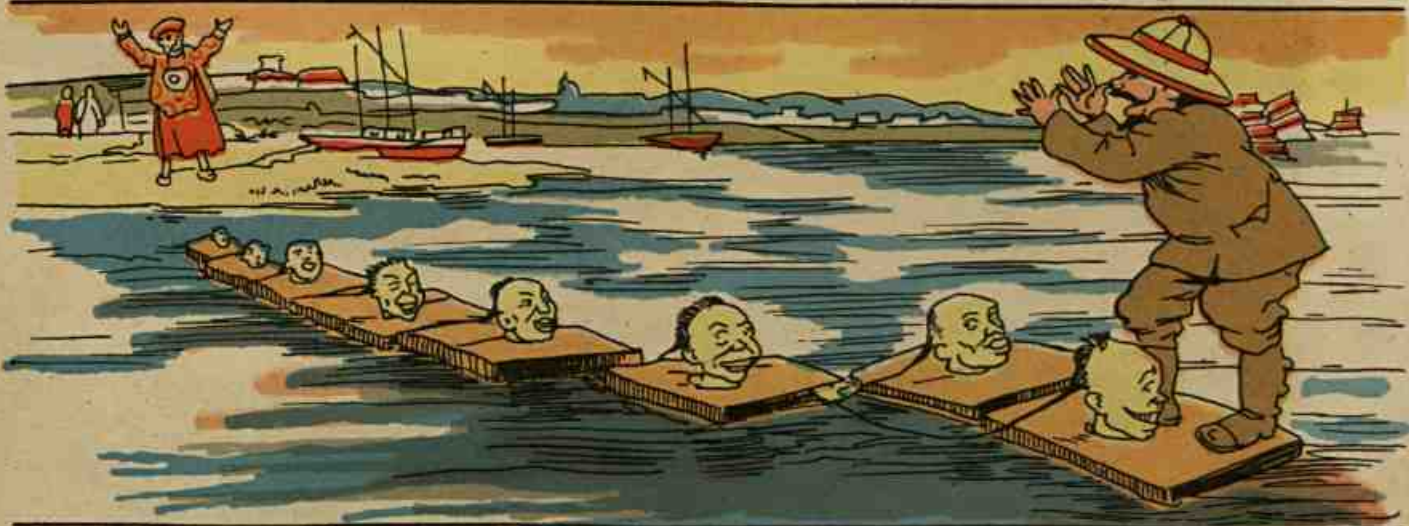
THEATRO ZÉ MACACO

ESPERTEZA DE UM EXPLORADOR

Um official hespanhol, muito valente, foi uma vez aprisionado pelos chins, que o metteram na prisão.

Mas o official era intelligente e teve logo uma idéa para se salvar. Pediu para falar com o mandarim...

E apostou com elle que seria capaz de atravessar o rio sem bote e sem se molhar. — Não é possivel ! — disse o mandarim.

— Pois não ha nada mais simples — disse o official — Se o senhor me entregar os seus prisioneiros chins eu lhe mostrarei que posso fazer esse prodigio.

O mandarim, intrigado com a proposta tão singular, tinham no pescoço duas taboas de madeira. Os chins chama rou-os uns aos outros pelos rabichos e um pé na canga d conseguiu fugir. Sem se molhar.

entregou-lhe os prisioneiros que, como é costume na China, m a isso canga. O official metteu os chins no rio, amar- o primeiro outro na do segundo e assim por deante...

SCENARIO 2

THEATRO ZÉ MACACO

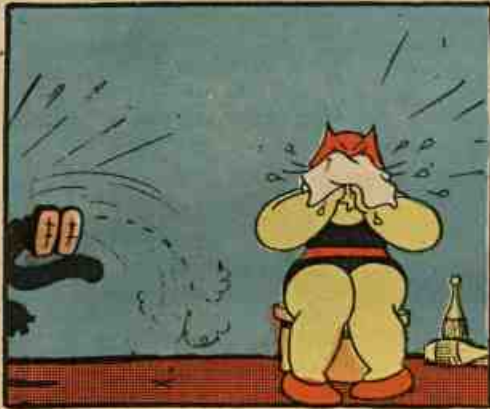
ALMANACH D'O TICO-TICO — 1931

AS AVENTURAS DO GATO FELIX

(DESENHO DE *PAT SULLIVAN*)

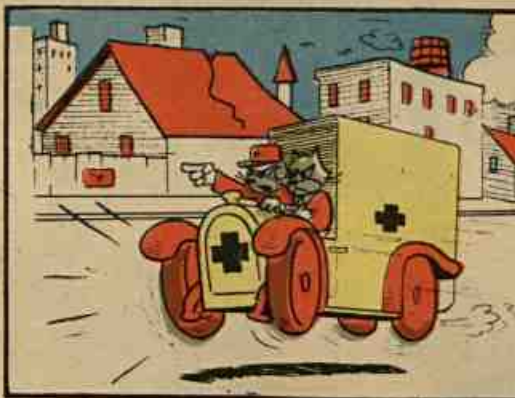
O *Gato Felix* foi ao gabinete de gynastica chamar *Dona Gatona*.

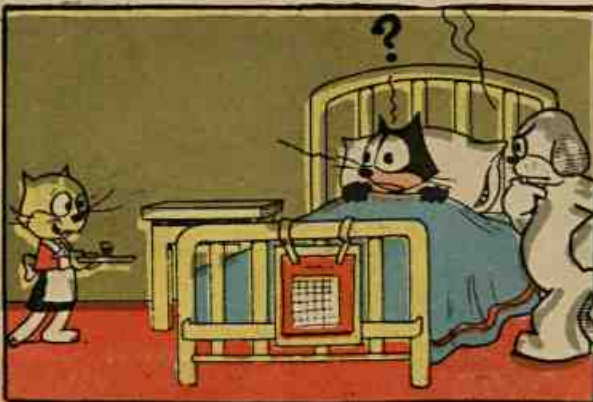
— O almoço está na mesa! — gritou *Gato Felix*. Mas *Dona Gatona* não lhe deu attenção.

— O almoço está na mesa! — repetiu, gritando, *Gato Felix*.

E *Dona Gatona*, então, soltou um espirro tão forte que *Gato Felix* deu um salto de susto.

Em vez de ir almoçar, *Dona Gatona* foi fazer gymnastica.

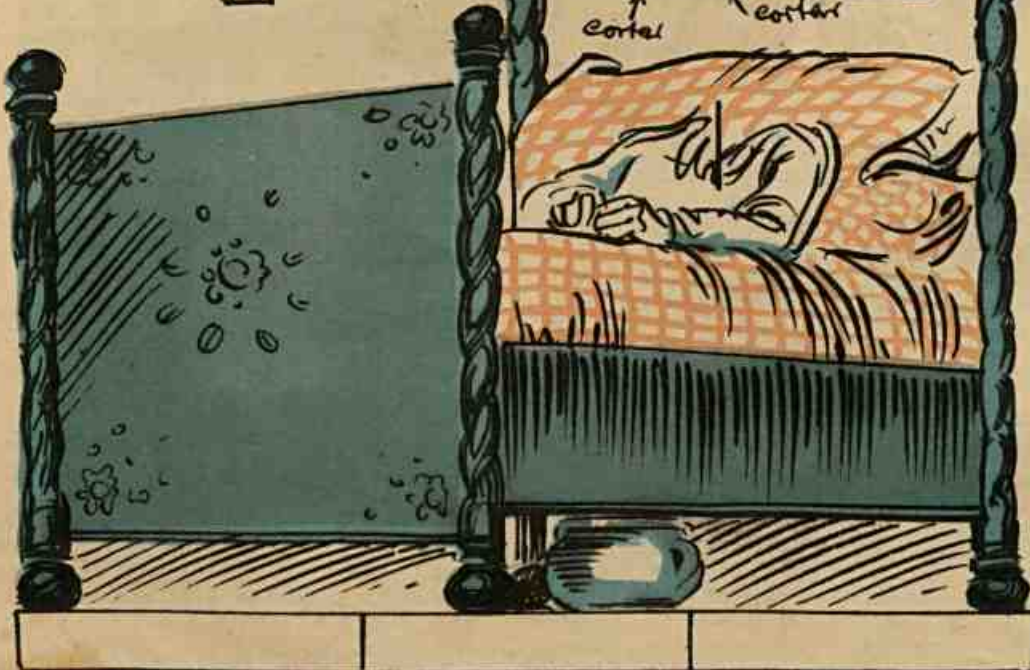
E chamou *Gato Felix* para ajudal-a a subir no trapezio.

Mas houve um desastre. *Dona Gatona* cahiu do trapezio em cima de *Gato Felix*.

E a Assistencia foi chamada para acudir *Gato Felix* que, muito machucado,...

...foi recolhido á Casa de Saude. O doente estava contente.

Um dia a enfermeira, uma linda gatinha, vinha lhe trazer um copo de licor. *Gato Felix*, antes de tomar...

...o licor, voltou-se e viu o *Dr. Canzarrão*. E tomou tamanho...

...susto que fugiu da Casa de Saude.

THEATRO ZÉ MACACO

Historia para crianças

Por LEONOR POSADA

I

Mariettinha olhou desanimada para todos os seus brinquedos espalhados no quarto.

A Lolota, a linda boneca que o papae lhe dera, estava a um canto, semi-nua, sem côr, e seus cabellos, á força dos banhos no grande tanque do jardim, tinham desapparecido.

Zizi, o formoso bebê de massa, já perdera a fórma: o corpo cheio de brechas, pelos tombos, vestia uma camisolinha suja, rasgadinha aqui e ali, uma vergonha emfim.

Os carros, sem rodas; os cavallinhos de caudas arrancadas, a bola furada, em summa, tudo devastado, tudo em ruina.

E o bello serviço de jantar? E a cozinha? Os pratos, as panellas, a sopeira, espalhados uns, quebrados outros, as caçarolas sem asas, a chaleira sem bico, o fogãozinho amassado.

Com o que havia de brincar, não acudia ao pensamento de Mariettinha. Com a Yáyá, a graciosa bahianinha? Não, não que estava cega, a pobre! Com o Caramurú, o indio valente? — Estava tão sujo! desanimada ia retirar-se quando lobrigou a um canto o polichinello, o ultimo presente do titio.

Ficou radiante! Achara com que se divertir. Tomou-o carinhosamente nos braços: olhou-o com sympathia a principio; depois, ao vel-o com a bocca larga, num riso de escarneo, a pança enorme, a pequena encheu-se de furor.

— E' demais! Como fizeram feio este polichinello! Não posso supportar coisa igual! E dando expansão ao seu genio devastador, — zás! agarrou-o por uma perna e atirou-o de encontro á parede.

Com um ruido secco o polichinello cahiu. Ficando-lhe o rosto voltado para cima, viu-lhe Mariettinha o mesmo riso sardonico como a zombar de sua colera.

Não se conteve a pequena: enraivecida correu para elle e, com o pésinho amassou a cabeça do pobre tuão, e, ia, talvez, continuar a matratal-o quando a mamãe a chamou.

Afogueada, os olhos brilhantes, a menina sahiu do quarto.

II

Era hora de dormir. Vestida a longa camisolinha de rendas, Mariettinha, depois de fazer uma prece com os olhos na imagem da santa padroeira e o pensamento nos brincos que a tentavam, depois de beijar a mamãe, deitou-se.

Sentiu, pouco a pouco, uma modorra suave tomar-lhe o corpo todo, era o somno que chegava...

Depois, notou que os seus bracinhos, as suas pernas, seu todo, emfim, ia ficando pequenino e rijo como si fôra de massa, de louça.

Quiz gritar, chamar a mamãe... a voz lhe não sahiu da garganta.

Tentou levantar-se: o corpo hirto não permittia o menor movimento.

Angustiada, Mariettinha esperou que alguem viesse soccorrel-a, e deixou-se ficar numa ansia sem nome, respirando a custo.

Ouviu, depois, como que alguem a abrir-lhe a porta do quarto. Olhou.

Uma claridade forte entrou, e approximaram-se passos, passos largos decididos.

Era a mamãe... era o pae, talvez!

Mas não! Mariettinha enganou-se.

Polichinello, o seu polichinello que ella maltratara, surgiu-lhe á frente, não pequenino e fragil, mas forte, grande, emquanto ella se tornava cada vez menor... cada vez menor...

III

— Levanta-te, disse-lhe carrancudo o polichinello.

Mariettinha tentou erguer-se, mas não poude. O boneco, então, puxou-a por um braço e arrancou-a da cama, sem piedade, pondo-a de pé!

— Anda! ordenou elle, acompanha-me!

A menina não ousou protestar: era tão pequenina e o polichinello tão grande!

Sahiram.

Um luar magnifico prateava o jardim da casa de Mariettinha.

A menina olhou as flores e pareceu-lhe ouvir dos calices perfumados:

— Bem feito! Vaes pagar-nos a maldade com que nos tratas.

Num sonoro cricri um grillo disse-lhe:

— Si tenho a perna partida devo-a á linha que a ella me amarras-te, má!

Mariettinha baixou a cabeça envergonhada e seguiu o polichinello.

Deixaram o jardim, andaram longas ruas; afinal, chegaram á espessa matta.

A menina tinha já os pésinhos doridos.

— Não posso mais! quiz dizer, a voz, porém, foi sómente um queixume, que se não ouviu.

Deixou-se ficar atraz.

O polichinello, sempre severo e carrancudo, voltou-se.

Vendo que Mariettinha mal podia andar, segurou-a por um braço, tal qual ella fazia ás bonecas e foi arrastando-a, arrastando-a...

IV

Chegando a um grande palacio, erguido no meio da matta, de torres altas, o polichinello parou.

Bateu tres vezes com a aldraba e as portas abriram-se de par em par.

O polichinello entrou, sempre arrastando Mariettinha pelo braço.

Enfileirados, de um lado e de outro, estavam muitos anãos de capacete vermelho, como os das historias fantasticas que tanta vez a mãe da menina lhe contara.

Mariettinha e o polichinello passaram entre elles e em pouco entraram num amplo salão cheio de cadeiras.

Ao fundo, num largo estrado via-se uma grande mesa forrada de velludo côr de sangue e por traz desta, sentados em cadeiras de espaldar de pellucia, a menina lobrigou tres vultos de toga negra, vestes que ella já vira com o titio no grande retrato da sala.

Separados por uma grade de madeira, em cadeiras arrumadas, com grande espanto seu, reconheceu Mariettinha o Zizi, o seu bêbê, em ponto grande, a Lolota, a Filó, a bahianinha Yáyá a que certa vez furara os olhos num momento de raiva; o indiozinho — o Caramurú — que o tio Sergio lhe dera, sem o tacape, e, mais atraz, como si fossem gente — as panellas, os pratos, o fogãozinho, emfim todos os seus brinquedos.

Estavam sérios, mudos, zangados...

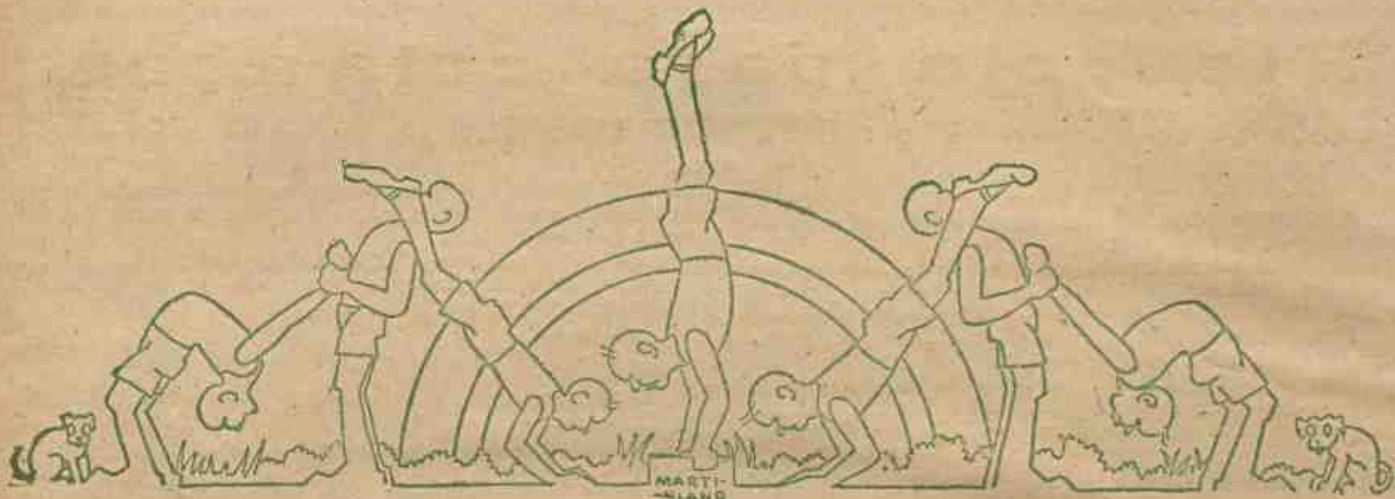
De outro lado, cochichando e rindo, num ar de quem espera um successo nunca visto — uma multidão de bonecas, palhaços, arlequins, pierrots e dansarinas.

Quando por elles a menina passou, olharam-na com um desprezo que a fez sentir-se humilde, tão humilde, tão humilde...

Mariettinha não podia comprehender todo esse apparato, todo esse mysterio.

Viu chegarem-se-lhe a um aceno do polichinello uns oito anãos, e o truão indicando-a disse-lhe:

— Conduzam a ré!

Depois, voltando-se para ella accrescentou:

— Menina, vaes ser julgada.

Mariettinha quiz falar. Como estava, porém, tal qual uma boneca, não teve voz, e foi com um grande medo no coração que se deixou levar pelos gnomos de barretina vermelha.

Conduziram-na a um banco, em frente á grande mesa e puzeram-se ao lado, em guarda, ferozes com os rostos fechados, impassiveis.

A pequena nem tinha coragem para levantar os olhos. Estava transida de pavor.

V

Um dos bonecos vestidos de preto levantou-se e, estendendo a mão para Mariettinha, perguntou:

— De que accusam a ré? Levante-se o primeiro queixoso.

Ergueu-se o polichinello:

— Accuso-a, Snr. Juiz, de ser ingrata e má. Por ella deixei a companhia dos meus, na grande loja de brinquedos em que vivia. E que vida bôa a nossa!

Mal fechadas as portas, sahidos os empregados, que festas inventavamos! Bailavamos a cantar... Ah! meus amigos, que saudade tenho desse tempo!

Mas um dia, um moço sympathico viu-me. Agradou-lhe o meu riso travesso, a minha pança enorme; comprou-me, dizendo:

— Vou leval-o á minha sobrinha. Como vae ficar satisfeita! Estremeci, vaidoso. Cuidei que, daquelle dia em deante eu seria o encanto de uma linda menina, tão linda quanto bôa.

Os meus primeiros dias em casa de minha dona, passei-os suavemente. Depois, como si enfarasse de mim, deixou-me num canto, até que hontem fui maltratado, injuriado, espezinhado. Como vingança, Snr. Juiz: Peço que a ré soffra todos os ultrajes por que passei.

E o polichinello sentou-se.

— Defiro, sentenciou gravemente o Juiz.

Mariettinha sentiu vontade de chorar; os soluços rebentavam-lhe no peito, doloridos, sem um anseio, sem um arfar.

Seria castigada. Ah! se ella soubesse...

— Levante-se o segundo queixoso, chamou o Juiz.

A menina esperou-o a tremer.

Lolota, a sua linda boneca, sem cabellos, maltratada, as faces cheias de lanhos, ergueu-se:

— Accuso-a, Snr. Juiz, disse em voz pausada.

Nunca me senti tão infeliz como em sua companhia: eu tinha lindos cabellos loiros, caracolados: a feia cortou-m'os.

A' força de me mergulhar no tanque do jardim esmaeceram-me as côres da face, perdi a frescura da minha pelle.

Quando fui para sua casa levava um bello vestido azul, um toucado de rendas e sapatinhos de pellica. Despojou-me de tudo! Vestiu-me de trapos e sabe Deus quanta vez sangrei sentindo alfinetes agudos penetrarem-me na carne.

Quero que lhe cortem os cabellos, que a piquem com alfinetes e a mergulhem no tanque! Ficarei socegada!

— Defiro, repetiu solemne o magistrado.

Mariettinha estremeceu de horror.

Por quantos supplicios não viria passar? Quem a salvaria?

VI

— Levante-se o terceiro accusador!

A menina viu erguer-se, por sua vez, o seu bêbê Zizi.

Que feio estava!

Todo amassado, sem feitio; se elle pedisse as mesmas penas que seria della?

E a pobresinha sentia tremuras, como si fôra uma folha abandonada ao vento.

— Accuso-a, disse a voz clara do bêbê, de todos os máos tratos que soffri.

Quasi já não tenho feitio devido aos tombos que me deu. Não possuo senão tres dedos: os outros roeram-m'os os ratos no abandono a que fui atirado. Que lhe batam, que a ponham com os ratos e me darei por satisfeito.

— Defiro — confirmou o Juiz.

Horror, pensava Mariettinha. Ser presa dos ratos, ella que tinha tanto medo desses bichinhos, antes morrer, morrer de uma vez, implorava angustiadamente, no fundo do coração, a infeliz pequena.

— Tem a palavra o quarto queixoso!

Mariettinha nem ousou levantar os olhos para reconhecel-o. Era talvez, outra victima sua...

— Accuso-a, declarou sonora e arrastadamente o indio Caramurú.

Era eu um selvagem taful, todo ornado de pennas com um cocar sumptuoso e um tacape a tiracollo.

Arrancou-me tudo a menina. Despojou-me dos meus enfeites. Como si eu fosse um ser inutil, deixou-me sempre atirado ao chão.

Quanto frio não supportei, deitado no soalho, sem roupas, a tiritar!

Uma noite, chuvosa e fria, atirou-me pela janella. Cahi numa poça d'agua e lá fiquei até o dia seguinte, quando a creada, ao vêr-me, cheia de pena, salvou-me.

Ah! que ella passe tambem uma noite fria lá fóra, sósinha com o mesmo horror por que passei!

— Defiro! sentenciou mais uma vez o magistrado.

— Meu Deus! gemeu Mariettinha, passar uma noite lá fóra, na matta, sob a chuva e o frio, á mercê dos animaes ferozes...

Como a menina se arrependeu de tudo quanto havia feito! Como, de bom grado, se ajoelharia ali, aos pés das suas victimas, agora transformadas em algozes!

Mas não podia fazel-o; sentia a lingua paralysada; a face parecia de porcellana...

Ninguem, talvez, poderia avaliar a dôr que ella soffria; ninguem!

VII

— Venha o quinto queixoso! chamou já cansado o Juiz.

Levantou-se, então Yáyá. Como não tinha mais olhos, ella se encaminhou para a mesa amparada por duas bonecas.

Aquelle espectaculo causou-lhe tremuras.

— Accuso-a, Sr. Juiz, exclamou a bahianinha, de me haver furado os olhos, estou cega, nunca mais vi o sol. nunca mais vi os meus amiguinhos...

E soluçava...

Depois, cheia de rancor, pediu:

— Que lhe arranquem os olhos... que lhe arranquem os olhos!

— Defiro, disse quasi sem forças o boneco de preto.

Ficar cega, pensava Mariettinha nos paroxysmos da dôr. Cega! não vêr mais o papae... não mais vêr a doce mamãezinha...

— Oh Jesus! vem em meu soccorro, implorava a triste no fundo da sua alma.

Ia talvez fazer alguma prece, quando o Juiz se ergueu:

— Basta de accusações! O que ouvi é sufficiente para condemnar a ré!

E' mistér, emtanto, que haja testemunhas.

Numa só voz, os pratos, as chicaras, as panellas, a chaleira, o fogãozinho, gritaram:

— Eu vi! Eu vi! Nós vimos!

VIII

O Juiz pronunciou:

— Entrego-vos a criminosa. Dae-lhe o castigo merecido!

Mariettinha sentiu-se morrer.

O primeiro que avançou para ella foi o polichinello. Puxou-a por um braço, atirou-a ao chão, bateu-lhe sem piedade.

O corposinho tinha um ruido secco ao receber as pancadas.

Que dôr! e a pobre sem poder gritar, sem poder soltar um só lamento!

— Afastem-se, gritou em furia a Lolota.

E' a minha vez!

Com uma tesoura cortou os sedosos cabellos de Mariettinha; depois mergulhou-a, a suffocal-a, quasi na piscina do salão.

Molhada, maltratada, a pequena soffria tudo mumificando como uma boneca, sem fazer um movimento, sem poder soltar um unico queixume.

Avançaram os outros algozes; a menina sentiu pontas agudas de alfinetes rasgarem-lhe as carnes; soffreu pancadas, puxões...

A sua camisolinha já estava em frangalhos, collada ao corpo, coberto de sangue que lhe corria das lanhuras abertas...

Morreria de certo.

Mas o seu pavor cresceu quando viu a Yáyá, entregando uma thesoura ao indio, a pedir que lhe furasse os olhos.

Jesus! susoirou Mariettinha a desmaiar...

IX

— Parem, cobardes! Suspendam, perversos! Senão os destroçarei com a minha espada brilhante!

Ao ouvir essa voz, a menina abriu os olhinhos doloridos e viu o escoteiro, o bello escoteiro de seu irmão Roberto, a defendel-a da sanha dos seus algozes.

— Foi Deus que m'o enviou. pensou Mariettinha num raio de esperança.

E cahiu desmaiada...

O escoteiro, soltando um assobio, viu como por encanto vir em seu auxilio um batalhão de pequenos heróes que, le *casse-tête* em punho, distribuiam o terror e pancadas a um tempo.

Foi uma debandada!

Bonecas corriam de um lado para outro em busca da sahida, o polichinello desappareceu, arlequins e pierrots fugiram abandonando no chão os bandolins e os guisos...

Os juizes foram-se, dos anões, só se viam atirados os *barretes* vermelhos...

As panellas, os pratos, as chicaras tilintavam afflictivamente, diligenciando fugir.

Em pouco tempo no largo salão só estavam o luzido grupo de escoteiros e a pequenita.

Voltando a si do desmaio, a menina sentiu-se levantada pelo escoteiro salvador que, com outro a carregou para casa.

Para que a não magoassem, marchavam elles docemente e Mariettinha sentiu um grande allivio no seu rosto de boneca bater o ar fresco da noite enluarada e linda.

Entraram no jardim. Atravessaram o salão e chegaram ao quarto da menina.

Collocaram-n'a sobre o leito; achegaram-lhe as roupas tépidas ao corpinho maltratado, frio e... desappareceram.

X

— Mamãe! Mamãe! gritou Mariettinha como louca, sentando-se na cama.

A joven senhora accorreu abrindo a luz electrica.

Mariettinha, os olhos muito abertos, mirava-se toda.

Não tinha nem um arranhão, não sentia nada!

Seus cabellos sedosos estavam, como sempre, compridos e lindos.

Fôra tudo sonho...

Que foi, meu amôr? perguntou-lhe solicita a Mamae.

— Ah! que sonho máo tive eu! Que sonho máo, minha mamãezinha!

A senhora beijou-a muito, acalmando a linda filhinha e disse:

— Bem te aconselhei que não comesses tantas castanhas. Dormiste com o estomago cheio e tiveste um pesadello.

Vou preparar-te um pouco de chá!

Depois de tomal-o, mais socegada, a menina deitou-se de novo, rogando, porém, á mãe que não a deixasse só!

Tinha tanto medo...

E, no outro dia, quando se levantou, correu ao quarto dos brinquedos, arrumou tudo com carinho, procurando com desvello penitenciar-se dos máos tratos que infligira aos seus inertes companheiros de folguedos, num grande arrependimento e não menor receio da repetição do máo sonho que vivera.

Fôra uma bella lição!

A PRINCEZA ORGULHOSA

Havia um rei, que tinha uma filha muito bella, mas tão altaneira e enfatuada que recusou todos os principes que se apresentavam solicitando sua mão. Um outro rei, soberano do paiz vizinho, apresentou-se pedindo-a para esposa.

— Ora! — exclamou a princeza, ao vel-o — com aquella barba tão loura que chega a ser branca... Deus me livre de semelhante marido!

Quando esse ultimo pretendente se retirou, o pae, furioso com tanta vaidade, exclamou:

— Ah!... é assim? Pois eu não estou para te aturar toda a vida. Já que não queres escolher, escolho eu. Casarás com o primeiro mendigo que bater á porta do palacio.

Pouco depois, um pobre musico ambulante começou a cantar e pedir esmola na estrada. O rei ordenou que o mandassem entrar, chamou um padre, casou-o com a princeza e disse-lhe:

— E' tua esposa. Pódes leval-a.

A princeza implorou, supplicou, mas seu pae replicou furiosamente:

— Palavra de rei não volta atraz.

E a orgulhosa teve que partir a pé, com o mendigo. Depois de muito andar, atravessaram um soberbo bosque.

— Como seria bom viver aqui! — exclamou a princeza.

— A quem pertence este bosque?

— Ao rei Barbabranca.

A princeza nada disse, mas suspirou.

Mais adeante havia um pomar com frutas de todas as especies. A um olhar interrogativo da princeza, o mendigo disse:

— Este pomar pertence ao rei Barbabranca.

A princeza suspirou de novo e reconheceu amargamente que fizera tolice em não acceitar aquelle rei como marido.

Logo em seguida avistaram uma grande e importante cidade. O mendigo explicou:

— Esta é a capital do rei Barbabranca.

E dirigindo-se á sua miseravel cabana, situada á beira da estrada, entrou dizendo:

— Esta é a nossa morada. Trata de preparar o fogo para fazer nosso jantar.

A princeza entendia tão pouco dessas cousas, que foi preciso seu marido auxilial-a e, ainda assim, jantaram muito mal e dormiram em esteiras collocadas no chão. Passaram assim dois dias; depois, como não houvesse mais mantimentos em casa, o mendigo disse:

— Não podemos viver sem trabalhar. Você tem que aprender a fazer cestas.

A princeza obedeceu, mas esse trabalho lhe pareceu muito difficil e a palha aspera magoava-lhe os dedos delicados. Emfim, com muito esforço, conseguiu fazer dois cestos.

— Muito bem — disse o mendigo. — Agora vae á feira vendel-os.

A princeza desatou a chorar, supplicando que não a obrigasse á tamanha humilhação.

— Bem — disse o mendigo — Nesse caso, vamos ao palacio do rei. — Ouvi dizer que está vago o logar de ajudante de cozinheiro.

A princeza curvou a cabeça e acompanhou-o. Chegando á cozinha do palacio, o mendigo deixou-a á porta e o cozinheiro-mór deu-lhe um monte de panellas para lavar; mas quando ella ia começar esse trabalho, o cozinheiro deteve-a, dizendo-lhe que, antes de tudo, ella tinha que se apresentar ao soberano, na sala do throno.

A princeza estranhou aquillo, mas acompanhou um pagem que a esperava.

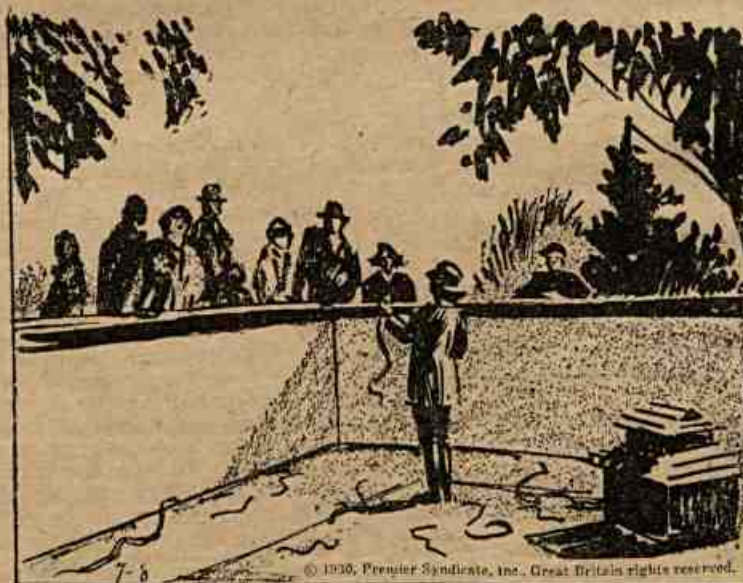
Chegando á sala do throno, viu o rei Barbabranca e ia curvar os joelhos, quando o soberano, correndo a seu encontro, tomou-a nos braços e disse-lhe:

— Fui eu quem disfarçado e vestido como um mendigo, casei comtigo. Assim fiz por ordem de teu pae, que queria dar-te uma lição. Mas amo-te como sempre e obtive delle permissão para pôr termo a esta triste comedia. Senta-te a meu lado, minha rainha.

Uma festa magnifica, á noite, coroou o grande acontecimento ao som de varias e maviosas orchestras.

A princeza castigada pela sua vaidade, mas feliz, sentia-se renascer na alegria ambiente e comprehendia agora que a verdadeira felicidade não consistia unicamente na satisfação de preconceitos vaidosos inventados por uma sociedade de hypocritas, mas na obediencia estricta á voz de um deus que fala através da nossa consciencia e do nosso coração.

E o joven casal reinou feliz por longos annos o seu bello paiz.

OS GRANDES SERPENTARIOS

Os mais famosos serpentarios do mundo são os de Butantan, São Paulo, e o de Porto Elizu, na Africa do Sul. O de Butantan é considerado o "primus inter pares" dos serpentarios, por possuir especies ophidicas preciosas e inteiramente desconhecidas de outros paizes.

O LIQUIDO MAGICO

A princeza Linda estava para se casar com o principe Rogerio. Quanto se sentiam felizes com esse proximo casamento!

Aquelle amor que se epilogaria em casamento, tivera origem numa visita que Rogerio, principe do Reino Azul, fizera ao rei, pae de Linda.

Ao entrar no paço, logo que a viu, entre as damas da côrte, ficou fascinado, enelvado a tal ponto que se esqueceu da etiqueta... esquecendo-se de saudar o proprio rei. Estava apaixonado. O mesmo succedeu á princeza que tambem se enamorou pelo principe.

Dias depois, com pleno consentimento da princeza, Rogerio pedia-a em casamento. O rei approvou jubiloso; concordava com a sua politica. A isso seguiu-se um periodo de idyllios, de ineffaveis felicidades para os dois jovens.

Não suspeitavam elles, porém, quão invejada era essa ventura que desfrutavam. Agua-Negra, conde desse nome, amava a princeza, e já lhe pedira a mão — muito antes della conhecer Rogerio — sendo repellido. A princeza ouvira certos casos que corriam o reino, com visos de verdadeiros, acerca de Agua Negra, e ficou horrorisada só com a idéa de desposar um homem que, como elle, tivesse tão repulsivo caracter.

Mas, apesar disso, como o conde insistisse em requestal-a, viu-se obrigada a queixar-se ao rei, que o ameaçou com a expulsão, caso repetisse seus aborrecidos galanteios.

O conde espumou de raiva. Mas teve que se conformar, jurando, porém, que tiraria atroz vingança, chegado a occasião.

Imaginem, pois, seu furor, ao saber do noivado da princeza com o principe Rogerio!

Ora, existia nos confins do reino um bruxo — pelo menos era assim considerado— de nome Luro, que segundo se dizia, fizera pacto com o diabo, e realizava varias feitiçarias de espantar.

Foi nesse magico que pensou Agua-Negra no seu afan de se vingar. Uma alegria feroz o invadiu. Assim tinha a certeza de que seu odio seria satisfeito.

Dias depois, quando o sol, deslumbrante, surgia detraz das montanhas, o conde apeava-se do cavallo e batia á porta da casa do feiticeiro Luro. Abriu-lhe a porta uma velha que parecia ter duzentos annos, tão secca e alquebrada estava e que tinha toda a apparencia de uma cigana.

— Desejo falar a Luro, disse elle.

A velha murmurou algumas palavras inarticuladas, que o conde não comprehendeu, e nem podia comprehender, porque eram de uma lingua estranha; e com um gesto, convidou-o a entrar. Hesitou o conde: lembrando-se, porém, do motivo por que ali viera, não vacillou mais; penetrou decidido no interior da moradia.

Luro, entre retortas, filtros, alambiques e um sem numero de apetrechos de chimica, desconhecidos do conde, estava curvado, attento, para um cadinho que fervia sobre o fogão, que lançava tantas fagulhas, que só por bruxaria ellas não lhe queimavam os olhos, tão curvado para o lume estava.

O visitante recuou, atemorisado. Aquella scena parecia-lhe infernal; e Luro, o Satanaz, que, cheio de ternura, contemplava as chammas, que lhe recordavam as do inferno.

O conde só socegou um pouco quando Luro voltou para elle o rosto gasto, envelhecido pelas vigilias e pelo estudo, que transpirava beatitude e bondade d'alma. Então mais animado, disse-lhe o motivo por que ali viera.

Luro ficou aterrorisado; Agua-Negra pedia-lhe, nada menos que encantasse o principe Rogerio, metamorphoseando-o em qualquer animal, ou o matasse com alguma bruxaria! Ora, elle não era um feiticeiro, mas sim um sabio alchimista, e sómente os ignorantes o julgavam bruxo. O que fazer agora? Declarar a Agua-Negra que não era o que elle pensava? Nunca!

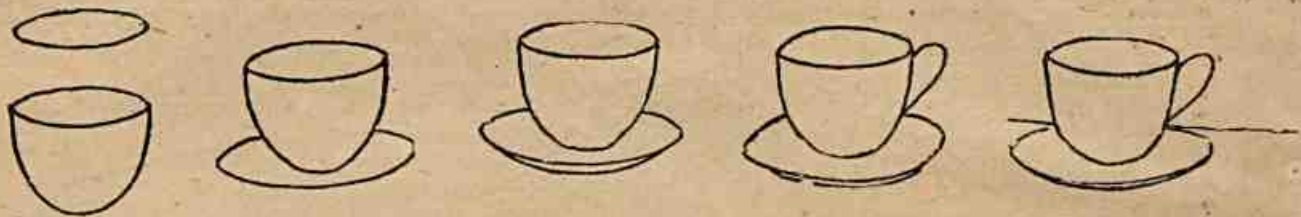
Agua-Negra julgaria que fosse uma negativa ao seu pedido, e era bem capaz de o apunhalar ali mesmo. Portanto, recorreu á astucia, e foi co mvoz melliflua que respondeu:

— Está bem, vou-lhe dar um frasquinho de certo liquido, que tem a singularidade de transformar immediatamente em gato, quem o beber.

Agua-Negra exultou; era o que desejava!

Que immenso desgosto não sentiria a princeza ao vêr seu amado mudado em gato!

O bruxo merecia muito ser bem recompensado. Uma tal maravilha valia muito.

PARA APRENDER A DESENHAR

Deixou, pois, ao retirar-se uma bolsa cheia de ouro sobre a mesa. Apertava o frasco contra o peito, — não fosse perdel-o!

Agora a difficuldade era fazer o principe beber o liquido encantado que o frasco continha.

Ora! Subornaria algum lacaio do principe, e tudo correria á medida de seus desejos. Sim, isso mesmo! bem pensado! A tal difficuldade era vencivel!

Agua-Negra regosijava-se. Tão viva era a sua alegria, que, parando o cavallo no meio da estrada, se poz a rir tão ruidosamente, que um camponez, que passava na occasião, se afastou, precipitadamente, julgando-o louco. Voltando a si, após esse accesso de riso, o conde esporeou o cavallo que partiu a galope. Dias depois chegava á capital depois de ter trocado cinco vezes de montaria, e galopado noite e dia sem descançar um instante que fosse.

Neste mundo, infelizmente não faltam pessoas corruptas. Portanto não levou muito tempo ao conde — que se tinha posto em campo logo que chegara, — achar o que precisava. O lacaio Rodrigues, depois de ter sido habilmente sondado pelo conde, que queria antes de tudo conhecer-lhe a indole, acceitou a proposta. A troco de duas bolsas repletas de ouro, promptificava-se a deitar na refeição do principe a tal bebida magica. Agua-Negra passou-lhe a bolsa e o frasco, recommendando-lhe que derramasse todo o conteúdo.

O dia estipulado para o casamento do principe Rogerio com a princeza Linda approximava.

Já iam adeantados os preparativos para as festas que se iam então realizar em todo o reino.

A esperada metamorphose do principe em gato tardava inquietadoramente para o conde, que suava frio só em pensar que o casamento podia realizar-se se o effeito da beberagem falhasse. Essa demora não agourava nada de bom.

Quando faltava um dia para o casamento, elle profundamente desassocegado, foi á procura do lacaio Rodrigues. Encontrou-o numa das alamedas do jardim do palacio, e, chamando-o, perguntou-lhe:

— Que fizeste do frasco que te entreguei?

— Eil-o, excellencia, respondeu o lacaio mostrando o frasco vasio, que tirara do bolso.

— E o conteúdo?

— Deitei-o na refeição do principe, tudo de uma só vez, conforme o Sr. me recommendou.

— Ha quantos dias?

— Com hoje ha oito dias, meu senhor.

— Oito dias! exclamou o conde anniquilado, oito dias!

— Mas então... o magico Luro affirmara-lhe que o liquido seria de acção instantanea!

Logo, o lacaio mentia-lhe! Não havia outra explicação! Perdera o frasco ou tivera medo de agir conforme se comprommettera! Agora o casamento era possivel, bem possivel! Não tinha tempo de arranjar outra beberagem magica! Nem mesmo arrebentando varios cavallos! O magico morava longe, tão longe! E tudo por culpa do miseravel que estava sorridente na sua frente!

Effectivamente, Rodrigues sorria, antegosando uma nova bolsa de ouro. Não reparou nas feições do conde que se tinha tornado sinistra, nem que este disfarçadamente tirava o punhal.

O lacaio cahiu sem um grito. Sorria ainda.

Agua-Negra embainhou a arma tinta de sangue, e, retirou-se tranquillamente como se nada tivesse acontecido.

Esta scena tivera uma testemunha. Um escudeiro do principe Rogerio, que de uma das janellas do palacio olhava para o jardim. Correu para soccorrer o homem apunhalado, que recuperou os sentidos. Comtudo percebia-se que estava nas ultimas. Mas teve ainda força de pedir, balbuciando que fosse conduzido á presença do rei, porque, antes de morrer, desejava prestar algumas declarações. Seu desejo foi logo satisfeito. Ante o rei fez sua confissão. Desmascarou Agua-Negra, seu assassino. Ao finalizar sua confissão contrahiram-se-lhe as faces, teve um estremecimento, e exhalou o ultimo suspiro.

Agua-Negra foi preso immediatamente, pois rondava pelas proximidades do palacio, urdindo, sabe Deus, que novo terrivel trama.

No dia seguinte, com extraordinaria pompa foram celebrados os esponsaes dos dois jovens principes.

O conde desesperado, suicidou-se na prisão, pondo assim, com um punhal, ponto final na sua criminosa existencia; no que somos forçados a imital-o com a penna, terminando esta historia.

ROMEU HEINZEL

Theatro Zé Macaco

A historia do Chapéozinho Vermelho

O lindo brinquedo de armar — *Theatro Zé Macaco*, que o *"Almanach d'"O Tico-Tico"* publica na presente edição e cujo modelo encima esta pagina, traz os bastidores de um bem conhecido conto da infancia, *O Chapéozinho Vermelho*.

E' a seguinte a historia do *O Chapéozinho Vermelho*:

Marietta era uma interessante meninasinha de oito annos.

Sua mãe adorava-a, e sua avó, a *Fada dos Jasmins*, ainda mais.

Essa bôa mulher deu-lhe de presente um chapéozinho vermelho, que lhe ficava tão bem, que a chamaram o *Chapéozinho Vermelho*.

Um dia, sua mãe tendo feito alguns bolos, disse-lhe:

— "Vae ver como está tua avó, pois me disseram estar doente; leva-lhe este bolo e este pote de manteiga".

Chapéozinho Vermelho partiu logo para casa da avó, que morava longe.

Passando por um bosque, encontrou um lobo com cara de gente, que tinha boa vontade de a comer; mas não ousou fazel-o, por temor de alguns carvoeiros que estavam floresta.

Perguntou-lhe onde ia; e a pequena respondeu:

— "Vou ver minha avó e levar-lhe um bolo com um pote de manteiga, que minha mãe lhe manda".

— "Ella mora muito longe?" perguntou o lobo.

— "Não, senhor, é além daquelle moinho, que vê lá ao longe, na primeira casa da aldeia".

— "Pois bem", disse o lobo "eu tambem quero ir vêl-a, vou por este caminho, tu irás por aquelle, e veremos quem chega primeiro".

O lobo poz-se a correr a toda pressa pelo caminho mais curto; e a pequenina foi pelo mais comprido, divertindo-se a correr atraz das borboletas, e a fazer ramalhetes das flores que via.

O lobo não tardou muito a chegar, e bateu á porta.

Tendo batido mais de duas vezes, sem que lhe respondessem, suppôz que a avó de *Chapéozinho Vermelho* havia sahido e resolveu entrar para esperar as duas e comel-as.

Assim reoslvido, levantou a aldraba, e, abrindo-se a porta, entrou em casa, onde não viu ninguem, porque a velha se havia escondido em um armario, de onde via tudo.

O lobo deu duas voltas pela casa, e, vendo-a sósinha

fechou a porta e foi deitar-se na cama da avó, á espera da primeira que apparecesse.

Pouco tempo depois chegou *Chapéozinho Vermelho*, que bateu.

— "Quem está ahi?"

Chapéozinho Vermelho, que ouviu a voz grossa do lobo, teve medo ao principio; mas pensando que sua avó estava rouca, respondeu: — "E' a sua netinha, que lhe traz um bolo e um potesinho de manteiga, que mamãe manda".

O lobo gritou, amaciando a voz: — "Levanta a aldraba".

A pequenina levantou a aldraba, e a porta abriu-se.

O lobo, vendo-a entrar, disse, escondendo a cabeça debaixo dos lençóes:

— "Põe o bolo e o potesinho da manteiga em cima da mesa, e vem deitar-te commigo".

Chapéozinho Vermelho foi-se metter na cama: mas ficou muito admirada de vêr sua avó despida.

A pequenina disse: — "O minha avó! como os seus braços são compridos!

— "E' para melhor te abraçar, minha neta".

— "O minha avó! como as suas pernas são grandes!"

— "E' para correr melhor, minha neta".

— "Minha avó! que olhos tem tão grandes!"

— "E' para vêr melhor, minha neta".

— "Minha avó! Para que tem dentes tamanhos?!"

— "E' para te comer".

E dizendo estas palavras, lançou-se sobre *Chapéozinho Vermelho* para comel-a; mas estacou de repente, ficando sem movimento, porque a Fada dos Jasmins, avó de Marietta, sahindo do esconderijo, lhe tocou com a sua *varinha de condão*.

Chapéozinho Vermelho deu um grito de alegria ao vêr sua avó, que a tirou de ao pé do lobo, mais morta que viva, pelo susto que tivera.

Então disse a velha para a netinha: — "Que castigo se ha de dar áquelle malvado lobo, que te queria devorar?"

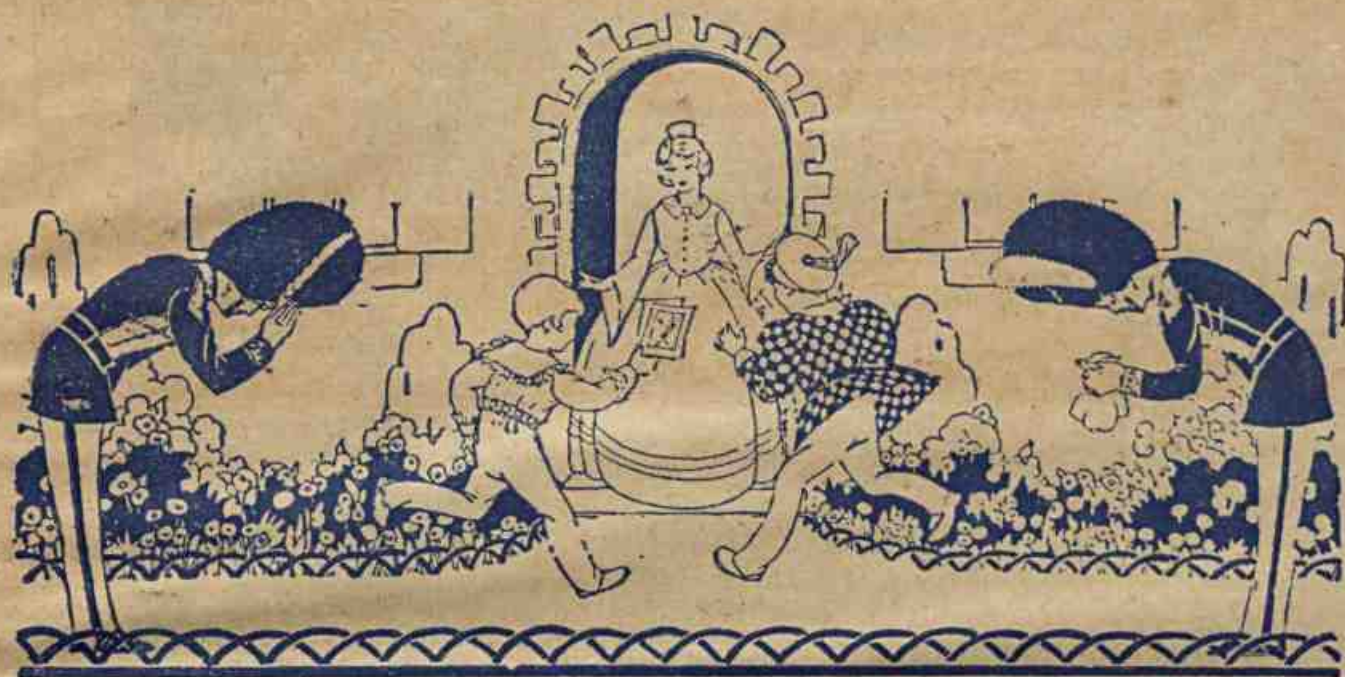
— "Dê-lhe, minha avósinha, o castigo que quizer", respondeu *Chapéozinho Vermelho*.

— "Pois então vae para a janella, que verás o que nunca viste".

Estando *Chapéozinho Vermelho* á janella, viu sahir de casa o lobo, todo coberto de *busca-pés* desde a ponta da cauda até á do focinho, e ouviu sua avó: — "Vae malvado, correndo por ahi fóra até que vás apagar o fogo no poço, onde morrerás afogado".

Isto dito, começaram os *busca-pés* a arder, dando tiros tão medonhos, que o lobo fugiu espavorido, e julgando apagar o fogo com agua, foi lançar-se ao poço.

Depois disto disse a Fada para *Chapéozinho Vermelho*: — "Has de prometter que de hoje em diante, quando tua mãe te mandar a algum recado, não te has de demorar pelo caminho, nem conversar com quem não conheces, dizendo-lhe o que vaes a fazer; e se assim fizeres, dou-te por *dom* que serás mui formosa e casarás com um fidalgo".

E assim foi. Crescendo, *Chapéozinho Vermelho* fez-se tão discreta e tão formosa, que foi pedida em casamento por um grande fidalgo da vizinhança, com o qual casou e viveu muito feliz.

JOSÉ DO EGYPTO

(CONTO BIBLICO)

(FIM)

preso ! e quereis ainda roubar-me Benjamin ! Não, não, este filho não se separará de mim!"

Judá insistiu e mostrou a necessidade absoluta desta separação momentanea; prometteu ter especial cuidado com o menino e Jacob acabou por acceitar, dizendo-lhes: "Tomae duas vezes mais dinheiro do que na primeira viagem, afim de poder devolver o que encontrastes nos saccos, o qual, sem duvida, foi nelles deixado por engano. Tomae tambem alguns frutos e perfumes, o melhor do que produz o nosso paiz e offerecei-o áquelle ministro tão desconfiado, afim de obsequial-o. Queira o Deus todo poderoso tornar-vos propicio este homem, para que volteis logo sãos e salvos, na companhia de Simeão, aos braços de vosso pae. Entretanto ficarei eu só e triste como um homem que não tem mais filhos

Foram-se, pois, os filhos de Jacob, e assim que chegaram ao Egypto, se apresentaram de novo a José, e, prostrados em terra, lhe offereceram seus presentes.

José os recebeu com carinho, permittiu-lhes que vissem Simeão e logo lhes perguntou: "Vosso pae, esse bom velho de que me falastes, vive ainda elle? Como está de saude ?"

Os irmãos responderam: "Nosso pae, vosso servo, vive e está bom de saude. — Este, é, sem duvida, — accrescentou José designando Benjamin, o irmão menor que deveis trazer-me? — Sim Senhor, é elle. — Filho meu, lhe disse José, que Deus te guarde e te seja sempre propicio!"

Sahiu depressa do quarto onde se achava porque não podia mais dominar sua emoção á vista daquelle menino que era, como elle mesmo, filho tambem de Rachel. Chorou de ternura e alegria. Depois de lavar o rosto para não parecer ter chorado, voltou a seus irmãos alguns instantes depois e convidou-os para jantar na sua propria mesa: extranharam muito este tratamento.

Depois do jantar chamou José o seu intendente e lhe disse: "Encha de trigo os saccos destes hebreus e na bocca do sacco ponha o dinheiro de cada um, como fez na primeira viagem; além disso, no sacco do mais moço, esconda a minha taça de prata." Tudo se fez segundo as ordens de José.

No dia seguinte partiram os irmãos contentissimos. Estavam apenas fóra da cidade quando José chamou o seu intendente e lhe disse: "Corra ao alcance daquelles hebreus e prenda-os, dizendo-lhes: Por que viestes aqui como ladrões para furtar a meu amo e roubar-lhe a sua taça de prata ?"

O intendente correu logo e fez assim como disse José. Os filhos de Jacob foram grandemente assustados e responderam: "Não é possivel; nunca nenhum de nós roubou cousa alguma a ninguem. E' facil verificar; abramos os saccos e morra aquelle que tiver roubado a taça e todos nós ficaremos então como escravos."

Descarregaram-se os saccos; e logo a taça appareceu no sacco de Benjamin

Consternados de pena e de temor, tranzidos de espanto, os filhos de Jacob foram reconduzidos á cidade e levados deante de José.

Quando compareceram perante o ministro, lançaram-se todos a seus pés e este disse-lhes com o semblante irritado: "Por que assim pagastes o bem pelo mal? — Senhor, respondeu Judá, ninguem de nós roubou a vossa taça; todas as apparencias, porém, nos condemnam; Deus nos castiga; podeis guardar-nos todos como escravos, se tal fôr a vossa vontade. — Não farei tal, replicou o ministro, seria in-

justiça; aquelle que furtou a taça, esse é que deve ficar como escravo; quanto aos outros, voltae em paz para o vosso paiz."

Nisto approximou-se Judá mais perto do ministro e, de joelhos, deu a conhecer a pena immensa que a prisão de Benjamin causaria a seu velho pae; falou em termos tão vivos, tão commoventes, que todos choravam de enternecimento; terminou seus rogos por esta supplica: "Senhor! se eu voltar sem o menino, a dôr matará em breve nosso pae amadissimo; ah! que desgraça! Responsabilizei-me por Benjamin; acceitae-me em logar delle; guardae-me como vosso escravo, ficarei de boa mente, mas deixae-o partir com os outros."

José não podendo resistir mais tempo, mandou pôr fóra da sala todas as pessoas extranhas; depois, chorando copiosas lagrimas, com voz sentida, exclamou: "Eu sou José, vosso irmão! Como vae nosso pae?" Mas os irmãos ainda mais aterrados, não puderam responder palavra alguma; José, para consolal-os, falou-lhes carinhosamente e disse com muita brandura: "Sim, sou José, vosso irmão; mas não tenhaes medo, pois que, sem duvida, foi para vosso bem e vossa salvação que Deus permittiu que eu fosse conduzido a este paiz."

Dito isto, abraçou a Benjamin, estreitando-o por muito tempo contra o seu peito com abundante effusão de lagrimas; abraçou tambem com grande carinho os demais irmãos, e em seguida accrescentou: "Dae-vos pressa agora para ir buscar nosso pae; que elle venha viver no Egypto; lhe farei dar a parte mais formosa destas terras, onde haverá abundantes pastos; não terá de soffrer cousa alguma durante os cinco annos de fome que vamos ter ainda."

Cheios de goso e cumulados de regalos, voltaram os filhos de Jacob á casa de seu pae e lhe disseram: "Vosso filho José vive e é senhor de todo o Egypto." Ao ouvir tão estupenda noticia, o veneravel patriarcha pareceu despertar de um profundo sonho; não podia acreditar nas palavras de seus filhos. Estes contaram-lhe a meudo tudo quanto se passára, mostraram os ricos presentes que José lhes fizera e em particular os magnificos carros do rei, ricos vestidos e muito dinheiro. Com extremo jubilo, o venerando ancião reconheceu a verdade e exclamou, feliz: "Pois que José vive ainda, nada mais tenho que desejar; irei vel-o antes de morrer."

Jacob reuniu sua familia em numero de trinta pessoas e partiu; quando chegou aos limites da sua terra, antes de entrar no Egypto, consultou o Senhor, que lhe appareceu e lhe disse: "Não temas, desce ao Egypto, onde quero multiplicar a tua posteridade; dahi chamarei os teus descendentes para os estabelecer com gloria na terra que lhes prometti."

Judá foi adeante para avisar a José da chegada de seu pae; logo que o soube, José mandou arrear o seu mais bello cavallo e sahiu ao encontro do pae amado e o abraçou com terna emoção e prantos de alegria. Disse-lhe o veneravel Jacob: "Agora, posso morrer em paz, pois que vi o teu rosto."

Depois José o apresentou ao pharaó. Este admirou-se muito do aspecto digno e veneravel do santo ancião. Perguntou-lhe em particular quantos annos de vida tinha. "Os dias da minha peregrinação, respondeu-lhe Jacob, são cento e trinta annos, dias curtos e máos, que poucos são, comparados com a longa vida de meus paes."

José obteve para seu pae e seus irmãos o fertilissimo paiz de *Gessen*, onde Jacob viveu ainda dezesete annos.

Morte de José — Cincoenta e quatro annos mais tarde morreu tambem José cumulado de honras e de consideração: governára o Egypto durante oitenta annos.

O seu corpo foi embalsamado, posto em um ataúde e religiosamente conservado pelos filhos de Israel. Mais tarde, estes restos veneraveiss foram levados ao valle de Mambré, onde repousaram ao lado dos de seus paes.

Reflexão — O procedimento de José para com seus irmãos, ensina que todo o bom christão deve se esquecer das injurias recebidas e pagar o mal com o bem.

as Constipações antigas ou recentes
Tosses, Bronchites
são radicalmente curadas com o
Xarope "Roche"
ao Thiocol
o verdadeiro regenerador dos Pulmões.
VENDE-SE EM TODAS AS PHARMACIAS E DROGARIAS.
Xarope Roche
ao Thiocol
Ch. Weiss
UNICOS CONCESSIONARIOS DE F. HOFFMANN-LA ROCHE & Cº 21 PLACE DES VOSGES - PARIS
RIO DE JANEIRO
RUA DA ALFANDEGA 201
HUGO MOLINARI & Cº LTD
SÃO PAULO
RUA DO CARMO, 11 - 3º SALA 7.

O que se deve dizer

JOÃO ROSNIL

Uma mulher tinha um filho tão falto de intelligencia, tão tolo que todos tinham vergonha de contal-o na sua familia. Um dia em que não restava na despensa nem uma migalha de pão, a mãe pesou duas arrobas de trigo, pol-as em um sacco, collocou este sobre o hombro do filho e lhe recommendou:

— Antonio, leva esse trigo para moer e não se esqueça de dizer ao moleiro que, como paga do seu trabalho, tome um punhado por arroba.

— Sim, sim; entendo muito bem. Um punhado por arroba.

— E' isso. Hoje me parece que estás mais esperto que de costume. Porém, afim de que não te esqueças ou digas outra cousa, como tens feito, emquanto fôres pelo caminho não cessa de repetir: um punhado por arroba... um punhado por arroba...

— Sim, mamãe; é muito facil.

E o rapaz se poz a andar repetindo de dois em dois passos: um punhado por arroba... um punhado por arroba...

Depois de um bom trecho de caminho, passou perto de dois lavradores que semeavam trigo em um campo proximo da estrada. Os dois homens voltaram-se surprehendidos ao ouvir o que o moço ia dizendo em voz alta: "um punhado por arroba... um punhado por arroba..." e, imaginando que o tolo imprecava maldição contra a sua lavoura, seguraram-no encolerizados e deram-lhe uns tapas.

— Mas, por que? por que? — exclamava o pobre rapaz. — Que lhes fiz eu?

— Porque estamos semeando e quando se faz a plantação só se deve dizer: "Deus a abençôe!"

— Está bem. Vou já dizer isso para que não se aborreçam.

E Antonio proseguiu o seu caminho repetindo docilmente:

— Deus a abençôe! Deus a abençôe.

Um pouco na frente encontrou dois homens que arrastavam uma cadella solidamente amarrada.

Ao passar junto delles, Antonio dirigiu um olhar para o animal, sem deixar de dizer:

— Deus a abençôe! Deus a abençôe...

Suppondo que falava com elles um dos homens arrumou-lhe um socco na cabeça, sem prejuizo de fazel-o seguir de uma grande descompostura e meia duzia de bofetadas.

Perdão! Perdão! — implorou a victima tentando aparar os golpes com o braço. — Que é preciso dizer para não me baterem mais?

— Esta cadella á, qual desejas tanto bem, está damnada, apanhou raiva subitamente e vamos enforcal-a longe de casa. Se queres pades dizer: "Ah! pobre animal que vão enforcar!"

— Nada mais facil: Pobre animal que vão enforcar... pobre animal que vão enforcar.

E lá se foi repetindo insistente a nova cantilena. Pouco depois se deteve a contemplar um grupo de homens e mulheres vestidas festivamente que acompanhavam uma noiva á egreja, toda vestida de branco.

— Ah! pobre animal que vão enforcar!... Pobre animal que vão enforcar! — psalmodiava o tolo, encarando o cortejo nupcial.

— Que estás dizendo? — exclamou o cunhado da noiva.

— Pobre animal que vão enforcar!

O cunhado da moça encolerizou, o sogro, um irmão, a cunhada, todos emfim do cortejo puzeram-se a injuriar o rapaz. Foi uma chuva de soccos, pontapés e chicotadas, emquanto gritavam:

— Ah... dizes que nós vamos enforcal-a. Toma! Toma!

Por fim dos companheiros conseguiu impor um pouco de calma e disse a Antonio:

— Se queres que te perdoemos o desaforo, terás de dizer: "Oxalá seja o mesmo para todas!"

— Sim, sim; não direi outra coisa choramingou o Antonio.

E, voltando-lhes as costas, lá se foi dizendo:

— Oxalá seja o mesmo para todas!

Assim chegou á entrada de uma aldeia, cujos habitantes se dedicavam afanosamente a apagar um incendio que devorava a casa do alcaide.

—Oxalá seja o mesmo para todas! Oxalá seja o mesmo para todas! — dizia o tolo.

— Miseravel! — exclamou o alcaide, dando-lhe uma bengalada na cabeça.

— Mas senhor, que deseja que eu diga?

— Ora que pergunta: "Queira o céo que se apague". E' o que deves dizer.

— Que cousa difficel é agradar uns sem desgotar outros! — murmurou o pobre Antonio — Bem; tratarei de dizer isso.

Cinco minutos depois Antonio passava ao lado de um caçador que, com duas mãos juntas tratava em vão de proteger contra o vento a chamma do phosphoro com que tentava accender o cachimbo. Muito cortezmente para evitar que não se occorresse outro incidente desagradavel com esse senhor, Antonio cumprimentou-o, tirando-lhe o gorro, sem cessar de repetir:

— Queira o céo que se apague! Queira o céo que se apague!

Um pontapé interrompeu a cantarola do rapaz que, desta vez, sem esperar explicação, se poz a correr até ao moinho, cujo contorno se destacava a um lado da estrada. Mas se achava tão confuso que em vez de repetir a phrase que a mãe lhe ditou, a disse invertida:

— Minha mãe disse que o senhor tomasse como paga uma arroba por punhado...

O moleiro replicou immediatamente:

— Muito bem, rapaz; deixa o trigo e leva a bolsa.

Antonio volveu essa noite para casa sem um punhado de farinha e a pobre mulher se convenceu mais uma vez de que não ha recommendação que possa dispensar a intelligencia, pois de um tolo não se póde esperar senão tolice.

(trad. de Nondas).

A CORRIDA DIFFERENTE

(FIM)

— Estou ansioso por saber qual será o fim disso! interrompeu Sergio.

— Espere: disse o Felicio rindo. Não é que o macaco fez uma das delle? Conferiu o premio a Centopeia, porque com cem pés que tem, foi quem deu mais passos do que todos!

— Ora que idéa! Ao menos o premio valeu a pena?

Conforme; alguns bichos ficaram com inveja, outros deram graças a Deus. A recompensa era morar com a onça.

— Livra! disseram os bichos grandes, ella pode sentir vontade de comer... e quem acode a gente?

— Pois eu estou muito satisfeita, disse a centopeia; eu sou pequenina, por isso ella não me vae querer para o jantar... ella é rica, passa uma vida regalada e eu com ella!

Está muito bom!

TIO NOUGUI

FADAS

POR

Iracema Guimarães Villela

ILLUSTRAÇÃO DE

J. Carlos

Que direi de Melus'na,
De Viviana a pequenina
Que dorme sobre um jasmim?
De mil outras, cuja gloria
Enche as paginas, da historia
Dos reinos d'El-Rey Merlim?

Com que ternura evoco essas doces historias tão suaves e romanticas em que minh'alma infantil palpitava de emoção! E seguia com fremitos de ansiedade as fadas e duendes que vinham subtilmente da brisa do ar e no perfume das flores depôr sobre a minha candida alma de creança todos os encantos, todo o poder que, apesar de suas diaphanas e mimosas figuras, podiam dispor ao capricho volatil da sua vontade!

Até hoje, essas doces lendas distrahem com a graça de sua fantasia as horas alegres do meu viver! Titania, Viviana, Mab Merlim, o feiticeiro, Merlim, o magico, que tudo pudera conseguir, destruindo thronos, exercitos, poderios, e tudo perdera, de tudo desistira, para obter o amor de uma mulher, fada como elle e como elle magica! Não é isto a visão perfeita da vida de hontem, de hoje e de amanhã? Não é Viviana com suas traições, seus sorrisos perfidos, suas promessas entontecedoras, suas caricias occultando veneno, a imagem exacta da mulher de todos os tempos?

Para obter o filtro de Merlim que lhe entregava os corações, e dava num minuto, instanteamente, o imperio dominador sobre as almas e os objectos, Viviana tornou-se humilde affectuosa, submissa, e não contente de segurar com avidez o talisman entre os dedos febris, envolveu o magico nos seus braços apaixonados e fez-lhe soltar o dedo o annel de ouro que num esforço immenso, embora embriagado de amor, elle queria conservar como derradeiro arranco da sua vontade que desfallecia:

— Ah! bella moça! — murmurou — é a mim que queres seduzir?

Não vos basta a maravilhosa luz do vosso olhar?

Ella sorriu triumphalmente. Vencerá! vencerá! De sua microscopica bocca, fresca como a aurora, perfumada como o suspiro de uma rosa, evolaram-se palavras radiantes, exclamações de ventura. Vencerá! Ella, a pequenina, a fragil domara o poder masculo, o braço viril que sem isso a haveria de abandonar. O que a sua belleza não pudera o filtro realizara! Ah! agora tinha-o ali, aquelle Merlim inconstante, tinha-o bem ali preso na grilheta de seus encantos! A nossa imaginação enternecida sorri da astucia da linda Viviana que, como mulher mesmo, não crêra no poder fascinador de sua formosura, e a ella juntara a força da magia.

— Enfeitiçaste-me tão bem com tuas palavras doces e persuasivas que nada te posso recusar — continuou elle — julgando ser o vencedor.

Ella quizera, após os conselhos do livro magico, guia de ora avante do seu espirito, impedir que alguem pudesse afastar-se da floresta de Brocelande e sentir a plenitude da sua victoria, quando reparou que os passaros voltavam aos ninhos, sem poderem voar além dos limites dos bosques. Se liames invisiveis prendiam as aves, nos seus avidos vôos de liberdade, poderiam tambem segurar Merlim, hontem seu senhor, hoje seu escravo. Ella ria, desafiando as nymphas e os elfos escondidos nos reconcavos dos arvoredos. Ninguem dali se poderia mover, ninguem; e elle mesmo, o grande magico, transformara-se num debil mortal sem energia nem vontade, fascinado pelo olhar scintillante da serpente. Até que finalmente! até que finalmente!

Rememorando aquelles delicados seres que deliciaram a minha infancia, eu desejaria, se possivel fosse, que ainda hoje em certos momenots, elles viessem docemente, suavemente, encantar a irrequieta fantasia dos meus pequeninos patricios, lindas e buliçosas creanças do meu Brasil.

O califa Harum-al-Raschid

O nome do califa Harum-al-Raschid é conhecido em todo o mundo como protagonista de muitos dos engenhosos contos das "Mil e uma noites". Nos paizes musulmanos é ainda mais popular, porque figura tambem em innumeras anecdotas e apologos tradicionaes nos quaes apparece como o prototypo do monarcha justo e sabio. Mas Harum-al-Raschid não é, como seria facil acreditar, dadas as extraordinarias aventuras que lhe são attribuidas, um heróe lendario mas um personagem historico, se bem que neste caso sua figura deixa de ser tão sympathica quanto a esboça a fantasia ilteraria. Sem duvida, seu reinado foi, como disse a tradição, prospero, brilhante, culto e governado por leis justas, mas esse esplendor e essa organização intelligente foram sobretudo a obra do seu grão-vizir Yahia.

Harum-al-Raschid, quinto dos califas de Bagdad, da dynastia dos Abazidas, nasceu no anno 763 ou 766 da éra christã. Contava vinte e dois annos quando subiu ao throno. Os biographos arabes são accordes em chamar-lhe "mais illustrado, eloquente e generoso dos califas". Foi certamente uma das figuras mais proeminentes do seu tempo, não obstante muito pouca cousa se saber de sua vida privada e de sua historia pessoal.

Harum-al-Raschid brilhou no throno graças á prudencia e sagacidade de seu secretario Yahia, da famosa familia dos Barmecidas, a quem nomeou logar-tenente e grão-vizir. A este incumbiu toda a responsabilidade do governo e soube desempenhar suas funcções com a habilidade costumada. Fortificou as fronteiras, corrigiu as deficiencias da administração publica, augmentou o thesouro fiscal, fomentou a prosperidade publica auxiliando o commercio e assegurando boa policia e optima justiça. Vigiava pessoalmente todos os departamentos do governo, que dirigia com firmeza e prudencia. Pessoalmente era culto e affavel e sua munificiencia grangeava louvores e estima geraes.

No anno de 798 Harum-al-Raschid designou seu filho Abdullah como herdeiro para succeder a seu filho maior e concedeu-lhe o cargo de virrey de Korasán. Ao mesmo tempo o confiou aos cuidados de um filho de Yahia, chamado Jaafer.

O grão-vizir Yahia e seu filho Jaafer contavam com toda a confiança do monarcha e rapidamente adquiriram grandes riquezas e uma grande influencia em tudo. Mas para o fim as pessoas da familia dos Barmecidas despertaram no califa inveja e receios.

Esse estado de animo degenerou numa ira terrivel, quando soube que Jaafer se tinha casado secretamente com uma sua irmã.

Immediatamente ordenou que matassem a sua irmã, a Jaafer e a dois pequenos, filhos de ambos, acto de

crueldade que empana na historia a gloria do seu reinado.

Depois da queda da familia dos Barmecidas a quem tanto devia o monarcha, o cargo de grão-vizir, de primeiro ministro, foi exercido pelo camareiro de Harum-al Raschid, chamado Fadhl, até á morte do califa.

Harum-al-Raschid tinha partido para Korasán, afim de reprimir uma insurreição de grandes proporções, porém ao chegar a Tus foi surprehendido pela morte no anno de 808.

O reinado de Harum-al-Raschid é um dos mais brilhantes nos annaes do califado; em periodo algum foram tão extensos como até então os limites do imperio.

Grande parte do Oriente estava submettida ao califado e pagava-lhe tributos. O Egypto mesmo era só uma provincia governada por um funccionario nomeado pelo califa. Harum-al- Raschid rodeou-se de um grande numero de philosophos, poetas, eruditos, juristas, grammaticos, musicos, etc., aos quaes protegia com largueza.

Harum-al-Raschid era mesmo um homem de grande illustração e excellente poeta; possuia em materia de arte um criterio louvavel. As innumeraveis anecdotas suas que narra a tradição popular, ainda que não tenham sido reaes, revelam um sentimento de profundo respeito, tanto pelo povo como pelas principaes classes, pela sciencia e o espirito de justiça do califa "As mil e uma noites".

O REI DO RIO

(FIM)

Mais alguns minutos, e o ruido que augmentava assustadoramente, poz em sobresalto e alvoroço os guerreiros brancos inopinadamente despertados.

— A pororóca !

— A pororóca !

Eram os gritos que se ouviam na taba selvagem.

— A enchente! — exclamavam, por sua vez os guerreiros brancos rodeados já pela agua que os sitiava tambem, rugindo com impeto e tudo levando de vencida deante de si...

.. ..

Quando a madrugada veiu illuminar o scenario da vespera, tudo havia mudado, como nos theatros: o logar onde fôra o acampamento dos invasores era um vasto lençol de lama, cheio de destroços, de troncos de arvores arrancadas, de palhas encharcadas, detrictos de toda especie...

O "rei do rio" attendera a invocação que lhe havia feito seu protegido, o joven cacique da tribu sitiada.

E. WANDERLEY

"Vá dizendo
a toda gente"
que o
ELIXIR DE
INHAME
DEPURA-FORTALECE-ENGORDA

Calendario

JANEIRO

Acquarius	31 dias
1 — *Quinta* . . .	✠ *Circumcisão*
2 — Sexta . . .	S. Isidoro
3 — Sabbado . .	S. Anthero
4 — *Domingo.* .	S. Gregorio
5 — Segunda . .	S. Semeão Estellita
6 — *Terça* . . .	✠ *Santos Reis*
7 — Quarta . .	S. Theodoro
8 — Quinta . . .	S. Lourenço Jus.
9 — Sexta . . .	S. Julião
10 — Sabbado . .	S. Gonçalo
11 — *Domingo.* .	S. Hygino
12 — Segunda . .	S. Satyro
13 — Terça . . .	S. Hilario
14 — Quarta . .	S. Felix de Nola
15 — Quinta . . .	S. Amaro
16 — Sexta . . .	SS. Nome de Jesus
17 — Sabbado . .	S. Antão
18 — *Domingo.* .	S. Leonardo
19 — Segunda . .	S. Canuto
20 — Terça . . .	S. Sebastião
21 — Quarta . .	Sta. Ignez
22 — Quinta . . .	S. Vicente
23 — Sexta . . .	S. Bernardo
24 — Sabbado . .	N. S. da Paz
25 — *Domingo.* .	Conv. de S. Paulo
26 — Segunda . .	S. Polycarpo
27 — Terça . . .	S. João Chrysost.
28 — Quarta . . .	S. Floriano
29 — Quinta . . .	S. Fr. de Salles
30 — Sexta . . .	Sta. Martinha
31 — Sabbado . .	S. Pedro Nolasco

FEVEREIRO

Pisces	28 dias
1 — *Domingo.* .	*Septuagesima*
2 — *Segunda* . .	*Purif. de N. S.*
3 — Terça . .	S. Braz
4 — Quarta . .	S. André
5 — Quinta . . .	S. Semeão Estellita
6 — Sexta . . .	S. Tito
7 — Sabbado . .	S. Romualdo
8 — *Domingo.* .	Sta. Gudula
9 — Segunda . .	S. Nicéphoro
10 — Terça . . .	S. Guilherme
11 — Quarta . . .	S. Adolpho
12 — Quinta . . .	Sta. Eulalia
13 — Sexta . . .	S. Gregorio II
14 — Sabbado . .	S. Valentim
15 — *Domingo.* .	*Carnaval*
16 — Segunda . .	S. Porphirio
17 — Terça . . .	S. Faustino
18 — Quarta . . .	S. Theotonio (*Cin.*)
19 — Quinta . . .	S. Canuto
20 — Sexta . . .	S. Eleuterio
21 — Sabbado . .	S. Germano
22 — *Domingo.* .	1º da Quaresma
23 — Segunda . .	S. Lazaro
24 — Terça . . .	*Pr. da Const.*
25 — Quarta . . .	S. Cesario
26 — Quinta . . .	S. Torquato
27 — Sexta . . .	S. Leandro
28 — Sabbado . .	S. Romão

MARÇO

Aries	31 dias
1 — *Domingo.* .	S. Adrião
2 — Segunda . .	S. Jayme
3 — Terça . . .	S. Martinho
4 — Quarta . .	S. Casimiro
5 — Quinta . . .	S. Theophilo
6 — Sexta . . .	Sta. Coleta
7 — Sabbado . .	S. Thom. de Aquino
8 — *Domingo.* .	S. João de Deus
9 — Segunda . .	S. Frac. Romana
10 — Terça . . .	S. Crescencio
11 — Quarta . .	S. Constantino
12 — Quinta . . .	S. Gregorio
13 — Sexta . . .	S. Rodrigo
14 — Sabbado . .	Sta. Mathilde
15 — *Domingo.* .	S. Zacharias
16 — Segunda . .	S. Cyriaco
17 — Terça . . .	Sta. Agricola
18 — Quarta . .	S. Gab. Archanjo
19 — Quinta . . .	S. José
20 — Sexta . . .	S. Ambrosio
21 — Sabbado . .	S. Bento
22 — *Domingo.* .	S. Emygdio
23 — Segunda . .	S. Liberato
24 — Terça . . .	S. Agapito
25 — Quarta . .	✠ *Ann de N. S.*
26 — Quinta . . .	S. Braulio
27 — Sexta . . .	S. Roberto
28 — Sabbado . .	Sta. Dorothéa
29 — *Domingo.* .	*Ramos*
30 — Segunda . .	S. Amadeu
31 — Terça . . .	S. Balbina

ABRIL

Taurus	30 dias
1 — Quarta . .	S. Macario
2 — Quinta . . .	S. F. P. (*End.*)
3 — *Sexta* . . .	*Paixão*
4 — Sabbado . .	S. Zozimo (*Allel.*)
5 — *Domingo.* .	S. V. Ferrer (*Pasc*)
6 — Segunda . .	S. Marcellino
7 — Terça . . .	S. Epiphanio
8 — Quarta . .	S. Amancio
9 — Quinta . . .	S. Christiano
10 — Sexta . . .	S. Ezequiel
11 — Sabbado . .	S. Leão Magno
12 — *Domingo.* .	S. Victor
13 — Segunda . .	S. Hermenegildo
14 — Terça . . .	S. Tiburcio
15 — Quarta . .	Sta. Basilissa
16 — Quinta . . .	S. Engracia
17 — Sexta . . .	S. Aniceto
18 — Sabbado . .	S. Galdino
19 — *Domingo.* .	S. Hermogenes
20 — Segunda . .	Sta. Ignez
21 — Terça . . .	*Tiradentes*
22 — Quarta . .	S. Sotero
23 — Quinta . . .	S. Jorge
24 — Sexta . . .	S. Fiel
25 — Sabbado . .	S. Marcos Ev.
26 — *Domingo.* .	S. Pedro de Rates
27 — Segunda . .	S. Tertuliano
28 — Terça . . .	N. S. Prazeres
29 — Quarta . . .	S. Pedro de Veron
30 — Quinta . . .	Sta. Cath. de Sena

MAIO

Gemini	31 dias
1 — *Sexta* . . .	*F. do Trabalho*
2 — Sabbado . .	S. Athanasio
3 — *Domingo.* .	*Desc. do Brasil*
4 — Segunda . .	Sta. Monica
5 — Terça . . .	S. Juveniano
6 — Quarta . .	S. João Damasceno
7 — Quinta . . .	S. Estanislau
8 — Sexta . . .	S. M. Archanio
9 — Sabbado . .	S. Gregorio
10 — *Domingo.* .	S. Aureliano
11 — Segunda . .	S. Anastacio
12 — Terça . . .	S. Joanna
13 — Quarta . .	*Abol. da Escr.*
14 — Quinta . . .	✠ *Ascensão N. S.*
15 — Sexta . . .	S. Mauricio
16 — Sabbado . .	S. João Nepomuc.
17 — *Domingo.* .	S. Possidonio
18 — Segunda . .	S. Venancio
19 — Terça . . .	S. Pedro Celestino
20 — Quarta . . .	S. Bernardino
21 — Quinta . . .	S. Manços
22 — Sexta . . .	S. Rita de Cassia
23 — Sabbado . .	S. Basilio
24 — *Domingo.* .	*Espirito Santo*
25 — Segunda . .	S. Maria Magdal.
26 — Terça . . .	S. Felippe Nery
27 — Quarta . .	S. Maria Magdal.
28 — Quinta . .	S. Germano
29 — Sexta . . .	S. Maximo
30 — Sabbado . .	S. Fernando
31 — *Domingo.* .	*SS. Trindade*

JUNHO

Cancer	30 dias
1 — Segunda . .	S. Firmo
2 — Terça . . .	S. Marcellino
3 — Quarta . . .	Sta. Paula
4 — Quinta . . .	*Corpo de Deus*
5 — Sexta . . .	S. Marciano
6 — Sabbado . .	S. Norberto
7 — *Domingo.* .	S. Licarião
8 — Segunda . .	S. Severino
9 — Terça . . .	S. Primo
10 — Quarta . .	Sta. Margarida
11 — Quinta . . .	S. Barnabé
12 — Sexta . . .	S. Cor. de Jesus
13 — Sabbado . .	S. Antonio de P.
14 — *Domingo.* .	S. Basilio Magno
15 — Segunda . .	S. Vito
16 — Terça . . .	S. Aureliano
17 — Quarta . . .	Sta. Dorothéa
18 — Quinta . . .	S. Agostinho
19 — Sexta . . .	Sta. Julianna
20 — Sabbado . .	S. Silverio
21 — *Domingo.* .	S. L. Gonzaga
22 — Segunda . .	S. Paulino
23 — Terça . . .	Sta. Edeltrudes
24 — Quarta . . .	S. João Baptista
25 — Quinta . . .	S. Guilherme
26 — Sexta . . .	S. Anthelmo
27 — Sabbado . .	S. Ladislau
28 — *Domingo.* .	S. Leão II
29 — Segunda . .	✠ *SS. Ped. e Plo.*
30 — Terça . . .	S. Marçal

LEITE CONDENSADO
VIGOR

REVISTA
POPULAR
Cinearte
TODA
EM
ROTOGRAVURA
OTTO SACHS.

A' Redacção de Cinearte Rio
MILHARES DE PESSÔAS
Estão pedindo assignaturas de Cinearte !...
PORQUE Cinearte SE TORNA CADA VEZ MAIS INTERESSANTE.
PORQUE É A UNICA REVISTA EXCLUSIVAMENTE CINEMATOGRAPHICA.
Porque não ha no mundo uma revista semanal, de cinema como Cinearte...
PORQUE Cinearte PUBLICA SEMPRE CHRONICAS DE HOLLYWOOD, DE NEW-YORK E DA EUROPA, BEM COMO BIOGRAPHIAS E MAGNIFICOS RETRATOS DE ARTISTAS, COMMENTANDO TODOS OS FILMS E OS DISCOS APRESENTADOS NO BRASIL...
!...

BIOTONICO
FONTOURA
FONTOURA
BIOTONICO
SANGUE
MUSCULOS
NERVOS
O BIOTONICO
É EFFICAZ
EM AMBOS OS SEXOS E
EM TODAS AS EDADES
INSTITUTO "MEDICAMENTA"
FONTOURA & SERPE
BRASIL